

MEU TUDO
é Você

Trilogia Minha Para Amar | Livro 1

LÉIA FERNANDES



MEU TUDO é Você

Trilogia Minha Para Amar | Livro 1

LÉIA FERNANDES

Copyright © Léia Fernandes

Edição Digital: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Notas da autora:](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Maria Luíza Botelho](#)

[Fernando Marques Sampaio](#)

[Capítulo 2](#)

[Malu](#)

[Capítulo 3](#)

[Malu](#)

[Capítulo 4](#)

[Malu](#)

[Capítulo 5](#)

[Malu](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 6](#)

[Malu](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 7](#)

[Malu](#)

[Capítulo 8](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 9](#)

[Malu](#)

[Capítulo 10](#)

[Malu](#)

[Capítulo 11](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 12](#)

[Malu](#)

[Capítulo 13](#)

[Malu](#)

[Capítulo 14](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 15](#)

[Malu](#)

[Dois dias depois](#)

[Capítulo 16](#)

[Malu](#)

[Capítulo 17](#)

[Malu](#)

[Capítulo 18](#)

[Fernando](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 19](#)

[Malu](#)

[Capítulo 20](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 21](#)

[Malu](#)

[Alejandro](#)

[Capítulo 22](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 23](#)

[Malu](#)

[Carol](#)

[Capítulo 24](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 25](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 26](#)

[Fernando](#)

[Capítulo 27](#)

[Malu](#)

[Uma semana depois](#)

[FIM](#)

[Epílogo](#)

[Malu](#)

[Sobre autor](#)

[Outras obras](#)

Sinopse

Quando ainda era adolescente, Maria Luíza perdeu a mãe, viu-se obrigada a morar em abrigos, sofreu muito, mas não desanimou. Ainda bem nova conseguiu seu primeiro emprego e uma paixão por André, por quem se sentiu atraída instantaneamente, no entanto, ele nunca soube de seu sentimento. Dedicada ao trabalho, vê seu mundo ruir ao ser abordada no metrô por um estranho mal intencionado, transformando sua vida em um inferno.

Fernando é um jovem policial civil, com grande senso de justiça e proteção, e um objetivo de vida: descobrir quem assassinou sua irmã. Ele não pensa duas vezes ao se arriscar para salvar uma estranha.

Ela queria apenas sua amizade...

Ele só queria protegê-la.

Eles não contavam com as surpresas reservadas pelo destino.

Notas da autora:

O Dia mundial contra o tráfico de pessoas é 30/07

“O tráfico é uma organização criminosas que rouba, engana, induz jovens, mulheres, crianças e até mesmo homens que buscam melhores condições de vida”.

Instrumento legal internacional que trata do tráfico de pessoas, em especial de mulheres e crianças: O [Protocolo de Palermo](#) foi elaborado em 2000, tendo entrado em vigor em 2003 e ratificado pelo Brasil por meio do [Decreto nº 5.017, de 12/03/2004](#), que promulgou esse Protocolo, oficialmente conhecido como “Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças”.

Fonte: <http://www.compromissoeatitude.org.br/protocolo-de-palermo/>

Dedicatória

Para minha filha Karen Daniele, meu amor todinho



Prólogo

— Não se preocupe, jamais desconfiarão de mim. — Eu conheço essa voz, meu corpo gela ao constatar que é quem estou pensando — Está tudo se encaminhando melhor do que a encomenda, agora vai ser até mais fácil pegá-la, ela está em um local de fácil acesso. — Preciso buscar Malu e farei isso agora. Dou meia volta e corro, espero que não seja tarde demais.

— Malu, sou eu. André está em casa?

— Não, ele saiu dizendo que ia buscar a moto.

— Então, não abra a porta para ninguém, estou indo te buscar e vou te ligar. Avise ao porteiro para que eu possa subir. Só abra a porta quando eu te ligar, ok?

— O que está acontecendo? Estou assustada, Alê.

— Não tenho tempo para explicar agora, já estou chegando. Coloque suas coisas de volta na mala, e não abra a porta para ninguém. Chegando te explico.

— Está bem, não demore.

Corro contra o tempo, subo quase sem fôlego, tamanha é minha apreensão. Posso estar fazendo uma tempestade por nada, mas não vou deixar que aconteça algo para que depois eu me arrependa. Ligo para Malu, quando chego a porta, ela abre e pula em meus braços, em prantos.



Capítulo 1

Maria Luíza Botelho

A cada semana, um funcionário fica de plantão até que o último cliente saia da drogaria para fechar a mesma, e essa é a minha.

Fico me perguntado o porquê das pessoas deixarem tudo para o último minuto? Não estou reclamando de trabalhar, longe disso, mas isso não entra em minha cabeça. Se você está mal, a lógica é comprar logo seu medicamento, correto? Não para a maioria das pessoas que se dizem normais, elas deixam para o último minuto, quando as portas já estão praticamente abaixadas.

Meu nome é Maria Luiza, mas me chamam carinhosamente de Malu desde que me entendo por gente — quando entrei para a escola foi uma briga feia, não aceitava meu nome verdadeiro, teimava que era Malu e pronto, mamãe foi chamada por diversas vezes até que finalmente entendi que Malu era um apelido carinhoso.

Mas, voltemos ao que interessa. Estamos prestes a fechar a drogaria e eis que chega um cliente, sem pressa alguma para ir embora — diga-se de passagem — apresenta a receita, mas não contente, começa a andar pelos corredores procurando algo que nem ele mesmo deve saber o que é e, no fim das contas, não tem intenção de comprar nada mais do que está prescrito.

Dez minutos depois resolve finalmente desistir de sua busca por nada e dirige-se ao caixa, paga por sua medicação e finalmente podemos ir para os nossos lares.

— Malu o que vai fazer hoje? — Ah, uma operadora do caixa também fica até o fechamento, juntamente com o segurança que nos acompanha até o lado de fora.

— Como sempre, vou curtir o aconchego da minha cama e assistir uma série no Netflix.

— Você precisa se divertir garota. — Sorrindo Jeanne fala. — Vou para uma baladinha mais tarde, por que não me acompanha? — sugere.

— Ah, deixa para a próxima, nem arrumada estou. — Dou-lhe um sorriso amarelo.

— Nem eu estou. Vou passar em casa e me arrumar antes. Se animar, me liga e nos encontramos.

— Vou pensar. — Seguindo em direção ao metrô respondo, mas já sei que não vou, estou muito cansada para passar a noite dançando.

Despedimo-nos e ela segue para o ponto de ônibus, enquanto eu desço as escadarias que me levam ao túnel do metrô. Não é novidade alguma não encontrar lugar para assentar este horário em pleno sábado à noite, mas por ironia do destino, encontro um lugar vago e agradeço mentalmente por poder me assentar depois de uma longa jornada de mais de nove horas de trabalho. Sento-me e o homem ao meu lado fala com uma voz calma, contida, mas ameaçadora:

— Você fará tudo o que eu disser e se reagir será pior, melhor não gritar —. Tenho um ataque de pânico, não movo parte alguma do meu corpo, esse medo me domina e me sufoca. — Quando eu descer, você vai me acompanhar lado a lado, sem tentar nem um tipo de gracinha, estamos entendidos? — Não respondo nem ousar mexer meu pescoço para olhar em sua direção. Esse homem vai me violentar, me matar e depois abandonar meu

corpo em um lugar qualquer.

Forço-me a reagir, sei que não é o certo, mas preciso me defender. Quem sabe com o metrô cheio ele se intimida? Com os olhos procuro por ajuda, mas os outros passageiros estão absortos em seu mundo particular.

Um homem para em nossa frente, alheio ao meu drama, com uma mochila grande nas costas, escutando músicas com o fone em apenas um ouvido. Vejo ali minha tábua de salvação.

— Sei o que está tentando fazer, mas vou logo avisando que não vai funcionar. — O homem fala bem mais rude. Aponta seu canivete para minha cintura, mas minha vontade de viver ainda é maior do que o medo que tenta me abraçar novamente. Preciso lutar por mim.

— Oi Juan! — falo alto o suficiente para ser ouvida. O cara me olha com uma cara de “está louca?” e volta sua atenção para o nada.

O homem sentado ao meu lado, encosta-se mais a mim com seu canivete, a lâmina é forçada em minha roupa e, chego a sentir um leve arranhão em minha pele, mas ou morro nas mãos deste louco, ou tento sobreviver, ainda que eu saia machucada no fim. E agarro a chance de sobreviver.

— Juan, não me reconhece? — Sei que minha voz sai em súplica, pois, consigo chamar sua atenção. Imploro aos céus para que ele compreenda meu pedido de socorro.

Ele então arqueia a sobrancelha, retira o fone do ouvido e presta atenção em meu olhar suplicante, vê ali um pedido oculto de socorro. Nestes segundos cruciais, sinto o canivete se enfiar um pouco mais em minha costela. Meu coração acelera e a adrenalina faz um tour por minhas veias.

— Camily, é você? — Solto a ar lentamente e quase choro quando ele

finalmente entende o meu desespero. Aproxima-se um pouco mais a mim — Poxa, você está muito diferente, quase não a reconheço. Seus cabelos estão lindos, essa cor lhe favoreceu bem.

— Na verdade, os cortei também. — Olho de relance para o meu agressor, sentindo um pouco de dor pelo pequeno corte em minha pele, mas prossigo respondendo as perguntas do meu salvador.

O suor escorre por todo o meu corpo e a adrenalina é ainda maior.

— Oi Alejandro — Pega seu celular e sem tirar os olhos de mim, faz uma ligação — Está fazendo o quê? — Escuta a resposta sem deixar de me encarar, passando-me uma segurança jamais sentida. — Certo, pode me pegar na saída do metrô na Rua Dr. Jerônimo Silveira? Você não vai acreditar, mas reencontrei a Camy, isso mesmo, a mesma que eu não paro de falar. Ok, tchau.

Abaixa-se e tira uma selfie ao meu lado. Levanta e digita algo no celular.

— Meu amigo vai adorar te conhecer Camy — Sinto medo, esse homem também é um completo estranho para mim, posso estar me enfiando em uma enrascada ainda maior. Mas seu olhar me mostra que posso sim confiar nele.

Na parada seguinte, o homem que me feriu com o canivete, levanta-se quando a porta é aberta e sai em disparada. Suspiro aliviada e caio em um pranto silencioso instantaneamente.

— Ei se acalme garota! — Ele se senta ao meu lado, abraça-me ternamente e afaga meus cabelos. — As pessoas ao redor os olham com curiosidade. — Você está ferida! Precisamos ir ao hospital.

— Estou bem, foi apenas um corte superficial — passo uma mão sobre a blusa manchada de sangue — Caramba, isso arde.

— Você não está nada bem — com um olhar terno, me mantém sob sua vigilância —, pode confiar em mim, sei que sou um completo estranho, mas minha intenção é de apenas poder te ajudar.

— Não sei em quem confiar. — falo em um fio de voz e prendo meus lábios em uma linha fina, segurando o choro.

— Sou policial civil, e estou aqui para te ajudar. Não sei se acredita em destino, mas não era para eu estar neste metrô a essa hora. — Segura meu rosto, e ao encará-lo, uma paz grandiosa volta a me invadir. Esse estranho traz uma paz para meu corpo.

— Eu não deveria confiar em estranhos, mas algo me diz que eu devo sim confiar em você. Obrigada, nem sei o seu nome, você não me conhece, mas você acabou de me dar uma nova chance de viver.

— Não precisa me agradecer, sei bem o que acabou de lhe acontecer. Prometo que isso não se repetirá. Ele fugiu porque minha prioridade era deixar você confortável, mas ele será encontrado.

Abre sua mochila e tira uma blusa de malha.

— Coloque na ferida e aperte, já estamos quase chegando. — Balanço a cabeça em concordância, faço o que me pede.

— Se algum dia o encontrar novamente, não sei se terei forças para denunciá-lo, o medo é enorme.

— Você é mais corajosa do que pensa garota, olha só, não fui eu quem a salvei e sim sua vontade de viver.

— Ainda nem acredito que fiz isso. — Sorrio timidamente e conto

baixinho o que aconteceu e seu olhar fica obscuro, vejo uma raiva crescente em seu rosto, mas ele não fala nada.

— A propósito, meu nome é Maria Luiza. — falo depois de relatar como fui abordada.

— Prazer, me chamo Fernando. — Sorri e segura minha mão em silêncio.

Descemos na estação final e nos encaminhamos até saída do metrô na Rua Dr. Jerônimo Silveira.

— O que está acontecendo, Fernando? Espero que seja algo muito grave para você praticamente me obrigar a te buscar aqui, não entendi nada do que falou ao telefone — Um homem segue em nossa direção falando sem parar.

Assusto-me quando vejo o volume da arma na cintura do amigo do meu salvador, tento me afastar um pouco.

— Pode confiar Maria Luiza. — Fernando vendo meu desespero, aperta minha mão carinhosamente -, este aqui é um grande amigo e, ele com certeza está aqui para nos ajudar.

— Desculpe-me, mas ainda estou com muito medo.

— Preciso levá-la para um hospital e registrar um boletim. No caminho te conto o restante da história. — fala ao tal amigo que me observa com olhos curiosos.

— Oi Maria Luiza, se você é amiga do Fernando, pode confiar em mim também. Vamos entrar logo neste carro porque está em breve irá chover. — O estranho abrandava a voz.

No caminho Fernando conta o ocorrido ao Alejandro.

— Esse infeliz vai pagar por isso! — Alejandro esbraveja. — Um filme está passando em minha mente agora, Nando, precisamos encontrar cara, isso não pode continuar.

— É o da foto que te enviei no whatsapp.

— O rosto não estava bem visível. O espertalhão conseguiu virar antes que você conseguisse tirar a foto.

— Mas pelo menos algumas características dele nós temos, e outra, eu estudei o rosto dele atentamente, faremos um retrato falado.

— É questão de honra, vamos pegar esse cara.

Escuto toda a conversa paralela sem me meter, não entendo muito do que estão falando. No hospital sou atendida por um médico cirurgião e graças a Deus, o corte não foi fundo. Receitou-me apenas analgésicos e orientou-me a repousar.

— Oi, vocês ainda estão aqui? — pergunto surpresa por encontrá-los na sala de espera da UPA.

— Claro, ainda temos um boletim a fazer. — Fernando fala com as mãos nos bolsos da calça. — E te levar para casa.

— Não sei se quero fazer esse boletim, pode não dar em nada. E se através deste boletim, ele me encontrar novamente? — Um desespero se apossa de mim.

— Ei Malu, quer dizer, Maria Luiza — Me segura pelos ombros —, acalme-se garota. O boletim é necessário, você precisa denunciar, sem sua denúncia não podemos investigar.

— Mas e se... — Não termino a frase, choro e sou amparada por ele.

— Eu vou te proteger garota, já disse. E é por isso que monstros como

ele estão soltos, as pessoas têm que perder o medo de denunciar — Afaga minhas costas.

— Não tenho ninguém por mim, era somente eu e minha mãe, mas ela faleceu há sete anos, eu era apenas uma adolescente, tinha só quatorze anos, desde então, morei em abrigos, fui maltratada até que conseguir o emprego de atendente na drogaria em que trabalho até hoje. — Disparo falando de minha vida e nem me dou conta de que ele me levou até onde o carro está estacionado.

— Onde você mora? Vou te levar para casa.

— Não precisa, vou chamar um Uber.

— E você acha que depois de tudo o que aconteceu hoje, eu teria coragem de abandoná-la em um Uber? Acho que você está mais afetada do que imagino.

Abre a porta e em uma ordem silenciosa manda-me entrar no carro. Obedeço, cansada.

— Olha Maria Luiza. — Começa, mas corto-o.

— Não me importo que me chame de Malu. — Sorrio.

— Certo, que seja, então, Malu — Alejandro dá uma risadinha atrás do volante, recebe um olhar de advertência e recompõe-se — Eu não te conheço, é verdade, mas diga-me que tipo de homem eu seria se a deixasse a essa hora na rua, sozinha e a mercê de um louco depois de tudo o que aconteceu hoje? — pergunta firme se impondo e arregalo os olhos, feri o ego do homem.

— Desculpe-me — Retraio-me no banco de trás no carro e meus olhos lacrimejam.

Ele coça a cabeça e bagunça seus cabelos, desce do carro, abre a porta e se assenta ao meu lado.

— Não falei isso para te magoar garota, essa não é minha intenção. Mas algo parecido aconteceu com minha irmã, e infelizmente, ninguém a ajudou ou a salvou — Sua voz sai embargada — Então, não recuse minha ajuda, isso não é apenas por você. É por mim também. — Suspira e seu olhar está longe.

A essa altura Alejandro já havia colocado o carro em movimento e minutos depois paramos a frente de uma delegacia de plantão. O Boletim foi feito e Fernando será minha testemunha se por acaso o indivíduo for encontrado, preso e ir a julgamento, o que acho quase impossível.

Fernando Marques Sampaio

Não era mesmo para eu estar ali naquele metrô. Mas as coisas só acontecem quando tem que acontecer. E esse pode ser considerado um dia de sorte. Alejandro me convidou para uma festa, como estava muito cansado, decidi ir direto para casa. O problema é que eu estava do outro lado da cidade e havia deixado meu carro em casa, uma vez que fui trabalhar de carona.

Quando Malu me abordou, achei que fosse uma louca querendo puxar papo, mas quando insistiu e reparei em seu olhar suplicante, lembrei logo de Taliane, minha irmã um pouco mais nova do que eu.

Tive a percepção do que estava prestes a acontecer e resolvi puxar papo como velhos conhecidos. Apesar de Malu ter passando por apuros, mantive minha calma e memorizei a cara do homem sentado ao seu lado, o homem que possivelmente é um maníaco que ataca mulheres indefesas, como o que abusou de minha irmã e a matou em seguida.

Quando vi a ferida, minha vontade foi de tê-lo interceptado, mas assim que ele se levantou, Malu caiu em prantos, não tive a coragem de deixá-la sozinha. De uma coisa eu tinha certeza, esse cara ia ser encontrado, ele aparece em minha selfie e farei seu retrato falado.

Falhei miseravelmente com Taliane, mas não falharia com essa moça, pelo menos hoje tenho a chance de fazer algo que não fizeram por minha irmã. Fiz uma promessa diante do seu túmulo, eu lutaria para colocar atrás das grades aquele que a matou, poderia demorar muitos anos, mas essa promessa seria cumprida.

Quando Taliane foi morta, eu estava no segundo período de administração, troquei o curso para direito e estudava dia e noite, eu seria um

policial civil e futuramente um delegado. Hoje, aos 28 anos, ainda não sei quem matou minha irmã, mas posso dizer que estou mais próximo de realizar esse desejo. Posso ter perdido a oportunidade de prender um homem com as mesmas características do que ceifou a vida de Taliane, mas ou eu ajudava uma vítima, ou prendia o bandido. Optei por salvá-la e mantê-la segura, sei que de onde Taliane estiver ela vibrou por minha escolha.

Não aceitei quando Malu disse que ia embora de Uber, jamais a deixaria vulnerável correndo riscos por aí. Fui grosso e acho que a magoei, mas este sou eu, tentando acertar com meus erros. Senti-me ao seu lado no banco de trás do carro e pedi perdão. Acho que ela aceitou minhas desculpas, mas meu coração ficou despedaçado. Deixo-a em casa com uma vontade louca de ficar um pouco mais ao seu lado, posso não a ver mais, no entanto, saio dali com o dever cumprido. Hoje salvei uma vítima de ser abusada ou morta.

— É cara, acho que alguém aqui está desequilibrado. — Alejandro tira sarro com minha cara.

— Não me fode, Alê. — Emburrado entro no carro.

— Estou falando sério cara, você estava parecendo um gavião ao redor da moça, não sei nem porque ela não te denunciou junto com o maníaco. — Gargalha.

— Sério mesmo Alejandro? Você mais do que todo mundo sabe o quanto me martirizo pelo o que aconteceu com minha irmã e fica aí fazendo piadinhas? — Esbravejo com meu amigo — Eu fiz por essa moça o que ninguém fez por minha irmã. — digo a última frase já mais calmo.

— Calma, Nando, também não precisa ficar assim. Desculpa-me, tudo bem, mas como estou de fora, vi as coisas por outro ângulo. — Ele passa as mãos entre seus fios de cabelo — Não conheci sua irmã, mas durante todos

os nossos anos de amizade sei o quanto o que aconteceu com ela ainda te fere. Não vou tocar mais no assunto.

— Obrigado, meu amigo. — Engulo em seco — Acho que eu também extrapolei, me perdoa. Se não fosse por você eu provavelmente demoraria muito mais entre o hospital, o boletim e chegar até a casa dela.

— Ah, mas pode ficar tranquilo, vou cobrar com juros meu atraso na festa.

— Você é um caso perdido Alejandro. — Sorrio.

Entro em minha casa e sinto que o que fiz hoje foi o certo. Ao lembrar-me de Malu meu coração se aquece. Faço uma oração silenciosa pedindo a Deus que a proteja sempre. Tomo um banho e me deito em minha cama. Exausto, não tardo a adormecer.



Capítulo 2

Malu

Não dormi bem à noite, primeiro foram os pesadelos, em seguida os vizinhos barulhentos. Aí a insônia estava completa. Tomei chá de camomila, contei carneirinhos, tentei ler um livro, mas nada adiantou. Quando o dia estava quase clareando, levantei-me e comecei a faxina da semana. Coloquei as roupas na máquina de lavar, peguei os produtos de limpeza e coloquei uma música para tocar em meu celular. Apesar da raiva que meus vizinhos fazem, não sou como eles, eu não retribuo o mal.

Quando estava terminando a faxina, Carol minha melhor amiga chega a meu apartamento.

— E aí Malu, o que está fazendo? — pergunta assim que abro a porta, antes, verifiquei quem era pelo olho mágico. Como o prédio onde moro não tem porteiros, qualquer um pode entrar e sair.

— Boa tarde para você também sua louca.

— Ih, que bicho te mordeu para estar nesse mau humor em plena folga?

— Nada demais, apenas não dormi direito depois de quase ser violentada ontem dentro do metrô.

— O quê? — Seus olhos quase saem de órbita. — Meu Deus, você está bem, amiga?

— Estou sim, tive apenas um corte, mas foi superficial. — Mostro-lhe

o curativo.

— Amiga, já falei para vir morar comigo, podemos dividir meu cantinho sem problema algum, e ainda podemos nos fazer companhia.

— Eu sei Carol, mas gosto de ter minha independência, você me conhece bem.

— Conheço-a tão bem que sei que nessa história tem mais coisa. — Abre minha geladeira e retira uma jarra de suco que eu acabara de fazer, parece até que eu estava adivinhando que ela chegaria por agora. — Anda logo, vai falando tudo porque estou em choque. As pessoas perderam o medo, não é mesmo? O metrô é um dos locais mais bem vigiados e, movimentado que conheço. Fico inconformada com essas coisas.

— Sente-se no sofá porque a história é longa, cheguei a casa já passava da meia noite.

Contei tudo, nos mínimos detalhes. Enquanto eu narrava, ela fazia caras e bocas, mas não me interrompia.

— Caramba menina! E esse gato aí, deixou o número do celular pelo menos? — Carol pergunta interessada.

— Carol, não estava pensando em trocar telefone quando pedi ajuda. Eu só queria sobreviver e foi por isso que me arrisquei. — Fico brava com ela.

— Calma aí amiga! Eu estava apenas brincando porque o assunto foi tenso. Se fosse comigo eu não sei se teria a sua coragem. — Olha-me atentamente — Vem cá, você precisa de abraço e um passeio no shopping.

— Ah, shopping hoje não. Estou muito cansada.

— Ah shopping sim, mocinha, eu preciso comprar uns produtinhos

para esse meu cabelo aqui e quem mais pode me acompanhar, hein? Ninguém, né meu chuchuzinho?

— Está bem, vou apenas tomar uma ducha rápida, mas saiba que ainda não almocei e só vou se você pagar o lanche e o sorvete.

— Pode deixar que é por minha conta.

— Coloquei uma roupa leve, porém sem decotes ou pernas de fora, se vestida de uniforme um louco me abordou cheio de más intenções, não quero nem imaginar se eu sair por aí sensualizando.

— Ah não estou escutando isso de sua boca Malu, não mesmo. — Carol fala com as mãos na cintura.

— O quê? Falei alguma mentira?

— Os homens têm que colocar na cabecinha oca deles que não somos objetos, eles não podem chegar colocando as mãos se não deixarmos. Tem que nos respeitar, mesmo se estivermos nuas, ninguém tem o direito de se apossar dos nossos corpos e vontades. — Uma Carol muito brava reclama e anda pela sala.

— Eu sei de tudo isso minha amiga, mas na prática não é o que acontece, bem que eu gostaria que fosse assim.

— Tudo bem, vista o que te der conforto e segurança. — Ela se acalma.

— Estou pronta, podemos ir.

Até que o passeio ao shopping foi bem divertido, Carol me ajudou a esquecer um pouco o que aconteceu e apesar de cansada não queria voltar para casa.

— Malu, se quiser ficar um tempo em minha casa, será muito bem-

vinda. Pelo menos até que o susto passe. E outra, nos dias em que você ficar para fechar a loja, pode dormir lá em casa também, é bem mais perto e você não precisa pegar o metrô tão tarde.

— Você existe mesmo Carol? Ou é apenas um fruto de minha imaginação? Acho melhor aceitar, não desejo passar por isso novamente.

— Acho que sou sua fada madrinha. — Gargalha.



Chegamos juntas na drogaria, nosso horário é o mesmo, de meio dia às nove da noite.

— Boa tarde, lindezas. — André nos cumprimenta com um sorriso lindo e todos os dias meu coração dispara quando meu olhar se cruza ao dele.

— Boa tarde, André! — Carol e eu respondemos em uníssono, mas Carol vai direto guardar sua bolsa, enquanto paro para conversar com ele. — Tudo tranquilo por aqui?

— Melhor agora que vocês chegaram e posso ir almoçar. — Toca meu nariz com o dedo e suspiro apaixonadamente.

Recomponho-me, estou dando bandeira demais.

— Vou só guardar minha bolsa e assumo seu posto. — Saio em disparada até a salinha dos funcionários.

— Aconteceu alguma coisa Malu? — Carol pergunta arqueando uma sobrancelha.

— Não, eu que fiquei parada no balcão conversando com André e não vim guardar minha bolsa.

— Você e André fariam um belo casal. — Zomba.

— Acho que você está ficando realmente louca. — Desconverso, nem Carol sabe de minha paixão por ele.

— Estou falando sério amiga, você precisa arrumar um namorado, tirar essas teias de aranha que faz morada no meio de suas pernas.

— Carol, alguém pode escutar, ninguém precisa saber sobre minha vida particular e sexual.

— Amiga, li um artigo que fala sobre a falta de sexo, e fique sabendo que não transar também pode trazer doenças, tá bom?

— Opa! Desculpe, não escutei nada. — André entra na sala dos funcionários, pega seu celular que estava carregando em um canto e sai sem dizer mais nada.

Meu rosto fica vermelho, meus olhos querem lacrimejar, Carol dá apenas uma risadinha. Não terei coragem de encarar André tão cedo.

— Acho melhor eu começar a trabalhar. — Sigo para o balcão e começo a olhar onde precisa limpar ou repor medicação. Não converso muito com ninguém e quando André volta do almoço, fujo dele como o diabo da cruz.

Não contei para ninguém além de Carol o incidente do metrô. Os dias vão passando e vou me acalmando. Sexta feira chega e antes de André largar o seu turno, nos faz um convite.

— Meninas, vou fazer uma festinha lá em casa amanhã à noite e gostaria muito que vocês fossem.

— Vamos adorar.— Carol responde por nós duas.

— Eu não sei se vou poder ir — respondo repreendendo Carol com o olhar, ela nem se importa. Ainda não consigo encarar André.

— Ah, mas é claro que vamos sim, nós aceitamos o convite, André.

— Carol, não responda por mim, tenho outros planos para amanhã.

— Sei, ficar lendo seus livros melosos de romance, não é mesmo? Nós vamos nessa festa e está resolvido.

— Bom, se decidirem mesmo ir, a festa começa às dez da noite. Vou ficar feliz em recebê-las em minha casa. — Dá uma piscadinha para nós duas e vira-se.

— Ah André -, Carol o chama novamente — Não sei onde você mora.

— Vou enviar o endereço pelo whatsapp com a localização, mas não tem erro, vai ser no sítio dos meus pais. Ah, levem biquínis, temos piscina.

— Obrigada. — Carol responde. — Amiga, amanhã temos que acordar cedo e colocar a depilação, unhas e sobrancelha em dia, a noite promete.

— Ainda não estou convencida a ir nessa tal festa — respondo mal-humorada.

— Eu vivo falando que você precisa transar, olha só o mau humor garota, você parece mais uma velha de noventa anos no corpo de uma jovem de vinte e um anos.

Reviro os olhos e mostro-lhe a língua.

— Agora está parecendo uma criança mal criada. — Tento em vão segurar o riso.

— Não tem mais o que fazer não? — Saio a passos largos para atender um cliente que acabara de entrar na drogaria, salvando-me de um constrangimento ainda maior.

Essa seria minha oportunidade para conhecer André um pouco melhor, talvez fora do ambiente de trabalho ele seja mais receptivo e entenda meus olhares apaixonados.



Acordamos cedo e juntas vamos até a esteticista que Carol marcou.

— Vou deixar um rim aqui hoje — reclamo como sempre ao adentrar na recepção da clínica de estética.

— Ah, Malu deixa de mesquinaria, vai que rola um clima, a coisa esquenta, depois você ainda vai me agradecer.

— Ah tá, não vou me esquecer de te atormentar, pode deixar. Porque não tenho intenção nenhuma de transar com o primeiro cara que aparecer. Quando isso acontecer, será um momento especial, com a pessoa que eu amo e que me ama também.

— Tá bom, quando você estiver bem velha vai se arrepender de nunca ter experimentado aí será tarde demais, ou quando você transar e descobrir como é bom sentar e rebolar em um pau, naquele vai e vem delicioso, ui que calor, vai se perguntar por que não experimentou tamanha delícia antes.

— Poupe-me dos detalhes amiga. — Faço cara feia e ela sai gargalhando quando é chamada pela esteticista. Fico na sala esperando minha

vez.

Quando sou chamada, um frio percorre minha espinha. Nunca me depilei com cera, e escuto horrores no serviço, mas também há quem é masoquista e curta.

— Oi Maria Luíza, sou a Lara e sou eu quem vai lhe atender.

— Olá — respondo acanhada — Pode me chamar de Malu. — Ela abre um amplo sorriso.

— Pode tirar sua roupa e pendurá-la ali — Aponta um cabideiro.

— Como você gosta da depilação? — pergunta educadamente.

— Como assim, não entendi. Na verdade, nunca me depilei com cera.

— Entendo. Então, eu particularmente gosto de arrancar tudo, os boys piram, mas se quiser posso começar pelas laterais e você olha e vê se quer tirar tudo ou não.

— Ok. Acho que vou optar por tirar tudo, é como faço com o creme depilatório, só que com ele não dói — Ela começa a conversar, acho que me descontraí, afinal, estou muito tensa.

— Só que em contra partida, com a cera, a depilação vai durar bem mais.

Passa a cera por minha virilha enquanto conversamos e sem avisar, puxa de uma vez. Meu grito é estridente, acho que assustei todos aqui na clínica.

— Vou matar a Carol! Ela que me enfiou nessa enrascada.

— Calma Malu, é normal sentir dor, mas depois de ver sua florzinha toda lisinha, vai ver o quanto valeu à pena.

— Valendo à pena ou não, Carol me paga.— Prendo os dentes.

Realmente a partir do segundo puxão foi bem mais fácil. Depilei pernas, virilha, axilas, buço e fiz as sobrancelhas. Saí de lá uma mulher renovada.

— Não falei que depilar faz bem, amiga. — Carol fala quando a encontro na recepção.

— Você me deve uma, dona Ana Ana Carolina Aguilar.

— Eita, chamou pelo nome inteiro, acho melhor eu começar a correr.

— Você deveria mesmo é pagar minha conta.

— Eu deveria por quê? — Franze as sobrancelhas bem feitas que destacam seu olhar.

— Porque se esqueceu de me preparar para a dor infernal que senti.

— Eu nem vou te comer garota. — Gargalha.

— Carol! — Olho para a recepcionista que ri de nossa interação maluca.

— E outra, deixa de drama amiga, isso não combina com você.

Não falo mais nada, estou morta de vergonha.

Saímos de lá e mal passamos na casa de Carol para um banho rápido voamos para o trabalho.

— Nossa! Como vocês estão diferentes. — André fala quando o encontramos no balcão.

— Ah, são seus olhos querido. — Carol fala toda melosa com André, acho estranho, mas não falo nada.

— Vocês vão mesmo à festa, não é, Carolzinha? — pergunta, mas só

tem olhos para Carol.

— Vamos sim, Andrézinho. — Oi? Desde quando estão se tratando tão carinhosamente?

Saio de perto, um pouco magoada, mas escondo bem meus sentimentos, afinal, ambos nem sonham que estou de paixonite. Trabalho mecanicamente me esquivando o máximo de Carol, ela me conhece e vai saber que tem algo de errado comigo. No fim do dia, vamos embora juntas, mas a essa altura já estou tranquila, espantei os grilos criados por minha mente e entendi que estavam apenas brincando.



— Malu, tem certeza de que você não sente nada por André? — Carol pergunta do nada enquanto estamos nos arrumando.

— É claro que não. — Minto descaradamente sem encará-la — De onde você tira essas coisas?

— Ah sei lá, você as vezes fica viajando ao olhar para ele, só pensei que sentisse algo a mais por ele.

— Tira essas caraminhas de sua cabeça e me ajuda aqui. Qual roupa vestir? Um vestido soltinho ou short e regata? — pergunto segurando as peças nas mãos.

— Acho que o vestido é melhor.

— Mas acho que com o short e regata vou ficar mais à vontade. — Encaro as peças que estão em cima da cama.

— Nisso você tem razão, vamos beber e nunca se sabe se algum babaca pode se aproveitar da nossa vulnerabilidade.

— Deus me livre — Faço sinal da cruz, não quero passar por isso outra vez, só de escutar ela falando lembro-me do metrô uma semana atrás.
— Vou mesmo é de calça, melhor me proteger.

Visto a calça e a regata, coloco uma sandália de salto plataforma.
Faço uma maquiagem básica e estou pronta para a tal festa.

Hoje sinto que minha vida tomará um rumo diferente.



Capítulo 3

Malu

Chegamos ao sítio de André por volta das onze e meia da noite e a festa já estava bombando, muitas mulheres de biquíni na piscina, outras pessoas já bêbadas. André nos cumprimenta e começa a nos apresentar para o pessoal, fazer novos amigos é sempre bom.

— Fernando essa é a Carol e a...

— Malu! — Fernando aproxima-se e me abraça.

— Vocês se conhecem? — André pergunta intrigado, olhando de Fernando para mim.

— Sim — respondemos juntos e sorrimos.

— Malu é uma velha amiga — Pisca um olho e sorri acolhedor — Lembra do Alejandro?

— Claro, boa noite Alejandro.

— Olá Maria Luíza.

— Ah deixa de bobeira, pode me chamar de Malu.

— Fique à vontade, pessoal, vou ali dançar um pouco com a Carol. — André sai puxando Carol pelas mãos e acompanho-os com o olhar. Era para ser eu no lugar de Carol, quase me mordo de ciúmes, mas me contenho, Carol é minha melhor amiga e não sabe dos meus sentimentos secretos.

— Aceita dançar comigo? — Fernando pergunta, mas acompanha a

direção do meu olhar. — Não devo ser uma ótima companhia como sua amiga, mas quebro o galho. — Sorrio, pois nem ele percebeu minha crise de ciúmes.

— Você é ótima companhia, sábado passado salvou minha vida, já se esqueceu? Diria até que foi meu anjo da guarda, minha melhor companhia.

Divirto-me dançando com Fernando, ele é bem engraçado.

— Amiga, desculpa atrapalhar sua dança, mas preciso comer algo antes que eu desabe, pode me acompanhar?

— Claro. — Olho para o Fernando pedindo desculpas silenciosamente por trocá-lo por minha amiga.

— Vai lá Malu, depois a gente se esbarra por aí. — Beija meu rosto e saio com Carol.

— Malu que boy lindo é este?

— Foi ele quem me salvou no metrô — falo baixo.

— Você não contou que ele é assim tão lindo e gostoso, amiga, vai se dar bem essa noite, hein?

— Não fala besteira Carol, ele é apenas um amigo.

— Amigo, sei como funciona. — Carol fala em meu ouvido — Aproveite o boy Malu, dá para ver que ele está na sua.

— Você tirou o dia para falar besteira. Vamos comer algo de uma vez, acho que a fome está afetando seus neurônios.

Voltamos para a área externa e não vejo mais Fernando. Eu e Carol ficamos de papo com outras meninas que trabalham com a gente.

— Carol — André a chama — Preciso te mostrar uma coisa.

Ela me olha meio apreensiva. Abro um sorriso, mesmo que por dentro esteja em frangalhos.

— Pode ir Carol, vou ficar aqui com as meninas.

— Não demoro Malu.

Some de vista com André, e a festa começou a ficar entediante para mim. As meninas bebem e ficam mais soltinhas.

— Malu, não quer algo? Essa bebida é uma delícia.

— Ah, me dá isso aqui, vou experimentar. — O primeiro gole desce queimando, mas a partir do segundo, meu paladar já se acostuma.

— Acho que já bebi demais, vou procurar a Carol para ir embora.

Elas dançam até o chão, e saio meio cambaleante a procura de Carol. Claro que não a encontro. Vou até o freezer e pego mais daquela bebida rosa e docinha. Encho o copo e bebo de uma vez, encho o novamente e mais uma vez saio a procura de Carol, que desapareceu. Não a encontro e volto para onde estão as outras meninas.

— Alguém sabe onde tem banheiro? — pergunto.

— Tem um perto da piscina, outro perto da sala e um no segundo andar.

Opto em usar o de segundo andar, deve estar mais vazio. Subo as escadas segurando o corrimão e caminho pelo corredor abrindo as portas até descobrir o banheiro. Entro, faço minhas necessidades e antes de chegar novamente a escada, escuto a voz de Carol. Abro a porta, mas ela não me vê. Está aos beijos com André.

Saio dali cambaleante deixando a porta aberta, desço a escada aos tropeços e em meio às lágrimas. Vou até o freezer e pego uma garrafa com a

bebida rosa, sigo para a varanda onde tem muitos casais namorando, mas não me importo com mais nada, pelo menos não poderei ser vista, está tudo escuro mesmo.

Bebo minha bebida rosinha e choro a desilusão amorosa.

— Como ele pode fazer isso comigo? Eu nunca falei dos meus sentimentos, mas ele sabia, acho que até mesmo ela sabia, até já me perguntou várias vezes.

E você sempre negou sua tapada! — Meu subconsciente enxerido me lembrou.

— Cala boca, não estou falando com você!

Mas você sempre negou. — Olha ele de novo me aporrinhando.

— Está tudo bem Malu? — Fernando aparece e provavelmente me ouviu discutindo com meu subconsciente.

— Está sim, nada que uma boa garrafa dessa bebida rosa não resolva.
— Mostro a garrafa e caio em prantos.

— Ei, essa bebida é perigosíssima, causa amnésia mocinha. — Tenta tirar a garrafa de minhas mãos.

— Ei! — grito com ele — Devolve minha garrafa! — coloco as mãos na cintura, emburrada.

— Você já bebeu demais Malu.

— Quem você pensa que é para tentar me dar ordens?

— Está bem. — Devolve a garrafa e levanta as mãos — Enquanto você termina de beber essa porcaria aí, vou buscar uma água para você. Vai precisar.

— Vai lá e fica por lá. — Sorri de minha chatice.

Quando ele sai, choro ainda mais, não apreciei ficar sozinha ali. Bebo o restante da bebida sem dar pausa, fico tonta e resolvo me sentar no chão mesmo antes que eu caia e o estrago seja pior.

Não sei se dormi, ou se desmaiei. Só sei que alguém me levantou e me abraçou.

— Você não está nada legal Malu.

Essa voz, eu não sei quem é, ah, é o André, claro que é. Ele provavelmente não estava aos beijos com Carol, estavam só conversando e eu pensei ter visto algo que apenas imaginei.

— Ah meu amor, você estava me procurando? Eu estava aqui te esperando.

— Malu você bebeu demais — fala em um tom baixo e carinhoso.

— Não meu amor, bebi só um pouquinho. — Encosto minha cabeça na dele, inspiro seu cheiro e passo uma mão por seu pescoço até seu peito.

— Menina, você não sabe o que está fazendo — fala com uma voz enrouquecida.

— Mas você sabe, não é mesmo meu amor? Então me beija, faz de mim sua mulher.

Ele ataca minha boca, ou será que fui eu? Não consigo parar em pé, então ele me coloca sentada na mureta da varanda e passo as pernas por seu quadril, encostando-me nele.

— Faz amor comigo? — suplico enfiando as mãos sob sua camisa alcançando seu peito e um crucifixo em uma corrente no pescoço resvala em minha mão.

— Você está brincando com fogo Malu. — Ele faz uma trilha de beijos do meu pescoço até minha orelha, onde fica mordiscando o meu lóbulo.

Gemo em seu ouvido e tento encostar-me em seu sexo, mas ele me afasta.

— Vou te levar para casa, está bem? Amanhã, quando você não estiver bêbada, e se você ainda quiser, faço amor bem gostoso com você. — Sorrio amplamente. — Onde está a Carol?

— Não sei, ela estava conversando com você agora a pouco.

— Comigo? Ah, deixa para lá, a vi com meu primo, ela ficará bem. Vou te levar para casa e amanhã, a gente liga para ela.

— Mas aqui não é sua casa?

— Não, essa casa aqui é dos meus tios.

— Ah, entendi mal. — Uma alegria enorme me invade e gargalho alto, mal consigo trocar os passos.

Ele me coloca no colo e me carrega até o carro, na verdade, eu não consigo enxergar um palmo diante do meu nariz, está tudo girando, a música está alta e vejo apenas o vulto das pessoas ao redor.

Ele me senta no banco do carro, prende o cinto e dá a volta.

— Você está bem, Malu? — pergunta preocupado.

— Sim, com você eu sempre estarei bem. — Ele aperta minha mão e dá partida no carro.

Daí em diante, não vejo mais nada. Apaguei e só acordei no dia seguinte com uma puta dor de cabeça em minha cama, não faço ideia de como cheguei até aqui, mas graças a Deus ainda estou vestida.

— Puta merda! O que foi que eu fiz? — Minha mente está vaga, só me recordo de estar bebendo com as meninas aquele suco rosinha, depois tudo é vago.

Corro para o banheiro e enfio a cabeça no vaso, vomito tanto que penso que vou desfalecer. E, se eu desmaiar aqui em cima de meu vômito, vou morrer sufocada, dessa vez não tem um super herói para me salvar. Volto para a cama e fico lá deitadinha, de olhos fechados, não quero me mover, tudo dói.

Depois de muito tempo, resolvo me levantar, preciso de um café reforçado e ligar para Carol. Onde será que ela se meteu? Como cheguei ao meu apartamento? São perguntas sem respostas, mas pretendo descobrir.



Capítulo 4

Malu

— Ai que dor de cabeça infernal! Prometo não beber nunca mais em minha vida. Encontro em minha cabeceira um remédio para ressaca e um bilhete fofo.

Espero que sua cabeça não doa tanto, mas se doer, saiba que tentei tomar a garrafa de suas mãos.

Ass:

Seu Salvador

— Ai, que lindo, como ele é fofo e pensa em tudo — falo apaixonada.

Tomo o remédio e vou para o chuveiro, lavo dos pés à cabeça, em seguida vou até a cozinha e faço um café preto e bem forte, vou precisar. Consigo me lembrar de algumas coisas, nossa, nem acredito que fui tão insana. Eu praticamente me joguei nos braços dele.

E ele me respondeu. Agora o que não entendo é o porquê de ele não ter dormido aqui comigo? Vai ver ele teve que voltar para o sítio para cuidar de tudo. Os pais dele ficariam uma fera se chegassem e encontrassem um monte de estranhos lá e o anfitrião fora.

Ou seriam os tios? Acho que ele falou algo parecido.

Meu celular toca, é a ingrata da Carol.

— Bom dia bela desaparecida — fala assim que atendo.

— Bela desaparecida, eu? Eu fiquei te procurando a festa inteira e nem sinal seu.

— Eu estava muitíssimo ocupada. Mas quando te procurei e não encontrei, quase enlouqueci, mas me disseram que você foi embora com uma pessoa de confiança, então me acalmei e achei melhor te ligar hoje ao acordar. Amiga, tenho um babado para te contar — fala aos tropeços e sem pausas. — Mas se senta, porque é bafônico.

— Eu também tenho, mas pode falar primeiro, sou toda ouvidos.

— Kera, eu estou namorando! — Carol fala logo dando gritinhos e aposto que está pulando.

— Ai meu Deus! Quem foi o louco e corajoso?— pergunto aos risos, empolgada com sua felicidade.

— Olha só como fala, hein sua vaca! — Finge indignação. — A noite com ele foi maravilhosa, ele foi carinhoso, me tratou como uma verdadeira princesa, trouxe café na cama com uma rosa vermelha, isso é tão romântico, não é mesmo?

— É sim, mas eu quero é saber quem é este belo príncipe que conseguiu arrebatrar esse seu coração malévolo de pedra. Anda Carol, desembucha, estou por roer todas as minhas unhas.

— Desesperada, é o André. Nem eu acreditei quando ele me encostou contra a parede e se declarou, fiquei em choque, mas quando ele me beijou, ah Kera, quando ele me beijou me entreguei e vi que fiz a coisa certa.

Meu mundo desabou, um buraco parece que se abriu aos meus pés e grossas lágrimas rolaram por meu rosto. Por que ele? Por que meu André? Ele era para ser meu!

— Kera, está tudo bem? Fala alguma coisa, estou ficando preocupada

com seu silêncio. — Carol pergunta desesperada.

— Está tudo bem Carol. — Forço-me a responder com uma voz normal, escondo todos os meus sentimentos. — Eu estou apenas feliz e emocionada por você. — Que bela filha de uma puta eu sou, estou é morta de inveja e não estou sabendo lidar com a felicidade de minha amiga. Não posso agir assim. — Minha cabeça está doendo um pouco, acho que pela bebida rosa que tomei.

— Ah, fico aliviada em saber que você está bem. Fiquei preocupada porque cisme que você sentia uma paixão platônica por ele, mas acho que é coisa da minha cabeça, não é mesmo?

— Você deve ter bebido algo estragado, só pode. — Gargalho histericamente de nervoso — Eu nunca senti nada pelo André — minto descaradamente — Pode ficar tranquila.

— Não quero estragar nossa amizade Kera, e nem que fique um clima estranho entre a gente. — Carol insiste em saber se realmente está tudo bem. Não está no momento, mas vou me esforçar para que fique tudo bem.

— Desencana sua maluca, você é muito importante para mim, é bem mais do que uma amiga, te considero como irmã, a que eu nunca tive, a vida me deu você e por isso jamais deixaria um homem ou qualquer outra pessoa se interpor em nosso meio causando discórdia.

— Isso foi profundo, Kera, tem um olho em minha lágrima, e é por isso que amo ter sua amizade Malu, já que está tudo certo, é sua vez de me dizer algo, não? Agora sou eu quem rói as unhas neste instante.

— Não é nada demais. — Sorrio forçado — Eu só queria dizer que tomei meu primeiro porre na vida e não faço à mínima ideia de como cheguei a meu apartamento, quem me trouxe sabia bem o caminho e onde eu deixava

a chave.

— Para tudo! Você está em seu apartamento? Como assim? Meu Deus! Que loucura Kera, me desculpe por ter sido uma péssima amiga, agora que me dei conta que te abandonei sozinha em uma festa. Ai meu Deus, você vai me perdoar? Agi como um homem ao me esquecer de você, e olha que nem tenho a cabeça não pensante deles.

Solto uma risada de verdade, só mesmo essa Carol para me fazer sorrir quando na verdade só quero sumir e esquecer que ela está namorando o homem que beijei na noite passada. Vou me forçar a esquecê-lo, haja o que houver. André faz parte de um passado que só existiu em minha cabeça e coração. Ninguém precisa saber do amor que sinto por ele. Esse amor tem que morrer, nem que para isso eu morra aos poucos junto.

— Deixa de drama dona Ana Carolina, eu não tenho que te perdoar e você também não precisa me pedir perdão, você estava apenas em busca de sua felicidade e prazer.

— E que prazer Kera. — Suspira. — Vai voltar para meu apartamento?

— Acho que não, vou ficar por aqui mesmo, você pode levar minhas coisas para o serviço amanhã?

— Até posso, mas o que acha de vir mais cedo e almoçarmos juntas antes de trabalhar?

— Combinado, então. Beijos, Kera, vou dar um jeito em minha bagunça aqui.

— Vai lá Kera, e não se esqueça de beber bastante líquido para curar essa ressaca, hein?

— Pode deixar.

Desligo e desabo no sofá, chorando tudo o que tenho para chorar hoje mesmo, amanhã será um novo dia, não posso ser uma pessoa egoísta e ingrata com Carol. Ela é a única pessoa que ainda gosta de mim nessa vida. Vou colocar uma pedra em cima do que eu fiz, e quem sabe a vida se encarrega de minha punição.

Eu ainda não acredito que fiquei me esfregando no namorado de minha amiga enquanto ela o esperava de volta na cama. Que vergonha.

O pior é que eu sentia que ele estava correspondendo aos meus beijos. Que cafajeste! Não posso deixá-lo contar, vou dar um jeito de falar com ela, não posso carregar essa culpa e também não posso deixar que ela saiba por outra pessoa.



Almocei com Carol e juntas fomos trabalhar. Ela está tão feliz que não tive coragem de contar o que eu e seu namorado fizemos.

Vou dar um jeito de falar com André sem que ela esteja por perto.

Entramos na drogaria e passo direto pelo balcão, Carol para, cumprimenta seu namorado e ficam cochichando. Quando ela entra na salinha para guardar a bolsa saio apressadamente à procura de André, preciso pedir perdão por meu ataque e loucura.

— Oi André. — Encaro-o um tanto sem graça.

— E aí Malu, achei que não fosse me cumprimentar. Está tudo bem? Você sumiu na festa, Carol quando se deu conta ficou bem preocupada.

— É eu bebi muito, e falando nisso, gostaria de te pedir desculpas pelo o que fiz. Eu bebi demais e perdi a razão.

— Eu não sei do que você está falando, mas saiba que está tudo certo. Pode ficar tranquila, não há nada para ser perdoado. — Acho que também não tem intenção de falar. Age como se não tivesse acontecido nada entre nós.

Carol aparece e pega o final da conversa.

— É que essa moça aqui é muito importante para mim, e se eu fiz alguma coisa na festa, por favor, desconsidere.

— Ah Kera, deixa de bobagem, fui eu quem te abandonei a festa inteira, mas já me justifiquei.

— Bom, então vou trabalhar antes que o senhor Joaquim nos pegue de papo aqui e nos dê uma advertência.

— E ele já está de olho em nós. — Carol sorri e saímos para atender aos clientes da drogaria que vive lotada.

Como ele pode ser tão descarado?

Eu posso até ter bebido muito, e quando falo muito, pode se multiplicar por dez, mas eu consigo me lembrar nitidamente que ele correspondeu aos meus beijos, foi carinhoso, gemeu ao provar meu gosto quando deixou aquela trilha de beijos em meu pescoço e mordiscou meu lóbulo.

— Malu, você está em outro mundo? — Beatriz estala os dedos em minha frente.

— Nossa, estava mesmo. — Dou-lhe um sorriso sem graça.

Beatriz e André são os farmacêuticos responsáveis pela drogaria. Ela

trabalha à tarde e André pela manhã.

— Pois deixe seus problemas lá fora, a loja está cheia e os clientes precisam ser atendidos.

— Isso não vai voltar a acontecer. — Envergonhada pelo puxão de orelha, forço-me a ficar mais atenta ao trabalho.

Quando meu turno acaba, sigo para o metrô, é a primeira vez depois do incidente que o pego novamente. Decido por não me assentar, mesmo com lugares disponíveis e escolho ficar perto de mulheres. Ando atenta e olho tudo ao meu redor. Chegar bem em casa é minha prioridade.



Capítulo 5

Malu

As semanas foram passando e transcorrendo bem, acabei por me acostumar com Carol e André namorando. Não sinto mais inveja, apesar de ainda sentir meu coração acelerado quando André conversa comigo ou toca em meu braço.

Ele a faz muito feliz, e se ela está feliz, também estou.

Hoje vindo trabalhar fui abordada por uma mulher que ofereceu emprego no exterior, fiquei bem tentada a ir para a Espanha, apesar de não falar uma palavra sequer em espanhol, eu fiquei de pensar se vou ou não.

Preciso mudar o rumo de minha vida e como já não tenho uma razão que me prenda aqui, acabo decidindo-me por ir. Quem sabe ares novos e um novo emprego sejam do que realmente preciso?

Quando tenho uma folguinha no serviço, corro para a sala dos funcionários e ligo para a tal mulher.

— Boa tarde. — Ela não tarda a atender.

— Boa tarde, eu peguei um panfleto hoje na saída do metrô e gostaria de saber os detalhes do emprego.

— Ah sim. Meu nome é Rosalyn, o emprego é em um navio. A pessoa vai trabalhar confinada por seis meses e posteriormente terá emprego garantido em Madri na Espanha.

— E quais requisitos são necessários para preencher as vagas? Não

tenho experiência.

— Não é exigida experiência e o salário é bem gratificante com uma bonificação ao final. E Quem quiser continuar conosco, como já disse, após os seis meses, terá emprego garantido na Espanha.

— Uau, já me interessei.

— Ótimo, querida. Posso marcar um horário para nos encontrarmos pessoalmente?

— Claro, mas só posso pela manhã, o mais cedo possível.

— Às sete e meia está bom para você?

— Perfeito — respondo eufórica.

— Posso te passar o endereço por mensagem? Acho mais fácil e assim não teremos erros.

— Pode sim, vou aguardar.

— Tenha um bom dia minha linda e até amanhã.

— Até. — Desligo com a sensação de que terei uma revolução muito em breve.

Saio da salinha e dou de cara com Fernando, na drogaria.

— Ah, aqui está ela. — Beatriz me olha estranho e franzo a testa. — Este rapaz está te procurando, mas não se esqueça de que aqui é seu lugar de trabalho. — Não estou entendendo o porquê de Beatriz está agindo assim comigo ultimamente. Depois converso com ela.

— Oi Fernando, como está? — Sorrio abertamente ignorando Beatriz.

— E aí Malu? Aproveitei que estava passando aqui por perto e vim ver como estava. — Seu olhar está diferente, compenetrado, em busca de

algo.

— Estou ótima — respondo sem graça, nem imaginava que ele me procuraria algum dia.

— Você bebeu muito na festa e depois não a vi mais, fiquei preocupado.

— Ah claro, nunca mais vou beber nessa vida. Acho que fui bem imprudente.

— Sorte a sua que seu anjo da guarda te protegeu mais uma vez — Sorriu, e que sorriso lindo. Fernando seria a pessoa ideal para eu me apaixonar, mas meu coração bandido escolheu a pessoa errada.

— Podemos conversar hoje à noite, passo aqui e te busco? — pergunta apreensivo.

— Fernando, não me leve à mal, mas minha chefe e o dono da drogaria estão me olhando torto, podemos conversar outra hora?

— Ah, perdão. Não quero te atrapalhar. Que tal você fingir que está me mostrando um medicamento?

— Você existe mesmo? — Sorrio e sigo com ele pelos corredores.

— Eu tenho uma gatinha e estou mesmo precisando comprar ração para ela.

— Mais aqui as rações são caríssimas. — Espanto-me e sigo com ele para o corredor de pet. A drogaria em que trabalho faz parte de uma rede de lojas que vende de tudo. É como se fosse uma drogaria junto com uma loja de conveniência. Algumas funcionam vinte e quatro horas por dia.

— Não tem problemas. Eu só não quero que leve uma bronca por minha causa. — Escolhe uma ração e demora o seu olhar em mim,

constrangendo-me — Que horas posso te buscar?

— Eu saio às nove da noite.

— Estarei aqui antes das nove...

— Aqui meu cartão para você apresentar no caixa.

— Até mais, Malu.

— Até mais Fernando.

— Nunca vi esse cliente aqui dona Malu. — Assusto-me com Beatriz que aparece do nada.

— Ele é primo do André — falo e vejo espanto em suas feições. — E veio comprar uma ração para a gata, André quem o indicou.

— Engraçado que não o vi na festa, interessante.

— Pois é, ele também estava na festa.

— Que fique bem claro, aqui não é lugar de encontrar os amiguinhos. — Repreende-me outra vez.

— Eu não sei o que está acontecendo Beatriz, ultimamente você tem me tratado de modo diferente, fiz alguma coisa?

— É impressão sua Maria Luiza. — Faz uma cara de cínica.

— Certo, mas se fiz algo, saiba que não foi intencional.

— Já disse que não é nada, vamos voltar ao trabalho?

Trabalho o dia todo e fico com uma pulga atrás da orelha, Beatriz está diferente comigo e é fato, só não faço ideia do motivo e nem pretendo descobrir, meus dias aqui estão contados.

Saio às nove em ponto e Fernando está parado encostado em seu carro, lindo de morrer. Oh, coração bandido, custava balançar um pouquinho

por ele?

— Boa noite Fer. — cumprimento-o e seu sorriso se alarga bem mais.

— Fala de novo? — Com uma voz rouca fala baixo, perto do meu ouvido quando me dá um beijo na bochecha em cumprimento.

— O quê? — Afasto-me um pouco confusa.

— Você me chamou de... — Para e deixa no ar.

— Ah, eu te chamei de Fer, tem algum problema?

— Problema nenhum. Achei lindo você me chamar assim, normalmente sou chamado pelo o nome ou sobrenome e até mesmo de Nando, mas nunca me chamaram de Fer e quer saber de uma coisa, adorei. — Encosta um dedo carinhosamente em minha bochecha.

Ah porque não te conheci antes Fer? Por que não consigo me apaixonar por você? Bem que Carol disse que ele estava na minha, mas não consigo corresponder à altura, Fernando merece bem mais do que as metades que tenho para oferecer.

Isso me faz lembrar-me de um poema *Quadrilha* de *Carlos Drummond de Andrade*.

Só que aqui é meio diferente, Malu ama André, que ama Carol e que o ama de volta. E Fernando merece bem mais para ficar no meio desse fogo cruzado que meu coração se envolveu sozinho.

— Podemos ir Fer? — pergunto não querendo ser ingrata, mas estou louca para chegar em casa e dormir, só dormindo esqueço minha vida amargurada.

— Claro, não quer comer algo no caminho?

— Na verdade, quero ir para casa, estou com dor de cabeça e um

pouco cansada.

— Certo. — Abre a porta do carro luxuoso e entro, sentindo um *déjàvu*, como se já estivesse estado ali em algum momento, balanço a cabeça sorrindo — O que foi? Por que está rindo sozinha? — Ele dá a volta e senta-se atrás do volante.

— Não é nada, coisas de uma pessoa meio louca.

— Então, tá, né? — Dá partida no carro — O delegado deu entrada em seu processo e já estamos investigando, aquele cara é um velho conhecido, mas nunca foi pego. Ele sempre dá um jeito de escapar.

— Velho conhecido? Quer dizer que passei mais riscos do que imagino?

— Isso mesmo, sua atitude a salvou de algo pior, e fico grato por estar naquele metrô aquele dia. Normalmente trabalho de carro, mas naquele dia fui de carona e como não quis ir a uma festa com os caras, optei por voltar para casa de metrô.

— Nossa! Nem sei o que pensar. Estou ainda mais apavorada.

— Fique tranquila, por enquanto você está segura, ele não vai dar as caras tão cedo.

— Eu continuo apavorada, acho que a proposta que recebi hoje veio mesmo a calhar.

— Proposta? — Para em um sinal de trânsito e olha-me intrigado.

— É, ia mesmo te contar, acho que posso considerá-lo um amigo, não é?

— Sou mais que um amigo Malu. — Sua resposta veio cheia de sentimentos, e mais uma vez sinto-me constrangida em sua presença.

Uma buzina tira-nos de nosso transe e ele acelera no trânsito.

— Você ainda não falou sobre a tal proposta. — Cobra-me.

— Ah, é mesmo. Hoje na saída do metrô recebi um panfleto. Estão oferecendo vagas de trabalho no exterior e como não há nada que me prenda aqui, acho que vou aceitar. Farei a entrevista amanhã pela manhã.

— E não acha meio perigoso? Digo, sei lá ... Como trabalho na polícia, vejo diariamente inúmeros casos de pessoas sendo enganadas por empresários, vá com calma Malu, não vá entrar em uma furada, hein? — Seu tom é de brincadeira, mas vejo que ele ficou verdadeiramente preocupado.

— Vou analisar direitinho essa proposta, e afinal de contas, ainda não aceitei o emprego. Vou apenas a uma entrevista.

— Eu me preocupo sim com você, Malu, te conheço a tão pouco tempo, mas você já faz parte de minha vida. Se alguém tivesse feito por minha irmã o que fiz por você naquela noite, ela provavelmente ainda estaria viva — fala com pesar.

Compadeço-me de sua dor, mas eu preciso seguir minha vida.

— Fer, coloque em sua cabeça que você não poderá me proteger e me salvar sempre, essa é a vida, minhas escolhas são minhas consequências. Quebrar a cara em algum momento da vida será algo inevitável.

— Eu sei, mas já não me imagino sem sua presença, mesmo que à distância ou vendo-a esporadicamente.

— Olha só, já chegamos. De carro meu apartamento não parece tão longe. — Brinco desconversando só para não ter que responder, deixando o assunto constrangedor de lado.

— Se quiser, posso te buscar todos os dias. — Se oferece.

— De jeito nenhum Fer, você não pode parar sua vida para cuidar da minha.

— É o que mais queria Malu. — Para o carro em frente ao portão do meu prédio e segura meu rosto com ambas as mãos, assusto-me com sua atitude e afasto-o com a mão em seu peito.

— Fer não vamos misturar as coisas, tá legal? Não posso ser mais do que sua amiga. — Esbarro os dedos em sua correntinha e pego no crucifixo — Que estranho? — Franzo as sobrancelhas e ele suspira, seus lábios formam uma linha fina.

— O que é estranho, Malu? — Afasta suas mãos e bagunça seus cabelos.

— Essa correntinha com o crucifixo. É de família?

— Hã? Não que eu saiba, por quê?

— André usa uma, se não for igual, é bem parecida.

— Estranho, nunca o vi com corrente. Essa aqui é um presente que Taliane me deu dias antes de morrer e desde então, não a tiro nem no banho.

— Olha, vamos deixar as coisas como estão, tá bom? Eu não quero te magoar e nem te iludir. Meu coração pertence a outro e não se manda no coração.

— Tudo bem Malu — Bagunça os cabelos um pouco mais — me perdoa, acho que interpretei mal as coisas. Eu não sou um aproveitador, minha mãe me ensinou a ser um homem de verdade, correto em tudo. Não quero que se afaste de mim, podemos manter a amizade?

— Claro. Agora preciso entrar, estou mesmo com dor de cabeça.

— Vou te acompanhar. — Desce do carro e abre a porta para mim.

Juntos, subimos as escadas, em silêncio, abaixo e pego minha chave que deixo guardada na planta ao lado da minha porta.

— Você precisa parar de guardar sua chave aí, muitas pessoas devem saber deste esconderijo.

— Somente meus verdadeiros amigos sabem, e são bem poucos.

— Estou falando sério Malu, isso é perigoso.

— Está bem senhor policial preocupado — Brinco para descontrair.
— Eu vou arrumar outro esconderijo.

— Por que não a leva na bolsa?

— Porque já perdi várias chaves e se eu for assaltada, como faço para entrar em casa?

— Malu, você parece gostar de seguir uma vida perigosamente. — Zomba de minha cara.

Abro a porta e o convidado a entrar.

— Entra? — ele aceita e parece inspecionar meu apartamento em busca de alguém. — Não tem ninguém aí, está totalmente seguro — sorrio — E eu não levo minha vida de um modo perigoso, só gosto de ser prática. Se eu perder a chave, sou obrigada a dormir do lado de fora ou na rua.

— Basta me ligar que venho correndo te socorrer. — Reviro os olhos.

— Se eu tivesse seu número eu poderia sim te ligar, mas como não tenho vou ficar sem o socorro.

— Como não? Conversamos muito na festa de André, se esqueceu? Salvei meu número em seu celular e pedi que me ligasse para que eu salvasse o seu, é você quem me deve.

— Oh, oh! Não me lembro de muita coisa daquela noite. Não leve tudo o que falo ao pé da letra. — Procuro por seu número em meu celular e constato a verdade.

— É, percebe-se que você não se lembra de muita coisa que aconteceu naquela noite, uma pena.

— Hum — Com o celular ainda nas mãos, questiono-o — Você me viu fazendo alguma coisa incomum? — Minhas bochechas queimam só em pensar que ele foi testemunha de meus beijos e esfregação em André. Deus me livre de passar essa vergonha dupla, já me basta André fingindo que nada rolou entre a gente.

— Não se preocupe comigo, se vi algo, não vou sair por aí espalhando. — Magoado responde.

— Fer, por favor, não me interprete mal. Eu só não quero realmente me lembrar ou falar mais dessa festa. Eu deixei meu coração para trás naquele dia em meio aquela bebida.

— Então vamos mudar de assunto? — Cavalheiro como sempre muda o rumo da conversa — Posso te acompanhar amanhã na entrevista?

— Não vai trabalhar amanhã?

— Posso me dar ao luxo de chegar um pouco mais tarde de vez em quando.

— Então, aceito sua companhia. — Sorrio agradecida.

— Acho melhor eu ir, amanhã posso te encontrar aqui que horas?

— A entrevista é neste endereço aqui. — Mostro a mensagem de celular — E está marcada para às sete e meia da manhã.

— Me envia este endereço, vou ver quanto tempo vamos gastar no

trânsito assim que chegar a casa, mas devo passar aqui por volta das sete, pode ser? Não acho que vamos gastar mais do que vinte minutos.

— Combinado, então. Até amanhã Fer. — Fico na ponta dos pés para dar um beijo em seu rosto e abraçá-lo.

— Até amanhã Luizinha. — Inspira meu perfume e se afasta um pouco atordoado.

— A propósito, amei meu novo apelido. — Ele olha para trás, sorri, pisca e novamente vira em direção à saída.

Por que não posso corresponder a esse deus grego? Que ainda por cima é livre, leve e solto.

Corro para o chuveiro, tomo uma ducha rápida e visto meu pijama vermelho com um sapo verde enorme na frente. Eu sei que é bem ridículo e broxante, mas é aconchegante e isso é o que importa, Carol diz que ainda vai colocar fogo nele ou picotar com uma tesoura.

Fernando

Não era para ser assim. Neste momento eu só queria estar deitado na cama dela, aos beijos com ela por cima de mim, cavalgando em meu corpo, mas infelizmente nem tudo o que queremos podemos ter, não é mesmo?

Malu se tornou muito importante para mim. Em poucos dias me trouxe um enorme significado. Eu sempre vivi a vida intensamente, nunca namorei seriamente com ninguém. Tive meus casos esporádicos e minhas paqueras, mas nunca senti vontade de criar laços afetivos e sérios, até me deparar com Malu naquele metrô.

Desde então penso nela diariamente, às vezes até sonho perdendo-a e acordo suado e apavorado. Se ela não pode corresponder aos meus sentimentos, vou me contentar com sua amizade, por hora.

Preciso manter-me por perto e em alerta. Ainda mais agora que ela veio com essa história de que vai trabalhar na Espanha. Não quis assustá-la, mas achei muito estranho uma pessoa oferecendo emprego assim na saída do metrô, vou vigiar de perto essa tal entrevista.

— Alejandro, quero que investigue esse escritório para mim — falo assim que Alejandro atende.

— Sabia que tenho horário de descanso parceiro? — Ralha comigo.

— Para nós só há descanso quando concluímos uma investigação, e essa meu caro, está bem longe de ser concluída.

— Descobriu algo novo do caso metrô? — Parece mais interessado.

— Nada conclusivo, são apenas suspeitas, mas vou investigar de perto. Por isso preciso que descubra algo, se agem de honestidade ou de má

fé. Malu fará uma entrevista amanhã e algo me diz que minhas suspeitas têm fundamento.

— Certo meu amigo, assim que eu concluir. Envio no seu e-mail. Fique atento.

— Ótimo, estou indo para casa. — Desligo e dou partida no carro.

Ah Malu, por que tem que ser assim? Eu daria minha vida para ter você junto a mim.

Quando cheguei a casa fui direto analisar meus e-mails, e o endereço corresponde a uma agência de empregos que age de maneira duvidosa. Fiz uma rápida pesquisa e o número de mulheres desaparecidas nos últimos tempos tem crescido de uma forma impressionante e tudo indica que essas mulheres sejam vítimas do tráfico humano e estão sendo cobiçadas com ofertas de emprego no exterior.

Muitas famílias estão desesperadas em busca de notícias de suas filhas ou irmãs. Algumas jamais serão vistas novamente.

Se essa entrevista for uma cilada, não deixarei Malu ser mais uma vítima.



Capítulo 6

Malu

Acordo feliz e, muito empolgada com a nova chance de um emprego melhor e longe de todos os meus problemas. Entro no chuveiro de cabeça cantando Elastic Heart da Sia.

Danço animada e canto no chuveiro, mas não demoro muito no banho. Fernando chega às seis e cinquenta da manhã, o convido a entrar e tomamos um café rápido.

— Você está linda Malu. — Bebe seu café e me encara.

— Obrigada Fer, você também não está de se jogar fora. — Quando vejo o que falei fico vermelha como um pimentão. — Você é um lindo amigo.

— Bom, acho melhor irmos andando, não queremos chegar atrasados, não é mesmo? — Desconversa quando vê o meu constrangimento.

— Vou só pegar minha bolsa e já volto. — Vou até o quarto e pego a bolsa com o envelope. — Prontinho, já voltei.

Fernando dirige centrado e pensativo, começa a tocar uma música que adoro.

— Posso aumentar um pouco o volume? — pergunto receosa.

— Claro, Luizinha, o que você não me pede sorrindo que eu não faço chorando? Tudo para te ver sorrir. — Olha-me rapidamente e abre seu lindo sorriso.

Sorrio em agradecimento e canto junto.

Onde já se viu?

Um anjo desses perdido na rua

O que fizeram com você foi covardia

Hoje você não vai embora sozinha

Entra no carro e não sai mais da minha vida

Thaeme e Thiago — Onde já se viu

Canto, Fernando me olha esporadicamente e sorri. Não demoramos a chegar à agência de empregos.

— Ainda bem que não decidiu seguir carreira de cantora, provavelmente estaria passando fome e morando embaixo de uma ponte — zomba e gargalho verdadeiramente feliz.

Ao lado dele me sinto eu mesma, sem ressalvas, sem medos, segura.

— Seu bobo, deveria ver sua cara antes de falar isso, você bem que estava gostando e se divertindo.

— Estava mesmo, você me diverte mocinha. — Abraça-me e retribuo.

— Bom, vou lá fazer a tal da entrevista, já volto. Vai me esperar aqui, né?

— Claro, não te deixarei para trás. — Beijo seu rosto e entro na agência.

Fernando

— Alejandro, obrigado pela competência — Ligo para meu amigo enquanto espero Malu voltar.

— Porra cara, você não dorme? Por sua causa fui dormir bem tarde e quando penso que terei uns minutinhos a mais, lá vem você me telefonando em plena madrugada. — Esbraveja de mau humor.

— Você está precisando transar cara — zombo dele.

— Até parece que você me dá tempo para fazer isso! É sempre ordens e mais ordens, e olha que ainda nem é delegado, quando passar na prova, vou estar fodido de vez.

— Não são ordens, é apenas um pedido, um favor. Preciso que conclua o que te pedi ontem, trouxe Malu na entrevista, mas o que você descobriu na pesquisa não ajudou em nada. Poderia pesquisar mais a fundo? Procure algo pelo nome de Rosalyn, algo me diz que ela é a chave para o que estamos procurando.

— Não vou pesquisar porra nenhuma, meu horário começa só as nove, e além do mais você nem meu chefe é. Vou desligar este celular e voltar a dormir. — Sei que no fundo ele não fala sério.

— Contanto que você chegue com minha encomenda, você pode voltar a dormir, sei que você não falhará.

— Vá se ferrar — Desliga e fico rindo, pois sei que ele é a eficiência em pessoa. Por isso peço-lhe as coisas.

Malu está demorando muito, vou averiguar de perto.

— Bom dia — cumprimento a recepcionista que estava mexendo no

celular, mas quando me olha, abre um sorriso engessado.

— Bom dia, senhor. Em que posso ajudá-lo? — Pisca os olhos repetidas vezes, um tanto nervosa.

— Eu trouxe uma amiga para uma entrevista, e já faz mais de uma hora que ela entrou. Pode verificar se ela ainda demora?

Ela derruba algumas coisas e se atrapalha.

— Quem é sua amiga?

— Maria Luíza Botelho. — Acho estranho esse nervosismo.

— Só um instante, senhor. — Levanta-se e entra na sala lateral. Demora uns minutos e volta com uma mulher que deve ser a tal Rosalyn.

— Bom dia, senhor. Meu nome é Rosalyn Freitas.

— Bom dia. — Ela não me é estranha.

— Acho que está acontecendo algum equívoco aqui senhor. Maria Luiza realmente esteve aqui, mas saiu há cerca de meia hora.

— Impossível! — falo mais alto do que deveria. — Ela sabia onde estava meu carro e que eu a aguardaria. — Surpreende-se, arregala os olhos, mas se recompõe rapidamente.

— Provavelmente nem se lembrou que o senhor a aguardava, deve ser isso.

Minha vontade é de invadir casa e verificar por mim mesmo onde a esconderam, mas meu bom senso me diz que devo entrar no jogo dela e disfarçar. Algo aconteceu e eu vou descobrir o que querem com minha Luizinha.

— Ok, desculpe minha explosão. — Blefo e tento me acalmar, agir

com a cabeça quente não vai adiantar — eu também não avisei que aguardaria por ela. Provavelmente saiu e nem se lembrou de verificar se meu carro estava onde a deixei. Obrigada Rosalyn.

— Por nada gato. — Sorriu com malícia.

Sigo para meu carro, preciso rastrear o celular da Malu e vigiar essa Rosalyn de perto.

— Saul, bom dia. — Ligo para outro amigo que atua no serviço de inteligência da polícia.

— Bom dia, Nando. Está tudo bem?

Saul é um velho amigo e já trabalhamos juntos em várias buscas e investigações. Atualmente ele estava empenhado em investigar uma quadrilha de tráfico humano e algo me dizia que essa tal Rosalyn estava no meio disso. E quem mais me ajudaria a solucionar o desaparecimento de Malu? O próprio Saul com sua mente brilhante.

— Saul se lembra da garota que conheci no metrô?

— Claro, aconteceu algo com ela?

— Bom, acho que falhei com ela e quando o chefe descobrir que eu estou em uma investigação a parte, vou me foder.

— Calma aí Nando. Diz o que posso fazer por você neste instante.

— O nome Rosalyn te diz alguma coisa?

— Ih, cara. Este nome está em vários processos, mas ninguém até agora conseguiu provas suficientes para incriminá-la

— Pois bem, Malu veio a uma entrevista na casa em que Rosalyn atende como escritório e como não saiu, fui verificar o que estava acontecendo, Malu não saiu da casa, isso eu tenho certeza, estava de vigia e

atento. Mas também não posso forçar uma invasão e procurar por ela.

— Calma aí, me passa o número do celular dela, vou tentar rastrear.

— Ok. — Eu sei que estou extremamente nervoso e que preciso me acalmar, mas o medo de que algo ruim sobrevenha a Malu me cega e me domina. — Anota aí. — Passo-lhe o número. — Vou aguardar seu retorno, enquanto isso, não saio daqui.

— Preciso que você se acalme, Nando. Não quero te assustar, mas estamos investigando essa tal Rosalyn há meses. Ela é muito esperta e se trafica humanos, faz tão bem feito que não deixa rastros para que possamos incriminá-la. A empresa dela, pela lei, é considerada honesta, muitas modelos de sucesso começaram com ela. Mas há algo por trás bastante obscuro, tantas outras mulheres têm desaparecido após fazer contato com a agência. Se a Malu entrou e você não a viu saindo, não vai adiantar ficar aí parado. Provavelmente a sequestraram e já a tiraram daí.

— Mas como isso é possível? Não saí daqui... a não ser quando... — Meu Deus! Descobriram que eu a estava esperando e quando entrei, eles saíram pela garagem. Como pude ser tão amador assim?

— Isso mesmo, provavelmente a tiraram daí quando você entrou no escritório a sua procura.

— Por isso a recepcionista demorou a voltar com a Rosalyn, mas se algo acontecer com Malu, eu procuro essa Rosalyn até os confins da terra, mas vou me vingar. Que espécie de policial eu sou? Fui enganado por uma recepcionista!

— Calma, Nando, muita calma nessa hora. O desespero não te levará a lugar algum. Vou rastrear o celular da Maria Luíza. Sugiro que vá imediatamente para a delegacia e comunique o desaparecimento. Tenho

certeza de que o delegado Mourão vai te ajudar nessa depois de puxar sua orelha, é claro. E enquanto isso, vou fazendo minhas buscas aqui.

— Certo, obrigado, Saul. Fico no aguardo de seu retorno.

Não acredito que fui tão idiota de deixar Malu ir nessa entrevista forjada. Meu sexto sentido me dizia que tinha coisa errada. Quem oferece emprego na saída do metrô? Se algo de ruim acontecer com ela não vou me perdoar por tamanha estupidez.

Ligo para um detetive e o deixo na cola da tal Rosalyn, ela vai dar bandeira em algum momento e vamos encontrar minha Malu.



Capítulo 7

Malu

— Bom dia, moça. Tenho uma entrevista às sete e meia.

A moça me olha de mau humor.

— Bom dia, só um instante. Vou comunicar a sua chegada, pode se sentar e aguardar.

Eu hein? Quem atende em uma recepção assim? Cadê a cordialidade das recepcionistas?

— Pode entrar, você será atendida. — Volta com uma cara um pouco melhor. — Desculpe meu mau humor, mas odeio acordar cedo. — Sorriu forçada.

— Não se preocupe, obrigada. — Passo pela porta e como ela não falou qual direção devo seguir, vou para a esquerda onde há cadeiras para sentar-se.

Escuto vozes e paro no mesmo instante. Parece que as pessoas estão discutindo.

— *Mas você disse que ela não tem ninguém.*

Um homem fala alto.

— *E foi o que ela me disse ao telefone!*

A mulher fala mais alto e chego mais perto da sala.

— *Então, me explica o que aquele carro está fazendo parado lá fora?*

Eu vi com meus próprios olhos ela descendo e abraçando o cara.

O homem continua.

Estão falando de mim? — Assustada, paro e tento escutar cada detalhe da discussão.

Meu sentido de alerta apita e diz que é a hora de fugir. Mas minhas pernas se travam e a curiosidade em escutar tudo não me deixa sair do lugar.

— *Precisamos dar um jeito de levá-la para outro local e despistar o cara lá fora, se ele voltar com a polícia, já estaremos bem longe com ela.*

Jesus, Maria e José! Se eu tinha alguma dúvida de que falavam sobre euzinha aqui, agora tenho a certeza.

Começo a sair apressadamente, mas ao chegar à porta que leva a recepção, bato de frente com a recepcionista com cara de poucos amigos.

— Onde pensa que vai assim tão apressada mocinha? — Segura em meus braços — Quando se entra aqui, não sai mais. — Dá um sorrisinho sacana.

— Vocês não podem me obrigar. — Tento me soltar de seu aperto, mas ela é mais forte do que eu.

— Ah podemos sim. — Rosalyn aparece. — Você disse que não tinha namorado.

— E não menti. — Levo uma bofetada na cara e caio de bunda ao chão.

Não sei o que doeu mais se foi o tapa ou o tombo.

— Por que está fazendo isso? — Meus olhos lacrimejam.

— Você escutou minha conversa, eu sei que escutou. Agora não

poderei deixá-la sair daqui.

— Eu juro que não escutei nada, por favor, me soltem. — Suplico, mas é em vão.

— Impossível garota! — Segura meu queixo com uma mão. Rosalyn tem uma mão bem pesada para uma mulher que parece tão delicada.

— Meu amigo virá atrás de mim e vocês vão se ferrar! — grito, quem sabe Fernando escuta alguma coisa?

— Pode gritar à vontade, ninguém a escutará. A casa inteira tem isolamento acústico.

Meu Deus! Onde foi que me meti?

Tenho certeza de que Fernando virá me socorrer.

— Aqui estão as cordas Rosalyn. — Um homem de terno aparece com umas cordas na mão e um rolo de fita adesiva.

— O que farão comigo? — Engulo em seco encarando as cordas.

— Por enquanto só vamos tirar você daqui. Depois a levaremos para outro país e lá queridinha, você será vendida em um prostíbulo de luxo. — Rosalyn gargalha, maquiavélica. — Nos renderá muito dinheiro com este rostinho de boneca.

Arregalo os olhos, amedrontada, e choro pelo o que está acontecendo. Enquanto isso Rosalyn gargalha histericamente.

— Lá fora alguns homens a considerarão velha demais, mas servirá para muitos. Os dentes estão perfeitos, o corpo em ordem, será um prato cheio para muitos ainda.

— Não vou me prostituir, meu amigo me encontrará.

— Deixa eu te contar um segredinho minha linda. — Segura meu queixo novamente enquanto sou amarrada pelo o homem. Tento me debater, mas a tal recepcionista o ajuda — Quando seu amiguinho der por sua falta, você estará bem longe queridinha. — Analisa-me atentamente. — Se você fosse virgem, valeria bem mais. — Arregalo os olhos assustada, entregando-me. — Ah, a boneca é virgem, então? Perfeito! — Bate palminhas em euforia — Vai me render bem mais do que eu imaginava. José, ninguém toca nela, está me ouvindo? — Vira-se para o homem — Se eu descobrir que mexeram em meu pote de ouro, mando matar um por um dos envolvidos.

— Sim senhora! — Amarrada e com a boca tampada, choro copiosamente. Que Fernando me encontre logo.

Vendam meus olhos e sou carregada, acho que me colocam no porta malas de algum carro. Um medo claustrofóbico me domina, tento gritar, mas com aquela fita adesiva na boca, me ouvir será impossível.

Para me acalmar faço uma oração silenciosa e peço a Deus que esse pesadelo acabe logo e que Fernando me encontre o mais rápido possível.

— Chegamos boneca. — Não sei mensurar quanto tempo passei ali, meu medo foi se abrandando a medida em que eu pedia socorro a Deus. Mas ao escutar essa voz, tudo voltou.

O homem me tira do carro e me carrega, não faço a mínima ideia de onde estou, continuo vendada e em um local bastante silencioso.

Coloca-me em um quarto, tira minha venda e a fita da boca com um puxão que doeu até a alma.

— Ah se a chefe não tivesse dado ordens de não tocá-la, com certeza eu faria algumas coisinhas bem prazerosas com você — sua voz e a menção de me tocar causam-me asco e pavor — vou soltá-la e não tente fugir, além

de estarmos no segundo andar, as janelas tem grade, estamos em uma fazenda isolada. Pode gritar à vontade, aqui ninguém a escutará além dos empregados que são todos contratados pela chefe. Então, poupe-se de ficar rouca.

Preciso fugir é a única coisa que me vem à cabeça.

— Por que ela está fazendo isso comigo? — pergunto chorosa.

— Eu não deveria dizer, mas se quer a verdade, vou ser bem bonzinho — Levanta-se e me encara — O tráfico de pessoas é um negócio bem lucrativo e Rosalyn precisa renovar a frota a cada seis meses, os clientes querem carne nova, sabe? E sendo virgens, participam de um leilão e aquele que paga mais, leva a menina por uma semana.

— E se eu não quiser fazer parte disso?

— A escolha não é sua, quem paga por você tem todo o direito de fazer o que quiser. É uma pena que não terei esse prazer.

Choro por ter sido mais uma vez enganada pela vida. Nunca mais verei meus amigos. Carol ficará louca me procurando. Ah meu Deus! Eu só queria uma chance de melhorar minha vida, não queria ferrar com tudo de vez.

— Olha moça, sugiro que se acalme, não tem para onde correr e além do mais, você vai gostar.

Afrouxa minhas cordas e sai do quarto, deixando-me sozinha com meu pranto e desespero. Reajo algum tempo depois, me solto e procuro por algo que me ajude a sair dali.

O quarto é minúsculo, tem apenas uma cama com um fino colchão, parece mais uma cabine de tão pequeno que é. Tem um banheiro menor que um lavabo com um vaso sanitário e um chuveiro que só deve ter água fria, nem fios têm.

Produtos de higiene e toalha? É claro que não têm.

Deito-me na cama em posição fetal, choro mais e mais tamanho é meu desespero.

Acordo com uma batidinha na porta e levanto-me assustada. Nem havia percebido que adormeci.

Ninguém a abre, escuto apenas o barulho de um prato reciclável e um copo sendo arrastado no chão. Só agora percebo uma minúscula abertura por onde passam os alimentos.

Estou faminta, não consigo mensurar quanto tempo se passou desde a hora em que fui sequestrada, nem por quanto tempo dormi.

— Ei, pode me dar uma colher? — peço.

— Sinto muito, só podemos fornecer a comida dessa forma.

— Você é mulher, deveria se compadecer comigo. Deveríamos nos unir. — Os passos se afastam um pouco, mas volta-se.

— Estou no mesmo barco que você, sinto muito, mas não posso ajudar. Ah, pode comer despreocupada. A comida é confiável, o interesse deles é você com vida.

Bom, já que vou ter que comer com as mãos, pelo menos vou poder lavá-las no chuveiro.

Os dias foram passando e as coisas chegavam para mim apenas por aquele buraco na porta. Recebi uma tolha e um sabonete, um sachê de creme dental e uma escova dental. Chorava menos, até que uns homens estranhos começaram a aparecer em meu quarto.

Não faziam nada, por ordens da “*chefa*” não podiam me tocar, apenas falavam coisas obscenas e ameaçavam-me a todo o momento, diziam o que

gostariam de fazer comigo e eu não gostava nem um pouco de escutar.

Quando falaram que estava tudo certo para minha viagem, entreguei-me ao fundo do poço, não comia mais, não chorava, apenas esperava minha sentença.

Não tinha mais esperanças de ser encontrada, quando em uma noite chuvosa, meu salvador mais uma vez apareceu para tirar-me do mundo da escuridão em que me embrenhava a cada dia que se passava.



Capítulo 8

Fernando

Carol surtou quando não teve notícias da amiga. André vendo o sofrimento de sua namorada veio me pedir ajuda, mal sabendo que eu sou o principal interessado em encontrá-la.

Não será fácil encontrar o cativo, uma vez que o celular foi encontrado na beira de uma estrada.

— Fernando, tem alguma notícia de Malu? — Carol me questiona assim que entro em casa.

— Ainda nada Carol, mas fique tranquila, vamos encontrar Malu. — Assim espero.

Passou a ser rotina eu chegar do serviço e encontrar André e Carol na sala da casa dos meus pais aguardando por notícias. Carol não conseguia trabalhar preocupada com a amiga que é como uma irmã para ela.

Uma operação foi montada quando meu detetive nos informou que em uma fazenda ao leste do estado mulheres e meninas com idade para estarem brincando com bonecas eram mantidas em cárcere privado e que possivelmente seriam levadas a outros países sem seus consentimentos.

Ele seguiu Rosalyn até o local e acabou descobrindo que a fazenda funcionava como uma casa de prostituição.

Se minha Maria Luíza estiver ali, vou matar essa Rosalyn com minhas próprias mãos.

— Fala Mourão. — Atendo ao delegado no primeiro toque do celular.

— *Fernando, meu caro, precisamos agir essa noite. Obtivemos informações sigilosas de que algumas meninas serão transportadas da tal fazenda para a Espanha hoje à noite. — Escuto sem nada falar, Carol e André me encaram curiosos — O que não sabemos é como as garotas serão transportadas.*

— Certo, chefe, estou voltando para a delegacia.

— *Tenta manter a calma, não podemos por em risco a vida dessas mulheres, lembre-se, a maioria, se não todas, são vítimas de uma organização criminosa.*

— Fique tranquilo delegado Mourão, não lhe desapontarei. Estou a caminho.

— E aí Fernando? Novidades? — Carol se levanta apressadamente e questiona, ansiosa por notícias da amiga.

— Ainda nenhuma, Carol — Estou morrendo aos poucos sem notícias.

— Eu só quero minha amiga, minha irmã de volta. Se ao menos eu soubesse desses planos a teria persuadido a desistir. — Chora sem vergonha alguma.

— Isso pode acontecer com qualquer pessoa Carol, não se culpe. Malu é uma mulher muito inteligente e ainda assim, foi vítima de um golpe.

— Eu não sei o que será de mim se ela não aparecer. — André a abraça e me olha com curiosidade, mas não posso falar nada ainda.

— Preciso ir, qualquer novidade entro em contato com vocês. — Saio antes que me façam mais perguntas e me atrasem.



Encontro com a equipe que entrará na fazenda. Confesso que estou apreensivo, mas muito confiante. Sinto que ainda hoje Luizinha estará comigo.

A noite está chuvosa e fria, mas isso não é empecilho para agirmos. Entramos sorrateiramente e encontramos uma festa particular acontecendo. O coração sangra ao ver mulheres sendo usadas e abusadas, dá para ver no rosto delas tamanha tristeza.

— Polícia! — O delegado Mourão, dá voz ao adentrarmos na sala principal. — Foi uma gritaria só, mas felizmente não teve troca de tiros — A casa está cercada, portanto não tentem fugir, estão todos presos. — Implacável, Mourão dá as ordens.

Há cerca de uns dez homens na festa particular, todos cheios da grana, empresários e políticos conhecidos na cidade. Um bando de abutres que sabem que nada acontecerá a eles em um país onde os ricos mandam, mas pelo menos essas mulheres ganharão a tão sonhada liberdade.

Os poucos funcionários que estão na sala deitam-se no chão — são eles três mulheres e três homens que possivelmente são os seguranças do local.

Começamos a vasculhar toda a casa em busca de outras possíveis vítimas.

Encontramos dez mulheres, algumas menores de idade, já prontas

para serem transportadas, além de outras doze que eram obrigadas a participar da festinha. O alívio em serem resgatadas é palpável.

— Estamos aqui para salvá-las. — Choram aliviadas — Viram essa moça por aqui? — Mostro a foto de Malu, mas nenhuma parece tê-la visto.

— Todos vocês serão levados para a delegacia. — Mourão anuncia — Até que se prove o contrário, são todos considerados suspeitos dessa facção criminosa.

— Com licença senhor. — Uma das empregadas do local pede para falar — Eu não vi essa moça, mas há uma mulher presa no sótão, nunca vi seu rosto, está enclausurada lá desde que chegou aqui. Dizem que ela é o pote de ouro da chefe. — Aproximo-me dela.

— E onde fica a entrada para o sótão? — pergunto, esperançoso de que seja minha Luizinha.

— Se for uma cilada moça, saiba que se dará muito mal. — O delegado me dá cobertura e faz sua ameaça.

— Não, senhor. Também somos vítimas aqui, eles nos prometem mundos e fundos e no final, trata-nos como lixo. Aqui sou uma escrava, trabalho dia e noite, sem folga nem salário. Posso estar assinando minha sentença de morte, mas não posso me calar, mesmo que isso custe minha vida. Sinto-me aliviada e agradecida por ser resgatada.

Observo a mulher que só agora olhando atentamente parece ser bem mais jovem do que aparenta.

— Quantos anos você tem? — pergunto-lhe, curioso.

— Vinte e seis, senhor. — Não consegue me olhar nos olhos.

Meu Deus, o que esses crápulas fizeram com essa garota. Tenho

vontade de chorar, mas contendo-me. Ela aparenta ter uns quarenta anos ou mais. Seus cabelos são cortados como de homem, está sem dentes e com algumas rugas.

— Você terá sua vida de volta, eu prometo que você voltará para sua família.

— Não sei se quero isso, tamanha a vergonha que sinto. — Encolhe-se mais.

— Há quanto tempo está aqui?

— Desde os quinze anos. Caí na lábia deles, fui para outro país e quando não servia mais para a prostituição, trouxeram-me para ser escrava nessa fazenda. Aqui não podemos nem sair do lado de fora da casa.

— Você ainda vai recuperar a garota que morava em você antes deles roubarem sua vida. — Olha-me nos olhos pela primeira vez em gratidão. — Agora preciso encontrar minha garota, mostre-me onde é o sótão? — peço gentilmente.

— Por aqui. Era eu quem levava sua alimentação. — Seguimos escada acima até chegarmos em uma escada estreitinha.

Bato na porta, mas ninguém responde.

— Maria Luiza, você está aí? — Nada ainda. — Não fique próxima à porta, vou arrobar.

Chuto a porta e quando entro no cubículo encontro uma Malu debilitada em cima da cama.

— Ah meu anjo o que fizeram com você? — Abraço-a com medo de machucá-la ainda mais. Ela está visivelmente mais magra e desidratada. Seguro o choro, mas a emoção de encontrá-la com vida, ainda que frágil é

enorme.

— Fer, é você? — Balbucia as palavras tão baixinho que acho até que seja coisa da minha cabeça.

— Sou eu sim meu anjo, vim te salvar. — Sinto-a amolecendo em meus braços. — Malu, não faz isso comigo, por favor, fique comigo, o resgate já está a caminho meu anjo.

Desço com ela nos braços pela estreita escada, os olhos marejados, coração sangrando por vê-la neste estado lastimável. Ela ainda está viva, mas muito fraca.

Morri mil vezes até que chegamos ao hospital, vê-la sendo atendida e reagindo, logo após o boletim do médico foi o que me fez acalmar.

Infelizmente os *principais* não foram presos, conseguiram escapar mais uma vez, mas só de termos salvado mais de onze meninas é um avanço e tanto.



Capítulo 9

Malu

Acordo em um hospital e choro aliviada por ver-me fora daquele enclausuramento. O resgate não foi um sonho, Fernando não foi um sonho.

— Ai, amiga — Carol me abraça, apertando-me em seus braços — que bom que acordou, estava ficando muito preocupada e agoniada.

— Carol... — Retribuo o abraço entre soluços — Eu estou aqui mesmo?

— Claro, né? Ou acha que sou uma linda miragem do deserto? — Brinca para descontrair, mas vejo apreensão em seus olhos.

— É, realmente estou aqui e com você, sua convencida. — Sorrio, feliz por mais uma vez estar sã e salva.

— Promete-me que quando for fazer qualquer coisa vai me contar antes? — pede com a voz embargada enquanto segura minhas mãos.

— Prometo Kera. — Abraço-a bem apertado, não quero mais ficar longe dela. — Juro, juradinho por minha santa mãezinha que mora no céu.

— Não fuja mais de mim, está ouvindo Malu? — Olha-me ressabiada — É por que estou namorando? Porque se for, prometo me dedicar mais a você, mas não fuja mais de mim. André entenderá.

Pensar em André me faz sentir uma pontadinha de inveja, mas ela é minha amiga, leal, quase uma irmã. Sinto-me até envergonhada pelos sentimentos confusos que carrego dentro de mim.

— Ei, para de bobeira. Eu não queria fugir, só queria uma vida melhor e achei que morando no exterior alcançaria a tão sonhada independência. Quando estivesse tudo certo, juro que você seria a primeira a quem eu contaria. Não tem nada a ver com seu relacionamento. — Não olho em seus olhos, sou uma péssima amiga, mas não posso magoar Carol, ela faz tanto por mim.

— Tem alguém que não para de perguntar por você. — Abre um lindo sorriso — deixou esse lindo buquê de girassóis para você. — Seus olhos brilham — Ele é mesmo um amigão para você, só foi em casa descansar, não queria desgrudar de você, volta pela manhã porque prometi mantê-lo informado quando acordasse. — Antes de dizer quem é o tal amigão o médico entra no quarto.

— Boa noite, que bom que acordou, *Bela Adormecida*. — Dou um pulo e me encolho.

— O que é isso Malu? — Carol fica assustada.

Começo a tremer e não consigo me controlar. É como se eu estivesse passando por tudo outra vez, sei que ele é o médico, não é o mesmo que ter perto de mim aqueles homens asquerosos, mas não consigo me controlar.

— Calma, Kera. — Carol tenta me acalmar e o médico se aproxima mais.

— Ei Maria Luíza, sou o doutor Edson, só quero ajudá-la.

— Por favor, não toque em mim! — grito, arregalo os olhos e choro, amedrontada com sua proximidade.

— Já entendi, vou pedir que a doutora Brenda lhe atenda. — Coloca a mãos para o alto — Vai sentir-se mais segura? — Apenas balanço a cabeça em concordância. — Certo, acalme-se, já estou de saída.

Fico com a respiração entrecortada e ofegante, olhando para ele até que saia de minha vista, acalmo-me aos poucos.

— O que foi isso Maria Luíza? — Uma Carol assustada me interroga.

— Não sei Carol, mas desde que fui sequestrada e um homem chega ao meu lado tenho ficado assim. Não consigo me controlar e entro em pânico.

— Eita! Fernando e André ficaram de visitá-la amanhã, será que será um problema?

— Espero que não Kera, eu acho que só fico assim com estranhos.

A médica entra, me examina e com ela não tenho um ataque de pânico.

— Aparentemente está tudo certo com você, assim que os exames ficarem prontos saberemos dizer se você receberá alta ou não pela manhã.

— Ah doutora e quanto ao ataque de pânico que ela teve agora a pouco?

— A encaminharemos para a psicologia. O trauma que ela sofreu ainda está bem vivo na memória, então é normal ela se sentir assim, arisca e amedrontada — responde a Carol e me olha — A não ser que tenha sofrido abuso sexual e que não saibamos, tudo está dentro do quadro normal e esperado.

— Eles não me violentaram. Mas em compensação, não me pouparam de ver certas coisas e escutar outras tão ruins quanto ver — falo relembrando algumas cenas bem vívidas na mente.

— Você teve sorte. — A médica me olha carinhosamente.

— Não, eu era o tal pote de ouro e quem me tocassem intimamente pagaria com a vida, eram ordens de cima.

— Entendo, por enquanto descanse e pela manhã uma nova médica atualizará seu boletim hospitalar. Por enquanto, manteremos o soro para reidratação, não há motivos para medicá-la.

— Obrigada doutora.

— Agora volte a dormir Kera, amanhã quando a médica passar você tem que estar bem. — Carol sugere, na verdade, quase me obriga.

— Por favor, não saia daqui. — Suplico, antes de fechar os olhos.

— Estarei aqui quando acordar e sempre que precisar de mim.



Acordo, sobressaltada e molhada de suor. Tive mais um pesadelo. Isso tem sido recorrente em minhas noites.

— Ei, estou aqui Luizinha. — Apesar de ser de um homem, essa voz me traz paz. Fernando aproxima-se de mim e segura minha mão como se eu fosse sua tábua de salvação.

— Oi Fer, bom dia.— Acalmo-me só em saber quem está ali comigo — Onde está a Carol? — Ele acaricia meus cabelos e seu olhar se prende ao meu.

— Ela saiu para um café com o André. Ainda é cedo e ele vai trabalhar daqui a pouco.

— Como foi que você me achou? — Olho em seus olhos. — Lembro-me vagamente de você me carregando.

— Eu contratei um detetive, e ele seguiu a Rosalyn até aquela fazenda. — Seu rosto se transforma ao falar dela.

Fernando me abraça e toco em sua correntinha com um crucifixo. Estranho, conheço uma pessoa que usa uma praticamente igual. Lembro-me da noite em que beijei o namorado da minha amiga naquela varanda e o remorso me atinge, trazendo-me vergonha mais uma vez pelo o que fiz.

— Gostou, mesmo, né? Sempre a uso, é o símbolo de minha fé. — Fernando fala, afastando-se um pouco.

— É linda e o pingente é perfeito. Tem certeza de que não é tradição de família? — pergunto ainda observando o crucifixo.

— Não, que eu saiba somente eu uso correntes com pingente de crucifixo.

— Estranho, porque acho que vi André com uma dessas outro dia. — Não falo onde nem quando, não há necessidade.

— Eu nunca reparei isso — fala pensativo franzindo a testa.

— E ela está presa?— Mudo logo de assunto.

— Ela? — franze as sobrancelhas e a testa — Ah, Rosalyn. Infelizmente ainda não. Mas não se preocupe, a polícia está no encalço dela. Já temos provas suficientes de que ela faz parte de uma quadrilha especializada em tráfico humano e uma rede de prostituição.

— Obrigada Fer — meus olhos marejam e aperto meus lábios em uma linha fina controlando para não desabar em lágrimas. — Você mais uma vez salvou minha vida. Agora te devo duas vezes.

— Ah que isso Luizinha, só fiz o meu dever. Eu prometi cuidar de você e falhei miseravelmente quando a deixei entrar sozinha naquele falso

escritório, jamais me perdoarei.

— Você não tem culpa Fer, não tinha como saber. Fui eu quem me deslumbrei com a possível chance de morar no exterior depois de ficar com o coração partido, mas isso só serviu de lição, eu tenho que valorizar os amigos que tenho, são vocês minha única família.

Ele me abraça tentando esconder a emoção.

— Ei, eu preciso de um banho, há dias não tomo um banho de verdade.

— É, eu não ia falar não, mas o cheirinho de gambá está bem forte aqui no quarto.

— Fernando! — Enrubesci — Não seja indelicado.

— É brincadeira Luizinha, para mim você continua linda — Cruzo os braços e semi-serro os olhos — Tá bom — Levanta as mãos sorrindo — Estou mentindo só um pouquinho. — Coloca uma mão para tampar o riso e joga o travesseiro nele.

— Vou tomar um banho e é agora. — Tento descer da cama, mas ele me segura.

— Você não pode ir para o banheiro sozinha mocinha. — Detém-me.

— Mas eu preciso, na verdade, necessito de um banho neste instante e daqueles bem demorados por sinal.

— Mas não pode ir sozinha.

— Vai me ajudar? — Arqueio uma sobrancelha.

— Eu bem que gostaria, mas não é conveniente.

— Ah Fer, você é um fofo. Seria tão fácil me apaixonar por você —

falo sem filtrar minhas palavras.

Ele fica sem graça, me encarando e engole em seco.

— Vou ligar para Carol voltar para te ajudar. — Pega o celular e disca para minha amiga.

— Pede para ela comprar produtos de higiene para mim, por favor? — peço e volto a me deitar.

Ele encerra a ligação e volta a se assentar na cadeira ao lado da minha cama.

— Você vai precisar depor assim que receber alta. — Toca minha mão novamente e começa a fazer um carinho com o dedo polegar em minha pele.

— A propósito Fer, quem está pagando a conta deste hospital? Tenho certeza de que é particular.

— Eu estou pagando.

— Mas por que não me levou para um hospital público?

— Eu não teria paz se tentassem um novo sequestro. E aqui, tenho muitos conhecidos que atenderão você muito bem.

— Mas existem ótimos médicos na rede pública de saúde.

— Sim e eu sei, mas eu conheço os médicos daqui, inclusive meu pai é um dos diretores clínicos deste hospital. E outra coisa, eu não ficaria tranquilo sem deixar que um segurança fizesse sua proteção. Sua segurança agora é primordial para mim.

— Oh! — Meu queixo cai — Não sabia que seu pai é médico.

Ele sorri de lado.

— Tem muitas coisas a meu respeito que você ainda não sabe, mas vou cuidar para que me conheça melhor. — Faz carinho em meu rosto.

— Kera — Carol entra no quarto em um rompante — Não achei xampu, aí eu trouxe este sabonete líquido aqui, deve dar para quebrar o galho, não é? — Alterna o olhar entre mim e Fernando — O que foi, atrapalho algo? — Levanta as duas sobrancelhas.

— De forma alguma. — Fernando afasta-se um pouco.

— Claro que não — respondo um tanto sem graça.

— Só voltei rápido porque fiquei com medo de você ter outro ataque de pânico, sozinha aqui com o Fernando.

— Ataque de pânico? — Fernando pergunta, preocupado — Como assim?

— Toda vez que um homem aparece ela surta, dá para acreditar? — Carol fala. — Nem deixou o médico bonitão a examinar.

— Não é bem assim, eu só estou com medo pelo o que me aconteceu, só isso. Quando um estranho se aproxima, não controlo minhas emoções e entro em pânico.

— Eles fizeram algo com você Luizinha? — Fernando fica sombrio, chega mais perto analisando-me. — Tocaram em você, te violentaram?— Aperta os dentes e a mandíbula.

— Não, Fer! — Apresso-me em acalmá-lo, passo a mão por seu braço, acalmando-o. — Não, apenas entravam no quarto para me amedrontar, nunca me tocavam. Rosalyn deu ordens para que não me tocassem. Eu seria leiloada de acordo com ela, então quem me tocasse, pagaria com a vida.

— Eu acho que vou ali pegar mais um café. — Carol fala e sai do

quarto sem nos dar tempo de pedir que fique.

— Ela deve estar pensando que está acontecendo algo entre a gente.

— Observo minha amiga sair e sorrio para Fernando que continua sombrio.

— Depois você se explica com ela. Eu quero saber o que fizeram com você. — Passeia seus olhos por meu rosto, aflito — Se por acaso fizeram algo com você, me fala, porque quando forem presos darei a punição merecida para cada um deles.

— Aí, está vendo só o quanto você é um fofo? — Sorrio e acalmo-o um pouco.

— Desse jeito vou pensar que estou gordo, toda hora você me chama de fofo. Dá para parar? — Sorri abertamente — Isso fere a masculinidade dos homens.

— Fique tranquilo eu estou fisicamente intacta, só meu psicológico que ainda não entrou nos eixos. E você está em boa forma, não tem nada de gordo aí. — Passeio os olhos por seu corpo.

— Que alívio, já estava até pensando em fazer uma dieta. — Juntos sorrimos.

Quando estou com o Fernando eu me sinto tão bem que nem parece que o conheço há tão pouco tempo.

— Bem, agora preciso ir. Vou ligar para Carol voltar, não quero deixá-la sozinha. Qualquer coisa peça que ela me ligue, venho voando.

— Sabe se meu celular foi encontrado?

— Sim, mas ainda é material de investigação. Não se preocupe, logo será devolvido. — Beija minha testa e o crucifixo esbarra em meu rosto.

— Vou aguardar, então. Vai com Deus Fer.

— Fique em paz Luizinha.

Ele sai e Carol entra.

— Hum, não sei não viu. — Entra com um sorrisinho daqueles que pensa ser dona da verdade.

— Não sabe o que dona Ana Carolina Aguilar?

— E Fer para lá, Luizinha para cá. O que está rolando, hein? — Para em minha frente com as mãos na cintura. — Desembucha logo garota. Vocês fariam um casal tão lindinho. — Pula e dá gritinhos em euforia.

— Não está rolando nada mais do que amizade, pare logo de bobeira e me ajuda logo no banho, porque estou necessitando de um.

— Está bem, quando estiver preparada para me contar, estarei aqui para escutar.

Sei que ela queria render o assunto, mas não prossegui. Eu hein? Vê lá se Fernando lindo daquele jeito iria se interessar por mim? Carol está maluca.



Capítulo 10

Malu

Recebi alta do hospital naquela mesma tarde e Fernando foi nos buscar. Carol queria adiantar quinze dias de suas férias para cuidar de mim, mas não deixei.

Fernando sugeriu que eu ficasse na casa de seus pais, a princípio recusei, mas quando ele disse que era um pedido especial de sua mãe e avó, não pude recusar. Ele me contou que a mãe ficou muito feliz quando fui encontrada e que em sua casa eu seria tratada como uma filha.

— Boa tarde pessoal — cumprimento as duas senhoras que me aguardavam na sala da enorme casa.

— Boa tarde. — A mais velha fala e olha para o Fernando. — Nossa, meu filho, realmente você não mentiu, a moça é mesmo muito bonita. — Minhas bochechas coram instantaneamente, abaixo meu olhar um pouco envergonhada.

— Vovó, não me envergonhe na frente de minha convidada.

Ela apenas faz uma careta e depois sorrir de modo terno para mim.

— Seja bem-vinda minha linda, espero que meu neto a tenha tratado bem durante a viagem até aqui, ele costuma ser meio estressado às vezes. — A última frase ela sussurra, mas de modo que todos possam escutar.

— Obrigada — respondo e olho Fernando que revira os olhos, mas está nitidamente feliz. — Seu neto foi muito gentil comigo. Sorrio para ele.

— Oi, boa tarde, seja bem-vinda Maria Luíza. Estou muito feliz que tenha aceitado meu convite. Sou a Magda mãe do Fernando. Fique à vontade querida. Acho que você precisa descansar. — Olha para Fernando — Querido, mostre o quarto para ela.

— E eu sou a Maria, ninguém perguntou, mas sou a avó desse príncipe estressado aí. — Maria sorri abertamente para o neto que a olha com orgulho. — Mas não me chame de Maria — Vira para mim — Aqui sou a vó Maria, estamos entendidas?

— Sim, vó Maria e dona Magda, muito obrigada pelo convite. — Ainda tímida agradeço.

— Sinta-se em casa Maria Luíza, mais tarde Regina lhe fará companhia.

Agradeço-as e sigo para o quarto com Fernando, um pouco nervosa. O que será que estão pensando de nós dois?

— Não se preocupe Luizinha, aqui ninguém tentará julgá-la ou perguntará nada de sua vida pessoal. — Franzo a testa surpresa.

— Deu para ler pensamentos agora?

— Você é transparente como a água de uma nascente. — Sorrimos um para o outro.

Fernando faz com que eu me sinta tão eu mesma que não preciso forçar nada.

Antes de irmos para a casa de seus pais, passamos em meu apartamento e tive uma triste surpresa, ele foi arrombado e levaram as poucas coisas de valor que eu possuía.

Foi triste não encontrar as coisinhas que comprei com muito esforço,

mas sei que eu vou me reerguer e conquistar tudo novamente.

— Você ainda mora com seus pais? — pergunto desfazendo a mala em cima da cama com as poucas roupas que me restaram.

— Não e sim. — Coloca as mãos no bolso da calça encarando-me — Eu tenho um apartamento, mas dona Magda e dona Maria me infernizam quando não tomo café da manhã, almoço ou janto aqui. Acabo apenas dormindo em meu apartamento.

— Ah. — Pego as roupas e vou organizando-as na cômoda que está no quarto. — Espero não dar trabalho para elas e prometo que assim que voltar a trabalhar volto para minha casa.

— Luizinha você não está dando trabalho nenhum. — Segura meu rosto com ambas as mãos, uma de cada lado — Eu quero você aqui, meus pais a querem aqui e você não volta para aquele apartamento, sozinha de jeito nenhum, isso é uma promessa.

— Ah desculpe-me, volto depois. — Uma moça alta e muito parecida com Fernando entra de repente no quarto.

— Não precisa, Regi, estava aqui falando com a Luizinha que ela não está dando trabalho nenhum para nós, bem que você podia reforçar isso.

— Primeiramente é um prazer conhecer a famosa Luizinha, sou a Regina. — Estende a mão e me cumprimenta. — E segundo, vai ser ótimo ter você por perto, assim vovó esquece um pouco de mim e para de me atormentar um pouco. — Sorriu.

— Regina! Desse jeito nossa convidada vai fugir para as colinas. — Fernando fala em meio a sorrisos.

— Não se preocupe, vovó só tem o prazer de atormentar os netos. — Sorri novamente. — Menina, achei que meu irmãozinho ia surtar enquanto

você estava desaparecida.

— Luizinha é uma amiga muito querida e especial Regi. — Seus olhos brilham ao falar.

— Amiga, hum! Sei como é. Você só não botou um ovo porque é uma tarefa impossível.

— Eu sei que todos pensam que eu e o Fer temos algo a mais do que amizade, mas o que importa é que somos somente amigos — Trato logo de explicar antes que vire uma bola de neve.

— Se você está falando — levanta as mãos, rendida —, então só me resta acreditar, mas vocês fariam um belo casal.

Olho para Fernando, achei-o um pouco diferente, mas ele logo trata de colocar um lindo sorriso no rosto.

— Bom, vou indo. Ainda tenho trabalho a concluir. Mais tarde volto para o jantar. — Beija meu rosto e o da irmã — Até mais tarde. Espero que as mulheres desta casa não a enlouqueçam, e Regi, cuida bem da nossa convidada.

— Pode deixar *pletinho*, cuido bem dela sim.

— Até mais tarde Fer. — Olho-o sair do quarto, deixando-nos à sós.

Regina me ajuda com as roupas, depois mostra-me toda a casa que não é nada pequena.

— Sei que está de repouso ainda, mas o que acha de um passeio ao shopping? — Regina propõe.

Lembro-me do medo de pessoas estranhas e acho melhor não abusar da sorte.

— Por enquanto prefiro descansar, nada de shopping ou passeios.

— Vai ficar bem se eu for?

— Claro. Pode ficar tranquila, além do mais, dona Maria e dona Magda estão em casa.

— Deixa só ela escutar você a chamando de dona Maria, vai dar merda. — Sorri com as mãos na boca.

— Vou me acostumar a chamá-la de vó. — Acabei me esquecendo deste detalhe.

Sorrimos cúmplices.

Regina sai e pego um de seus livros para ler, se meu celular estivesse comigo, poderia ler um dos inúmeros livros que tenho no meu aplicativo do kindle, mas enquanto isso, vou me virando.



— Ah te encontrei — estava tão concentrada que não a vi se aproximando e assustei-me — Me desculpe querida, não queria assustá-la — segura minha mão carinhosamente. — Vim convidá-la para um café, aceita?

— Claro, dona Magda, desculpe-me pelo susto, já me acostumo.

— Não precisa ficar se desculpando meu bem, e deixa esse tal *dona* de lado minha querida.

Seguimos até a mesa posta para o café da tarde e lá está dona Maria.

— Ah chegou minha mais nova neta. Sente-se querida. — Aponta para a cadeira ao seu lado.

— Oi vó Maria, obrigada.

— Ela e Fernando não são um lindo casal Regina? — A essa altura ela já estava de volta.

— Eu falei isso mais cedo vovó, mas eles teimam em dizer que são apenas amigos. — Minhas bochechas coram e fico constrangida.

— Ah, mas isso é porque ainda não perceberam que foram feitos um para o outro. — Vó Maria fala despreocupadamente bebendo seu café.— A química entre eles é quase palpável.

— Vocês podem deixar a moça em paz? — A mãe do Fernando ralha com as duas — Ela veio para cá para descansar, não a perturbem.

Regina e vó Maria se entreolham e sorriem cúmplices com olhares de quem planejam aprontar algo.Ficarei atenta.

Quando cheguei a casa dos pais de Fernando fiquei um pouco constrangida e acanhada, não conhecia ninguém, mas fui tão bem recebida que em pouco tempo já me sentia em casa. Fernando aparecia bem pouco, dizia que estava trabalhando muito, mas acho que como eu, suspeitava que a avó fosse aprontar alguma coisa.



Os dias foram passando e minha vida parcialmente começou a entrar nos eixos. Voltei a trabalhar, e os ataques de pânico estão bem menos frequentes. Quando não consigo atender a algum cliente Carol me cobre. Esses ataques interferiram em minhas vendas, mas tento me controlar ao

máximo, não posso perder o emprego também, já que minha autoestima está lá no chão.

— Malu, o que ainda está fazendo aí? — Carol para ao meu lado quando está saindo da drogaria. Hoje foi a vez dela de fechá-la.

— Estou esperando o Fernando. Ele não é de se atrasar e quando acontece, pede alguém para me buscar, mas até agora não apareceu e nem me ligou — falo, preocupada.

— Estranho, já tentou ligar para ele?

— Já, várias vezes, o telefone dele está sem sinal e já estou ficando nervosa, odeio depender demais das pessoas.

Vejo um homem estranho rondando-nos e o pavor me domina, Carol percebe e tenta me acalmar.

— Calma, Kera. Que tal chamarmos um Uber? — Vejo que Carol também está amedrontada, pega o celular e começa a fazer uma ligação. A essa altura a drogaria já foi fechada e estamos apenas nós duas à mercê desse estranho que nos olha, apavorando-nos ainda mais. Não me bastava tudo que já me aconteceu?

— Passa logo os celulares. — O cara aproxima-se de nós e não temos tempo de correr, Carol já estava no meio da ligação, mas entrega o celular. — E você vem comigo.

Segura em meus braços, mas encontro forças não sei de onde para lutar contra o homem. Carol bate nele com sua bolsa ajudando-me. Sou arrastada pelo meio fio, mas luto bravamente, não posso ser sequestrada novamente, ele me puxa, tropeço e caio batendo a cabeça no asfalto, sinto apenas um dor latejante na cabeça, ainda tenho tempo de escutar os gritos e pedidos de socorro de Carol, vejo suas lágrimas escorrendo pela face e em

seguida fecho os olhos e apago.



Capítulo 11

Fernando

Combinei de buscar a Luízinha hoje, estava muito feliz, ia jantar em casa com ela, meus pais, vovó e Regina. Há dias não jantava lá. Ficar ao lado dela era como uma tortura, sentir seu cheiro e não poder tocá-la, olhar sua boca e não pode beijá-la não estava me fazendo tão bem assim. Pensamentos obscenos invadiam minha mente sempre que ela estava por perto.

Pedia ao motorista dos meus pais para levá-la e buscá-la no trabalho quando não tinha condições de ficar no mesmo espaço que ela sem me controlar.

Hoje, tudo pareceu dar errado. Meu celular descarregou e meu carro parou de funcionar do nada. Como pedi para me esperar na drogaria fiquei mais tranquilo, sei que até às nove da noite ela estaria com alguém, mas já eram nove e cinco e o desespero bateu forte em mim. E se ela pensasse que eu havia me esquecido dela?

Peguei um táxi e cheguei a tempo de vê-la caindo no chão. Meu coração se partiu em mil pedaços. Corri e joguei o merda no chão, pulei em cima dele, o algemei com rapidez e apaguei-o com um soco, sempre ando com minha arma e um par de algemas.

O senhor do táxi veio em meu socorro e ajudou-me.

— Luízinha, por favor, fala comigo? — me aproximo dela e vejo Carol em prantos, amedrontada.

— Será que ela está bem? Por que você demorou tanto? — Carol fala

histericamente e com razão, eu me atrasei e por isso Maria Luíza estava mais uma vez em apuros. Mais uma vez a culpa recai sobre meus ombros.

— Se ela não estiver bem eu não vou me perdoar! — falo para mim mesmo, tocando-a.

— Chamei a polícia e uma ambulância, senhor. — O moço do táxi chama minha atenção.

— Obrigado, nem paguei a corrida, perdão. — Pego a carteira e o pago. — Muito obrigado pela corrida e por me ajudar.

— Gente de bem deve ajudar uns aos outros — responde-me ainda de olho no verme desmaiado no chão.

Aliso os cabelos de Maria Luíza e não me conformo por mais uma vez ela estar sendo atacada. O que querem tanto dela?

— Eu sou um merda, não sirvo nem para protegê-la. — Olho para Carol — Acompanhe-a no hospital, por favor, Carol. Vou para a delegacia, esse aí vai se arrepender de ter cruzado o caminho dela, hoje ele vai ter o que merece.

— Ele tentou nos assaltar e reagimos, se eu soubesse que minha amiga ia cair eu juro que teria entregado o celular sem reagir.

— Não se culpe Carol, esse cara com certeza faz parte da quadrilha que sequestrou Maria Luiza anteriormente. — Ela arregala os olhos e levanta-se de repente.

— Então você veio aqui de caso pensado? — Pega sua bolsa e começa a bater no meliante que acabara de acordar do desmaio forçado e está algemado no asfalto deitado de barriga para baixo e de cara no chão. — Toma essa por me assustar, essa por apertar os braços da minha amiga, essa por ela ter caído...

— Chega Carol, prometo que esse verme vai ter o que merece ainda hoje, não se desgaste, agora precisamos focar em cuidar da Maria Luíza. — Ainda tristonho tiro uma Carol enfurecida de cima do homem.

— Certo, Fernando, mas ele bem mereceu cada bolçada que dei.

Ao longe, escutamos barulhos de sirenes. A polícia chega junto com a ambulância.

Apresento-me aos policiais militares como policial civil e digo que os acompanharei até a delegacia para formalizar o boletim de ocorrência.

— Carol, onde está seu celular? Pode me emprestar?

— Esse lixo aí o pegou, deve estar no bolso dele. Pegue o da Malu, está na bolsa.

Pego o celular da Luizinha e ligo para o delegado Mourão e também para André que estava preocupado porque Carol ligou para ele, mas não sabia onde ela estava. Sigo para a delegacia, mais tarde irei para o hospital, enquanto isso, alguém tinha umas contas para acertar comigo.



Cheguei ao hospital por volta das onze e meia da noite. Surpreendi-me com a presença dos meus pais, vovó e Regina. André ligou para eles e nem preciso comentar que estavam em polvorosa.

Contei que o tal homem estava preso, mas que poderia sair em liberdade a qualquer momento, alguém pagaria a fiança.

— Posso vê-la? — Apreensivo, pergunto ao meu pai.

— Ainda não meu filho, ela está em coma. Há um leve traumatismo craniano devido à queda.

— Coma? Mas a queda foi tão forte assim?

— Infelizmente foi, agora só nos resta aguardar o resultado dos exames.

— Deus queira que ela fique boa logo, não vou suportar vê-la sofrendo mais e uma vez por minha causa.

— Você ama meu filho? — Meu pai pergunta e apenas eu o escuto, os outros estão em uma conversa paralela a nossa.

— Mais do que eu poderia imaginar pai — falo, meu olhar vagueia por minha família — Meu amor é tanto que me contento em tê-la como amiga apenas para tê-la por perto.

— Isso não é bom meu filho. O amor deve ser recíproco, deve fazer bem um ao outro.

— Amá-la em segredo já me basta pai.

— Até quando vai bastar Fernando? Até que te sufoque, não deixe isso atrapalhar as chances que a vida lhe dá.

— Prometo não deixar.

Os dias passaram e voltamos às nossas rotinas de trabalho. Exceto Maria Luíza que ainda estava em coma, mas o inchaço para nossa felicidade, havia desaparecido milagrosamente. Estávamos na expectativa de que Luizinha acordasse logo.



Capítulo 12

Malu

Acordo em uma cama de hospital com aparelhos ligados a mim. Fernando está debruçado na cama e dorme tranquilamente. Estou com sede, mas não quero acordá-lo, tento pegar a jarra de água que está ao lado da cama.

— Oi Luizinha. — Fernando acorda sobressaltado. — Não se mexa, vou chamar o médico, não sei se posso te dar água. — Um Fernando todo atrapalhado toca a campainha chamando a equipe médica. Do mesmo jeito que estava fiquei, sem entender o motivo de tanta preocupação.

Entram médicos, enfermeiras e técnicos, todos juntos, mas se acalmam ao verem que estou lúcida. Fernando se afasta enquanto sou examinada. Está bastante apreensivo.

— Daniel, ela está com sede, posso dar-lhe água? — pergunta ao médico.

— Com cautela Fernando, a paciente estava em coma até agora a pouco, comece molhando o algodão e passando em seus lábios.

— Ela está bem, Daniel?

— Aparentemente sim, os dados vitais estão estáveis. Acalme-se.

Solta o ar que estava preso, passeia os olhos por meu corpo. Seu sorriso é de alguém que está aliviado e muito feliz por ver-me mais uma vez.

— Você deve ter sido uma gata em outra vida. — Aproxima-se com a

voz rouca e me abraça — porque ainda está para nascer alguém para nos assustar assim.

— O que aconteceu? — pergunto baixinho, minha voz sai arrastada, minha garganta está muito seca.

— Você foi atacada na saída do serviço, bateu com a cabeça no meio fio, teve um leve traumatismo craniano, ficou em coma por alguns dias e graças a Deus, acordou. Eu devo estar pagando algum pecado, morri mil vezes até que você abrisse esses lindos olhos verdes. — Molha o algodão com a água e passa por meus lábios.

— Não consigo me lembrar de nada. — Forço a memória, mas nada me vem a mente.

— André veio me ver? — Fernando franze a testa.

— Sim, veio com a Carol. Aliás, minha mãe, Regina, meu pai e vovó, todos vieram e estão muito preocupados com você.

Fernando se aproxima da minha cama e beija minha testa enquanto me abraça forte, seu crucifixo passa mais uma vez em meu rosto e o déjàvu volta a minha mente.

— E, claro, eu não me afastei daqui um instante sequer. Não suportarei passar por isso mais uma vez, Luizinha. — Olha no fundo dos meus olhos, aproxima-se e quando vejo que vai me beijar, viro o rosto e afasto-o com as mãos.

— Fer, não confunda as coisas. — Não quero magoá-lo, mas também não posso dar falsas esperanças — Não estrague nossa amizade, meu coração já pertence a outro, ainda que ele não saiba, não pretendo te enganar. — Com os olhos marejados, confidencio ao meu amigo algo muito íntimo que apenas eu sentia.

— Tudo bem, Maria Luiza. — Passa as mãos pelos cabelos, bagunçando-os — Vou sair para que Carol entre. — Cabisbaixo, se afasta, seu aspecto é de alguém extremamente cansado, triste e ferido, vejo em seus olhos decepção e isso me mata aos poucos.

— Fer, me desculpa se te decepciono, mas a gente não manda no coração. — Tento segurar sua mão, mas ele se afasta.

— Está tudo bem Maria Luiza, não se preocupe, vou ficar bem. — Força um sorriso que não alcança os olhos.

— Fer, por favor, não me trate assim? — suplico.

— Vai ficar tudo bem, Maria Luiza. — Com firmeza, mas sem rispidez fala — Agora vou deixar que Carol entre. — Vira-se e deixa-me atordoada e sozinha.

Alguns minutos depois quem entra é André. Abro meu melhor sorriso e tento me arrumar um pouco.

— André, que bom te ver. — Eufórica, sorrio para ele que fica sem entender minha reação.

— Carol precisou ir em casa, mas como Fernando saiu apressado, vou te fazer companhia até que ela volte. — Senta-se na cadeira ao lado de minha cama — Como você está? Não cansa de nos assustar garota? Dessa vez o susto foi maior.

— Eu nem me lembro de nada. — Olho-o apaixonada e suspiro — André, no dia da sua festa, você por acaso não me confundiu com Carol?— Vou direto ao ponto, não quero mais fingir nada.

— Do que está falando Malu? — Franze as sobrancelhas.

— De nós dois “*conversando*” na varanda — Faço aspas com a mão

para que ele me entenda.

— Eu nunca conversei com você na varanda, aliás, mal te vi durante a festa. Malu, você está mesmo bem? Quer que eu chame o médico novamente?

— Não preciso de médico, preciso colocar para fora tudo o que sinto e que me sufoca, preciso que você entenda que eu sempre fui apaixonada por você, desde a primeira vez em que te vi na drogaria. Mesmo que eu perca minha amiga, não suporto mais negar o que sinto e sorrir para tudo e todos quando a vontade que tenho é de apenas chorar por não ser correspondida.

— Malu, você está me assustando. — Afasta-se um pouco.

— Seu crucifixo se enroscou no meu colar enquanto nos beijávamos não se lembra? — falo um pouco mais alto, a essa altura ele já está bem longe da cama.

— Para com isso Malu, se Carol escuta uma coisa dessas, vou ficar em maus lençóis ela é bem capaz determinar comigo porque não vai acreditar em mim. Eu nunca usei correntinha, muito menos com crucifixo, está louca? Eu acho que a pancada em sua cabeça foi bem pior do que imaginávamos.

— Eu não estou louca, foi real. O que aconteceu naquela varanda não foi fruto da minha imaginação. — Descontrolada, grito para ele.

— Olha Malu, eu vou ficar lá fora até que Carol volte, não estou entendendo esse seu comportamento incomum. — Se afasta, mas levanto-me enlouquecida, em busca de verdades, puxo-o em minha direção a procuro da correntinha com o crucifixo tão familiar.

— Não pode ser! — Alarmada entendo que durante todo esse tempo eu estive muito enganada a respeito de André — Não era você, nunca foi você, quem me levou em casa naquela noite?

— Meu primo, Fernando. Por quê? — Com medo de se aproximar e eu o atacar novamente, se mantém distante. — Sorrio e choro ao mesmo tempo. Que idiota eu fui, os sinais sempre estiveram presentes e eu não enxergava. O que sempre senti por André não é nada diante do que senti quando fui beijada naquela varanda, mesmo bêbada, sei bem o que senti, foi algo surreal, fora do comum.

— Perdão, André, mas preciso consertar as coisas enquanto ainda tenho tempo, por favor não saia daqui, nem conte nada para Carol por enquanto, eu mesma converso com ela.

Levanto-me e puxo tudo o que estava conectado a mim. Sangue escorre por minha pele, mas não me importo, há algo mais importante que preciso corrigir agora e não posso deixar para depois.

— Ei Malu, você não pode arrancar isso! — André tenta me segurar. — Você está louca? Vou chamar o médico, volta aqui sua maluca.

— Não meu amigo, eu estou bem lúcida e preciso corrigir os meus erros imediatamente. Você vai me perdoar e entender minha confusão, mas agora preciso ir atrás do homem por quem meu coração bate acelerado toda vez que está perto. Antes que ele desista de mim.

Saio pela porta e vejo André sorrindo, compreendendo o que falei há pouco.

O sangue escorre pelo meu braço sujando minha camisola hospitalar e o chão por onde passo, uma vez que puxei o acesso que estava em mim. Corro pelos corredores, algumas pessoas tentam me deter, mas sou bem ágil apesar de que estava deitada e em coma por dois dias. A vontade de encontrar Fernando me impulsiona a correr e encontrá-lo.

Passo pelas portas de vidro, avistando-o quase em seu carro no

estacionamento. Um dos seguranças me alcança e segura-me pelos braços, e como não consigo mais correr, apenas grito.

— Fernando! — Minha garganta dói pelo grito, meus pulmões ardem pela corrida, meus olhos estão marejados pelas lágrimas derramadas. Fernando para, mas não olha para trás. — Por favor, me solte, preciso alcançá-lo. — Começo a chorar e a me debater. — Uma enfermeira coloca um algodão com esparadrapo para que o sangue pare de escorrer.

Fernando finalmente olha para trás e ao ver que estou debatendo e tentando fugir, corre em minha direção.

— Luizinha o que está fazendo aqui? — O segurança solta-me quando Fernando me abraça.

— Fer, por favor, não vá embora — peço em meio aos soluços. Estou tremendo, de frio e por causa da adrenalina que corre em minhas veias.

— Shiii... Acalme-se, não vou a lugar algum. Estou aqui. — Aconchega-me em seu colo e começa a entrar novamente no hospital. Abraço-o apertado e choro molhando seu ombro.

— Eu confundi tudo, Fer! E quase te perdi. — Ainda chorando, balbucio em seu ombro.

Fernando rapidamente volta a enfermaria em que estou e me deposita na cama, quando nossos olhos se conectam vejo todo o amor que sentimos um pelo outro transbordar em seus olhos.

— Vou deixar a enfermeira cuidar de você e depois conversamos, está bem? — Balanço a cabeça afirmativamente.

— Não me deixe só — peço em um sussurro sem tirar os olhos dele.

— Jamais, Luizinha. Jamais. — Sorrindo, afasta-se um pouco, mas

sem sair do meu campo de visão, não deixo de olhá-lo um instante sequer.

A enfermeira trabalha silenciosamente e quando sai do quarto, Fernando praticamente pula em mim, abraçando-me.

— Diz que não é um sonho, diz que você está pedindo para que eu fique aqui com você. Diz Luizinha, preciso ouvir de seus lábios — pede segurando meu rosto de ambos os lados com a voz embargada.

— Sempre foi você Fer, desde o beijo na varanda. Por que nunca me contou?

— Você não parecia se lembrar, eu não queria que pensasse que eu tinha me aproveitado de você.

— Como me enganei, pensava que era apaixonada por outra pessoa, mas como, se meu coração quase para uma batida para em seguida acelerar quando você está presente?

— Me encantei por você desde o dia no metrô e te encontrar na festa do André foi uma agradável surpresa do destino.

— Beije-me Fer, me faça relembrar como é bom te beijar.

— Não precisa pedir duas vezes minha princesa. — Ainda segurando o meu rosto, dá um selinho em meus lábios antes de aprofundar o beijo. Sinto-me arrebatada em seus braços.

— Hum, hum. — Carol entra e pigarreia. — É assim que é a mais pura das amizades entre vocês? Peguei vocês no flagra. — Fernando se afasta com um largo sorriso.

André vem logo atrás e sorri.

— Primeiramente, preciso te pedir desculpas André. — Carol olha para o namorado e franze a testa sem entender nada. — E Kera eu não fui tão

boa amiga assim para você. — Cabisbaixa, começo a falar.

Conto toda a minha loucura.

— Se não quiser me perdoar, Kera, vou entender perfeitamente, mas não quero que se afaste de mim.

Carol boquiaberta vem em minha direção e se senta em minha cama segurando minha mão.

— Veja bem, eu sempre suspeitei que você sentisse uma paixão aguda por André, por várias vezes te questionei e você sempre negando, mas quando comecei a envolver-me com ele, desencanei. Além do mais, você e Fernando estavam sempre juntos e só você não enxergava seus sentimentos por ele.

Olho para ele que está sorrindo por eu ter acordado do coma e despertado para a vida.

— Acho que eu e André estamos sobrando aqui, melhor deixarmos os pombinhos sozinhos. — Chega bem próxima a mim e sussurra — Não se esqueça que aqui é um hospital, contenham-se. — Arregalo os olhos e sinto meu rosto afogueado. Gargalha e sai com o namorado, ambos sorrindo.

— Enfim sós. — Fernando aproxima-se de mim novamente —, mas não por muito tempo, dentro de quinze minutos começam as visitas, então vamos aproveitar.

— Ainda me pergunto como não percebi os sinais de que você me dava, sou mesmo uma cega.

— Eu tinha medo de abrir meu coração e te assustar. — Coloca uma mecha de meu cabelo atrás da orelha.

— Ah, mas eu sabia que vocês ainda iam perceber o que sentiam um

pelo outro! — Regina entra no quarto e começa a fazer uma dancinha da vitória.

— Estou tão feliz que minha netinha acordou. Ah, minha linda, que bom que esse garotão resolveu se declarar, do contrário, eu não veria meus bisnetinhos nunca nessa vida. — Olha para Fernando e faz uma careta, mas no fundo está apenas brincando.

— Vai com calma Vó Maria, a Luizinha teve fortes emoções por hoje. — Fernando abraça e beija a avó. — Não podemos abusar.

— Não quero saber, quero que vocês comecem logo a fabricar meus bisnetinhos e ponto final. Se virem, vocês não são quadrados, quero ainda este ano. — Ela cruza os braços e faz birra como uma criança.

— Como foi que vocês entraram antes de a visita ser liberada? — Fernando questiona.

— Quem é mesmo o diretor clínico deste hospital, hein? — Regina ainda dançando chega próxima a mim.

— Entendi. Papai já chegou? — Fer pergunta à irmã que ainda comemora estarmos juntos.

— Sim, está agora mesmo conversando com os médicos, alguma coisa sobre novos exames da Malu ou Luizinha, né? — responde-o quando está abraçando-se a mim — Agora sim, hein? Já posso te chamar de cunhada.

— Vou deixá-las com a Luizinha, cuidem bem da minha joia, preciso conversar com o papai.

— Vai lá meu neto preferido, e não se esqueça, hein? Um bisneto ainda este ano.

— Vovó, não pressiona. — Ele sai sorrindo deixando-me com sua avó

e irmã.

— Como se sente minha pequena? — Vó Maria assenta-se na cadeira que está perto da cama, já Regina, assenta-se ao meu lado.

— Agora me sinto ótima, só não consigo me lembrar de nada que aconteceu para eu chegar até aqui mais uma vez.

— Isso é normal. — Regina fala — Há casos em que o paciente leva tempo para lembrar de alguma coisa.

— Ai, minha doutorazinha linda. — Vó Maria aperta as bochechas de Regina — Meu orgulho, seguindo a carreira de seu avô e de seu pai.

— Só que vou ser cirurgiã plástica, quero ser reconhecida por meus méritos e não ser sombra do meu avô e meu pai.

— Desse jeito você enche a vovó de orgulho menina. Brilhe, o mundo é todo seu meu amor — Aperta as bochechas da neta.

O tempo passa, elas me distraem e logo dona Magda chega para completar o quarteto.

Eu ainda não sei como não percebi o que sinto por Fernando. Enquanto as outras tagarelam, fico relembando de como foi bom conhecer o Fer naquele metrô.



Capítulo 13

Malu

Recebo alta e volto para a casa dos pais de Fernando, os dias vão passando e aos poucos, volto a me lembrar de tudo aos poucos. Se antes eu andava com medo, agora, estou apavorada.

O motorista de dona Magda, gentilmente continua me levando ao trabalho, algumas vezes Fernando é quem me busca, e hoje é dia dele me buscar.

— Oi, minha princesa. — Ele toca meu nariz com um dedo e beija-me, cheio de saudade.

— Oi, meu príncipe. — Retribuo o beijo.

— Vou te levar para jantar antes de irmos para casa.

— Tudo bem, estou mesmo faminta.

— E quando é que você não está faminta? — zomba de mim descaradamente.

— Talvez quando estou dormindo, ainda assim, posso estar sonhando com comida — gargalhamos — Como foi seu dia? — pergunto ao entrar no carro.

— Foi bem emocionante, prendemos uma galera que estava foragida em uma grande operação contra o tráfico de drogas.

— Uau, mas se cuida meu amor, preciso de você bem vivinho. — Sorrio.

— Eu sempre me cuido minha linda, aliás, eu sempre uso touca nessas operações, tampo meu rosto não por medo dos bandidos, mas por temer que façam algo contra minha família, incluindo você.

— Fer, promete que vamos sempre estar juntinhos assim? — Não sei por que, mas sinto que o que vivemos pode acabar a qualquer momento, é uma insegurança que está presente em minha vida.

— Minha linda, eu prometo que o para sempre estará sempre presente em nossas vidas.

Sorrio de volta e deixo as inseguranças de lado.

Fernando me pediu em namoro no dia em que recebi alta e bem na porta do hospital, com direito à plateia, flores, chocolate, balões de coração e uma linda aliança de compromisso, que eu olho de tempos em tempos, quando essas inseguranças resolvem dar o ar da graça. Ainda sorrindo, fecho os olhos e encosto minha cabeça ao banco, relaxando instantaneamente ao som de Katy Perry — Wide Awake.

Yeah, I was in the dark

I was falling hard

With an open heart

I'm wide awake

How did I read

the stars so wrong?

Chegamos ao restaurante e somos encaminhados para a mesa que estava previamente reservada para nós.

— Que restaurante lindo, Fer. — Encantada olho tudo ao meu redor.

— Que bom que gostou Luizinha. Nossa noite será perfeita.

— O que você anda aprontando hein, senhor Fernando Marques

Sampaio? — questiono-o sorrindo.

— Minhas intenções são sempre as melhores, minha linda. — Sorrimos um para o outro, Fernando pega minha mão direita e beija todos os nós dos meus dedos sem deixar de me olhar um instante sequer.

A Maître do restaurante encaminha-nos a uma mesa com vista para a rua.

— Fer, você é tão fofo. — Com olhar apaixonado olho-o.

— Só não reclamo desse “fofo” porque hoje estou apaixonadinho por você. — Sorrimos.

Jantamos conversando sobre o nosso dia. Fernando fala sobre as novidades, e sei que as informações são sigilosas. Eles estão empenhados em desmanchar essa quadrilha de tráfico de mulheres e crianças. Apesar do medo que me persegue, tento levar minha vida normalmente. Já estou mais tranquila e consigo atender a todos normalmente na drogaria sem surtar.

— Acredito que estamos bem próximos de acabar de vez com esses crápulas, Rosalyn não é nosso único alvo, há no meio dessa podridão políticos, policiais e traficantes que levam a vítima na conversa, prometendo melhorias para ela e seus familiares e no fim, são vendidas no mercado negro, as que tentam fugir da quadrilha, tem um fim trágico e na maioria das vezes, os familiares nunca mais têm notícias da vítima. Por isso estamos agindo com cautela. — Enquanto bebe o suco, Fer relata.

— Eu tive muita sorte de ter te encontrado naquele metrô. Mais sorte ainda de merecer estar em seu coração, todos os dias eu sou grata a Deus por ter feito nossos caminhos se cruzarem.

— E eu mais ainda, meu amor. — Meu sorriso é largo e espontâneo — Podemos pedir a sobremesa?

— Claro, Fer. Quero *petit gateau*. — Eufórica, bato palmas e já vou logo pedindo.

— Isso eu já sabia, sua sobremesa preferida. — Pisca um olho sorrindo para mim. — Por isso já me adiantei e fiz o pedido antecipadamente.

— Fer você é tão romântico, se alguém te vir agindo assim comigo nem saberá que você é um policial implacável e durão.

— Eu cuido de quem amo e faço o possível e o impossível por essa pessoa — fala rouco quando nossas sobremesas chegam.

Começo a apreciar minha sobremesa quando passo a colher por algo estranho. Cavo mais com a colher e quando vejo algo brilhante, arregalo os olhos, olho para Fernando que está com um sorriso de orelha a orelha me observando.

Com mais atenção, reparo que não é um anel qualquer, tem uma linda pedra e em sua volta é adornada com outras pedrinhas brilhantes.

— Uau! — Admirada, tampo minha boca, olho para Fernando que continua calado, mas sorrindo. Vejo a ansiedade estampada em seu olhar. — É o que estou pensando mesmo? — Com a voz embargada e olhos lacrimejantes, admiro o lindo anel ainda suja de sorvete de chocolate.

— Há dias venho planejando essa surpresa. Há dias que eu não durmo direito, mas ainda bem que esse dia chegou. — Fernando ajoelha-se ao meu lado, pega o anel, limpa-o no guardanapo e segura minha mão direita — Sei que ainda é cedo, mas estou louco para me casar com você, não suporto mais ficar longe quando o que realmente quero é ter você todas as noites em minha vida, dormindo de conchinha ou aconchegada em meu peito, como minha esposa. Maria Luiza Botelho, você aceita se casar comigo?

Coloco uma mão na boca e lágrimas de felicidade escorrem em meio

aos sorrisos.

— Aceita! Aceita! Aceita! — O restaurante está em polvorosa, incentivando o que meu namorado praticamente noivo aprontou.

— Aceito. É claro que aceito — respondo beijando-o, Fernando coloca o anel em meu dedo e escuto-o suspirando.

As pessoas ao nosso redor assoviam e gritam, vibram com nossa felicidade.

— Obrigada Fer, o anel é maravilhoso. — Mais uma vez admiro meu anel.

— Eu fiquei morrendo de medo de você responder não, passei um dia do cão até chegar a esse momento.

— E por que eu responderia não?

— Não sei, mas com você a insegurança às vezes me domina.

— Quem diria que o policial fodão seria inseguro com algo? — zombo dele, mas eu já sabia que eu tenho o homem certo para mim no Fernando.

— Até os fodões têm seus pontos fracos e você com certeza é meu tendão de Aquiles.

— Amo você Fer, como jamais imaginei amar alguém — declaro todo o amor que sinto.

— Eu também amo você Luizinha, o que sinto é forte o bastante para que eu tenha certeza das minhas escolhas, e minha melhor escolha é você.

Depois de nosso jantar e a surpresa agradável, vamos para casa.

— Hoje vocês chegaram tarde meus filhos. — Dona Magda nos

recepção na sala.

— É que este senhorzinho aqui resolveu me fazer uma surpresinha. —
Estendo a mão e mostro o anel brilhante.

— Ai, que lindo, oh meu Deus! Ela coloca a mão no peito emocionada
— Ai, meu filho, estou muito feliz por vocês. Por isso não vieram jantar,
então estão perdoados. E quando se casam?

— Ainda não sabemos, vamos conversar e decidir a melhor data. Só
sei que não vamos demorar. — Seu olhar pousa no meu, igualmente
apaixonado.

— Parabéns, faço muito gosto dessa união. Sempre tive certeza de
que seus caminhos não se cruzaram em vão, mesmo antes de te conhecer
Malu.

— Ouvi falar em casamento ou estou sonhando? — Regina chega
bem na hora.

— Isso mesmo, cunhadinha, eu e seu irmão vamos nos casar. —
Mostro meu lindo anel.

— Ahhhhhh, estou tão feliz por vocês! — Ela começa a pular em
euforia, tudo para ela é motivo de festa — É claro que antes vocês farão uma
festinha para comemorar, né?

— Deixa comigo minha filha, eu já estou planejando tudo em minha
cabeça. — Magda fala.

— Vovó vai surtar quando souber, é uma pena ela já estar dormindo.

— Amanhã no café conto tudo para ela e com detalhes. — Fernando
pisca para a irmã.

— Carol vai surtar também, comecei a namorar depois dela e já estou

noiva.

— Acho melhor irmos dormir, já está bem tarde e amanhã me levanto cedo para trabalhar. — Fernando anuncia.

— Eu também estou cansada. Boa noite pessoal. — Despeço-me de todos e sigo para o quarto, Fernando me acompanha até a porta.

— Boa noite minha futura esposa, durma com os anjos. Se precisar de alguma coisa, estarei em meu quarto, bem pertinho de você.

— Hoje você não vai para seu apartamento?

— Não, já está tarde. Acho melhor ficar por aqui mesmo.

— Então, boa noite meu noivo.

Na ponta dos pés, beijo-o e um calor começa a subir por meu corpo. Fernando passa as mãos por minhas costas e me arrepio toda.

— Linda, acho melhor você entrar neste quarto e trancar essa porta, estou quase subindo pelas paredes. — Com sua voz rouca gemo em antecipação. Afasto-me para não o provocar ainda mais.

— Boa noite meu príncipe, durma com os anjos e sonhe comigo.

— Esqueceu-se de recomendar um banho bem gelado antes de dormir. — Faz uma careta.

Não seguro o riso, entro no quarto fechando a porta.

Tomo um banho e tento dormir, mas o sono não vem de forma alguma. Pego um livro, mas não me concentro em nada. Só vejo o Fernando em minha frente.

Sem suportar mais, tomo uma atitude que não terá volta, nem arrependimento. Visto um robe por cima da camisola e saio em direção ao

seu quarto, espero que ele esteja acordado ou que sua porta esteja destrancada.

— Parece até que eu sabia que você viria aqui hoje. — Passeia seus olhos abrasados por meu corpo coberto pelo fino tecido do robe e da camisola — Luizinha, não brinque com fogo, se não quiser que tenhamos consequências, volte para seu quarto, imediatamente.

Sua voz sai espaçada e pesada.

— Eu tenho certeza absoluta do que eu quero, Fer. — Encosto-me na porta atrás de mim e tranco-a — Nunca tive tanta certeza e convicção do que eu quero, eu quero você, quero ser sua agora e para sempre. Só sua, meu amor.

— O combinado não era esperarmos? — Ainda parado próximo a janela, Fernando tenta se conter. Suas mãos estão em punho fechado e sua postura é rígida, de alguém que tenta controlar as próprias emoções.

— Sei que estou pronta, sei que fomos feitos um para o outro, então, por que esperar mais? Quero você e não me peça para esperar mais, porque não sou capaz de fazer isso. Não mais meu amor.

Com um grunhido, ele avança em minha direção em passadas largas. Encosta sua ereção em minha virilha, meu gemido é involuntário. Apesar de não ter nenhuma experiência, sei que nosso desejo é recíproco.

— Luizinha, não sou capaz de parar mais, prometo ser delicado, mas a chance de eu parar agora é zero. — Fernando beija-me com urgência e ferocidade, sei que meus lábios ficarão vermelhos e sensíveis.

Começamos uma troca de carícias, apesar de virgem, não sou tão inocente assim, sei quando um homem deseja uma mulher e quero retribuir todo esse desejo.

Passo minha mão por sobre o short do pijama de Fernando enquanto ainda trocamos beijos quentes e abrasadores. Gemo e me esfrego em seu membro. Seus gemidos saem agudos e roucos do fundo de sua garganta.

— Linda, se continuar fazendo isso, não vou conseguir me controlar e não vou durar muito — fala entre dentes segurando meu rosto.

— Quero que perca o controle, meu amor. Faça-me sua mulher hoje mesmo, aqui e agora.

— Maria Luiza, Maria Luiza! — Encosta sua testa na minha, controlando a respiração pesada — Tem noção do que está me pedindo?

— Não, não faço nem ideia, mas que mal você me faria? — Segura de minhas ações, provoco-o e mordo meus lábios.

— Só quero fazer coisas boas com você, minha linda, você não se arrependerá jamais. Só temo ter um dia de cão amanhã, porque não vou me contentar enquanto não a fizer gozar várias vezes ainda essa noite. Não será nada rápido e passageiro.

— Promessas meu amor? — Sorrindo, continuo com a provocação.

— Sim e você sabe que eu cumpro tudo o que falo. — Tira lentamente meu robe, venerando minha camisola — Você me faz perder a cabeça, vou te levar ao paraíso.

Começa beijando suavemente meu rosto, primeiro um olho, depois o outro. Desce as alças de minha camisola e a observa descendo e escorregando por meu corpo. Se seu olhar pudesse dizer algo, diria que ele está satisfeito com o que vê.

Sobe as mãos com suavidade por meus braços até chegar a meu pescoço. Eu sei que ele está se controlando para não pular nenhuma etapa. Sem tirar os olhos dos meus, me pega no colo e leva-me para sua cama.

Deposita-me sentada bem na beirada, deita meu corpo e com um puxão, tira minha calcinha. Leva-a ao nariz e inspira meu cheiro.

— Esse é o perfume de minha perdição, estou embriagado com seu cheiro, imagina só quando eu beber do seu néctar e provar do seu mel? — Contorço-me e meu gemido sai audível.

— Por favor, Fer. — Sem saber o que lhe peço, suplico.

— Por favor, o que minha linda?— Suas mãos passeiam dos meus pés às minhas coxas. Seu sorriso sacana passeia por seu rosto.

Não consigo responder, apenas continuo gemendo enquanto ele me faz sentir novas e boas sensações ao tocar-me com as mãos.

— Eu quero que essa noite seja incrível para mim, mas que seja melhor ainda para você. — Fernando começa a beijar meus pés e subir pelas minhas pernas, parando nos joelhos. Descubro lugares que jamais pensei que sentiria tanta sensibilidade. — Antes de eu te possuir, quero que você sinta prazeres desconhecidos por todo seu corpo.

Fernando beija todo o meu corpo e quando sua boca chega aos meus seios, vejo estrelas e meu grito sai estridente, *espero que eu não acorde toda a casa, imagina o vexame que vai ser amanhã?*

— Não se preocupe meu amor, meu quarto é bem afastado dos outros.

— Não acredito que eu disse isso em voz alta. — Gargalha e continua sua dança erótica com as mãos e a língua que suga um mamilo meu seguindo por meu ventre até que chega a minha parte mais sensível. Quando ele a toca com os dedos gozo instantaneamente, meu corpo está á flor da pele, vejo luxúria no olhar enevoado de Fernando e isso é o suficiente para que eu continue a gozar.

— Ah minha linda, se você se visse agora mesmo, saberia o quão

linda está esparramada em meus lençóis, só temo não te deixar dormir longe de mim nunca mais. É tão bom ver seu rosto quando chega ao ápice do prazer.

Minha respiração fica desregulada e sinto-me totalmente satisfeita.

— Quero você agora em mim Fer, por favor?

— Ainda não minha linda, a noite mal começou.

— Quero você Fer. — continuo implorando.

— E terá, só que não antes de eu provar essa bocetinha encharcada e você gozar em minha boca até perder os sentidos.

E Fernando cumpriu tudo e bem mais do que prometeu. Nossos corpos se moldaram e apesar de que vamos estar cansados pela manhã, essa será uma noite mais que maravilhosa.



Capítulo 14

Fernando

Olhá-la corada em minha cama é minha maior satisfação. Nunca imaginei que uma mulher pudesse me deixar assim, tão à mercê dela, mas Maria Luiza me tira dos eixos em questão de segundos.

Continuo minhas investidas, eu prometi e vou cumprir. Hoje nossa noite será mais que perfeita.

Desço minha boca por seu umbigo circulando-o com a língua. Seu gemido me enlouquece e tento me conter, apesar de que minhas bolas já devem estar azuis de tanto que venho me segurando ao longo desses meses ao lado dela. Depois que a conheci não me envolvi sexualmente com ninguém, nem mesmo casinhos esporádicos. Também não me masturbava, mantive-me fiel e decidi esperar junto com ela.

Mas meu controle se esvaiu quando ela invadiu meu quarto usando aquele robe preto por cima da camisola. Seu olhar felino me tirou de órbita, ela não sabe, mas é extremamente sexy sem precisar se esforçar.

Desço mais um pouco e passo apenas os lábios por sua boceta, inalo o seu cheiro que é capaz de me matar. Quando passo a língua por seu mel, perco meu controle de vez. Beijo-a com loucura, como se este fosse o único remédio capaz de me dar alívio. Só paro quando sinto seu gozo escorrendo por minha língua, bebo todo o seu mel, e confesso que já sou um viciado em seu sabor, que para mim, é o melhor do mundo. Luizinha me estragou de vez para as outras mulheres e nem sofro por isso, é ela quem eu quero em minha

vida para sempre.

Coloco-a deitada no meio da cama, ela mal abre os olhos, mole e em êxtase. Pego um preservativo no criado mudo e desenrolo-o em meu membro sem deixar de apreciar o corpo da minha mulher.

— Luizinha — Deito-me sobre seu corpo, ainda sem me encostar a ela, faço um esforço tremendo para não apressar as coisas, afinal essa será sua primeira vez e posso imaginar o quanto isso deve ser importante para ela — se eu me exceder ou te machucar, por favor, não deixe de falar. Não me perdoarei se fizer algo que você não goste.

— Você não vai me machucar, confio em você.— Passa a mão por meu rosto.

Começo lentamente a penetrá-la, observo todas as suas reações. Quando ela faz uma careta paro assustado.

— Estou te machucando? — Olho-a com medo.

— Eu acho que é normal, por favor, só quero que continue. — pede baixo, olhando em meus olhos, suspirando e suando.

Continuo minha investida, ela solta um grito quando já estou todo dentro dela. Paro novamente e beijo-a para distraí-la da dor até que se acostume com meu membro. Quando vejo que já não sente dor começo um vai e vem lento, essa mulher já é minha perdição calada, imagina só quando ela começa a gemer em meus ouvidos e arranhar minhas costas? Descontrolo-me e penetro-a bem fundo.

— Fer, se eu soubesse que você era tão gostoso assim, teria me entregado a você a mais tempo — Luizinha grita e geme enrouquecida aumentando minha vontade de fazê-la gozar e lambuzar meu pau.

— Vai me matar mulher e eu morreria feliz dentro de você.

— Nem brinca com isso, agora que sei o quão bom é estar com você dentro de mim, não posso mais ficar sem você.

Dito isso, esforcei-me a fazê-la chegar mais uma vez ao orgasmo. Minha linda teve espasmos e adorei ver seu rosto se contorcer de prazer em meus braços. Luizinha aconchega-se em meu peito e dorme imediatamente. Viro-a na cama, retiro o preservativo e puxo o edredom sobre nossos corpos. Estou cansado, mas muito feliz. Maria Luiza sempre foi minha, agora consegui marcá-la para sempre.

Acordo com o barulho do despertador, a vontade que tenho é de desligá-lo e continuar deitado com minha linda.

— Fer, seu celular. — Luizinha fala com a voz rouca de sono.

— Dorme mais minha linda, ainda é cedo para você. À noite eu te busco na drogaria. — Ela sorri e aconchega-se no travesseiro.

Ela é ainda mais linda pela manhã, toda despenteada e corada. Se eu pudesse ficaria apenas admirando-a, mas como o dever me chama, deixa-me tomar um banho, a operação de hoje é tenebrosa, não é por acaso que foi apelidada de Apocalipse, espero que seja o fim para essa quadrilha.

Saio do banho e deixo um bilhete para Luizinha:

Meu amor,

Ao seu lado eu já era feliz, você já era minha, mas agora somos oficialmente um do outro. Sou o homem mais feliz do mundo. Um bobo apaixonado, sem vergonha de assumir todo meu amor por você. Desejo que você tenha um dia maravilhoso. Pense em mim, eu sempre estarei pensando em você.

Do seu sempre apaixonado,

Fernando.

Deixo o bilhete no criado mudo ao seu lado e saio para a operação mais perigosa de minha vida.

Ainda é madrugada, piloto com cautela pelas ruas não muito movimentadas da cidade. Atentamente observo tudo por onde passo, nunca se sabe quando podemos ser surpreendidos ou atacados e em minha profissão, tudo é considerado um risco.

Chego à delegacia e a maioria dos policiais já chegaram para a operação.

— Bom dia Fernando, e aí preparado para acabar de vez com essa merda de quadrilha?

— Preparadíssimo, Alejandro, hoje esses caras vão conhecer a força de nosso empenho. Estou com sangue nos olhos e louco para prendê-los.

— É assim que se fala meu *brother*. E como vão as coisas com a Maria Luiza?

— Amigo dessa vez ela me laçou. — Conto sobre o pedido de casamento — Com ela eu me caso, também já está mais que na hora de sossegar.

— Desejo muita sorte, estou muito feliz por vocês. — Abraça-me e dá tapinhas nas costas.

— Obrigado, Alê, você sabe que será meu padrinho, né?

— Será uma honra meu amigo, você é mais que um irmão. Estou contigo.

— Obrigado. — O assunto encerra e Mourão nos passa as coordenadas. Seguimos em direção ao local onde ocorrerá a operação. E

durante todo o tempo sinto algo estranho, como se algo de muito ruim estivesse prestes a acontecer.

Ao fim da operação tudo correu bem e foi um sucesso. Voltamos à delegacia comemorando nossa conquista, foram apreendidas muitas armas, drogas e pertences roubados, além de quinze pessoas envolvidas diretamente com o tráfico de drogas e prostituição.

— Fernando, vamos almoçar?— Alejandro e outros amigos me convidam.

— Claro, só vou ligar para a Maria Luiza antes, encontro vocês depois.

— Ok, hoje vamos no restaurante da panela de pedra.

— Certo, daqui a pouco estarei lá.

Ligo para a Luizinha e conversamos um pouco, meu sorriso bobo não sai do rosto. Após desligar subo na moto com a sensação de estar sendo observado. Olho tudo ao meu redor, mas não vejo nada estranho.

Deve ser coisa da minha cabeça. Desencano e sigo para o restaurante, quando em um sinal de trânsito quase em frente ao restaurante uma moto me cerca, quando vejo a arma apontada em minha direção, acelero avançando o sinal, sei que me arrisquei, mas morrer sem lutar não era uma opção.

Perco o controle da moto ao desviar de um carro, voou livremente e caiu no asfalto, a pancada foi tão forte que senti como se meu corpo se partisse ao meio.

Fico confuso, mas reconheço Alejandro que se aproxima correndo em minha direção.

— Fernando, está me ouvindo? Escuto sua voz ao longe, mas não

consigo falar nada. Aos poucos minha visão fica turva, fecho os olhos, mas ainda sinto e escuto mesmo que bem longe o que as pessoas falam ao redor.

— Caramba, ele foi imprudente. — Um dos nossos amigos fala.

— Isso não é do feitio dele, cara. Alguma coisa aconteceu para que ele avançasse aquele sinal.

— Fica tranquilo Fernando, o resgate já está a caminho. — Alejandro fala tentando me acalmar.

Quando sou colocado dentro da ambulância entro em um mundo de escuridão e não vejo mais nada.



Capítulo 15

Malu

— Então amiga, foi maravilhoso. — Cochicho com Carol enquanto organizamos as prateleiras de medicamentos.

— Malu do céu, até que enfim conheceu os prazeres da vida, amiga! Já não era sem tempo de deixar de ser virgem! Eu cheguei a cogitar a hipótese de você morrer pura e imaculada até pensei que algum dia iria para um convento — empolgada, Carol dispara a falar — Mas agora me conta, como foi ser pedida em casamento?

— Inesquecível, estou me sentindo muito importante. — Sorrimos — Foi uma sensação única encontrar este anel dentro da minha sobremesa preferida. Saber que o amor que sinto é recíproco é maravilhoso.

— Fernando não tem cara de ser assim tão romântico. — Suspira.

— Pois é, quem vê cara não vê o tamanho do coração do meu noivo. — Suspiro, apaixonada.

— Muita conversa e pouco trabalho, tsc,tsc. Quero que terminem logo com essa organização e limpeza, têm clientes aguardando por atendimento enquanto vocês ficam aí de papinho furado, as outras funcionárias estão sobrecarregadas no balcão de atendimento. — A gerente nos repreende.

— Desculpe, vou lá ajudá-las. — Deixo Carol sozinha limpando as prateleiras e ajudo as meninas a acabar com a fila que estava se formando próximo ao balcão.

— Maria Luiza, telefone para você. — A gerente chama-me. Acho estranho, as únicas pessoas que poderiam me ligar, sabem que aqui é proibido atender telefone em horário de trabalho.

Meu coração quase sai pela boca, será que aconteceu alguma coisa com Fernando ou com um de seus familiares? Sigo apressada até o telefone.

— Alô. — Atendo já trêmula.

— Oi Malu, é a Regi. — Ela chora do outro lado da linha.

— Regi, aconteceu alguma coisa? Você está chorando...

— Aí, Malu, Fernando sofreu um acidente de moto e está muito mal no hospital. Meu irmão corre sério risco de morrer. — Soluça em prantos.

— Ai meu Deus... — Desabo ao chão e choro ainda sem acreditar que ontem mesmo eu estava sorrindo aconchegada em seus braços e hoje o meu amor está em um hospital entre a vida e a morte. — Não pode ser verdade, diz para mim que não é verdade, Regi — Choro tanto que algumas amigas me olham com pena.

Carol se aproxima e me abraça confortando-me, mesmo não sabendo ao certo o que é, sabe que seu abraço será reconfortante.

Regina me passa o nome do hospital e nem preciso pedir, a gerente provavelmente já sabe do ocorrido e me libera antes que eu peça.

— Ele não pode morrer. Como vou sobreviver sem ele Carol? — Choro, abraçada a ela. — Ele é meu tudo, tudo o que eu tenho é o amor do Fernando. Não pode ser, estávamos tão felizes e cheios de planos e agora mais essa tragédia.

— Fica calma Malu, seja confiante. Tudo dará certo, Fernando é um homem forte, tenha certeza de que ele vai sair dessa e bem. Vocês ainda vão

ter muitos momentos bons juntos.

— Eu não consigo acreditar. — Recebo uma garrafa de água e bebo a metade.

— Vou pedir para o André te acompanhar, não posso deixá-la ir sozinha desse jeito.

Enquanto Carol liga para o André, as meninas me levam para a salinha dos funcionários e tentam me acalmar a todo o custo.

André não demora a chegar e juntos, seguimos para o hospital.

— Não deixa de nos dar notícias. — Carol pede ao se despedir da gente.



O clima no hospital é de total desolação. Por sorte, Fernando não quebrou nenhum osso, mas seu estado é considerado grave, mesmo de capacete a pancada foi muito forte e ele entrou em coma. A suspeita dos médicos é de traumatismo craniano encefálico, mas a confirmação só virá após os resultados dos exames.

Enquanto isso ficamos na sala de espera rezando e pedindo a Deus que a recuperação de Fernando seja rápida. Estamos confiantes de que ele irá se recuperar, assim como foi comigo.

No fim da tarde recebemos o boletim médico, Fernando teve apenas uma contusão cerebral leve, graças a Deus. O médico explica, mas não entendo muito. Só sei que ele ficará em coma devido a tal contusão.

— As contusões cerebrais envolvem danos cerebrais estruturais e, consequentemente, são mais sérias que as concussões que seria uma perda temporária da memória. — Regina começa a me explicar quando vê a confusão em que estou — As contusões podem ser causadas pela aceleração súbita do cérebro depois de sacudido como aconteceu na queda da moto, mesmo de capacete, a pancada foi forte. O cérebro pode sofrer danos no local do impacto e no lado oposto ao atingir o interior do crânio. As contusões e lacerações podem causar sangramento ou inchaço no cérebro. Deu para entender, Malu?

— Agora que você explicou detalhadamente, entendi. Obrigada Regi.
— É meio confuso, mas entendi um pouco.

— Não por isso, Malu. Então continuando, as contusões e lacerações podem ser muito pequenas, causando apenas danos mínimos no cérebro, com poucos sintomas ou sintomas de traumatismo craniano pouco grave. Contudo, Fernando se enquadra no caso de lesões de maior dimensão podendo apresentar sintomas de traumatismo craniano grave.

— Ele vai ficar bem?

— Assim esperamos, tenhamos fé, minha filha. — Magda segura minha mão.

— Ele poderá ficar inconsciente durante um curto período de tempo, ou por um período mais prolongado, isso não podemos dar precisão. Quando acordar, pode ficar sonolento, confuso, inquieto ou agitado. São inúmeras as sequelas que podem acometer a ele. E esse estado de coma, poderá persistir por dias.

— E o quão ruim isso é para ele, digo o coma?

— Só os laudos e exames médicos poderão dizer se isso tudo que te contei pode estar acontecendo com ele. Papai vai fazer o possível e

impossível para que ele fique bem. O que está ao nosso alcance nesse momento é a fé e rezar por ele.

Faço minha prece silenciosa, peço a Deus que cuide do homem da minha vida e que ele volte para mim e para sua família.



Estou praticamente morando no hospital, só vou em casa tomar banho e ir trabalhar, o restante do meu tempo, fico no hospital.

Diria que já perdi uns três quilos e se ele continuar em coma, sem reagir, vou me definir.

O quadro de saúde de Fernando passou de grave para estável, mas ele ainda continua na mesma. Visito-o com regularidade todos os dias, converso com ele falando um pouco do meu dia e de como sinto sua falta.

— Sinto tanta saudade de seus sorrisos, seu carinho e seus abraços. Sua proteção me faz muita falta, meu amor. Volta para mim? — Beijo sua mão.

— Quem é você? — Ele abre os olhos e confuso analisa meu rosto.

— Fer, meu amor! — Um soluço sai de minha garganta e meu choro agora é de felicidade, vê-lo desperto é um alívio enorme — Você acordou! Vou chamar seu pai, fique tranquilo.

— Só quero saber quem é você e como vim parar aqui?

— Sou eu meu amor, sua Luizinha. — Assustada tento segurar sua mão.

— Minha o quê? Você é louca ou o quê mulher?

— Fernando, estamos noivos, olha — mostro-lhe a aliança que ele me deu.

— Sai daqui agora, eu não tenho noiva, deve ser alguma pegadinha. — grita assustando-me. — Agora pronto! Só me faltava uma mulherzinha dessa aparecer e dizer que estamos prestes a nos casar!

Chocada com suas palavras saio do CTI desnorreada. Dou de cara com o senhor Edmar e o aviso que Fernando acordou e está muito agitado.

— O que foi Malu? Ele acordou, é para você ficar feliz. — Regina fala, feliz por saber que o irmão está de volta, mas confusa ao me ver em prantos.

— Seis dias em coma e quando acorda ele simplesmente não se lembra que eu existo, ele me mandou sair do CTI. — Desconsolada choro e Regina me ampara. Estamos só nós na sala de espera. Sua mãe e avó virão somente mais tarde.

— Lembra que te falei sobre a perda de memória? — Balanço a cabeça em concordância — Então, ele vai se lembrar de tudo, pode confiar.

— Assim espero. — Ligo para Carol informando que Fernando saiu do coma, mas que continua sem se lembrar de nada sobre o acidente.

Regina liga para sua mãe e dentro de pouquíssimo tempo a sala de espera está lotada de familiares e amigos do Fernando. Ele foi transferido para um quarto uma vez que não corre mais risco de morte.

— Amiga, ele não se lembra nem de mim, dá para acreditar? — Carol sai do quarto com André e está chocada.

— Ele praticamente bloqueou uma parte do que viveu.— André finaliza pensativo, com um olhar distante.

— Malu, vem comigo? — Regina chama-me para entrar com ela no quarto, ficamos por último, quem sabe ele já tenha se lembrado um

pouquinho de mim? A esperança nunca morre, não é?

— Oi maninho. — Regina o abraça, ele afaga seus cabelos — Como se sente?

— Estou em um misto de total confusão. Ainda não me disseram como vim parar aqui. — Impaciente reclama.

— Lembra da Malu? — Aponta para mim. Estou quieta e com medo de sua reação.

Fernando olha-me atentamente, mas não demonstra o amor que sentia por mim. Nem uma pontinha sequer.

— É sua amiga? — pergunta à Regina que balança a cabeça negando — Já não mandei ir embora garota? Sinceramente não me recordo de você, mas se por acaso tivemos algum envolvimento afetivo, saiba que durou apenas uma noite, nada além disso.

Assustada, viro-me e saio da sala, não antes de escutar o que a Regina fala.

— Onde foi parar o meu irmão doce e amável, saiba que essa moça é sua futura esposa e você a ama muito? Não banque o idiota.

Passo pela sala de espera como um foguete e sou seguida por Carol e André.

— Kera, o que houve?

— Ele me despreza Kera, não sei se consigo suportar isso. Em seus olhos não há mais paixão. Ele se esqueceu do nosso amor. — Meu peito dói e sinto minhas forças esvaírem.

— Fica calma, ele vai lembrar-se de tudo. — Faz carinho em minhas costas.

— É uma sequela da pancada, Malu, Fernando não está em seu estado normal. — André ajuda Carol a me tranquilizar. — Na verdade, ele nunca foi assim.

— Quero ir para casa, preciso descansar. — peço.

— Certo — André responde — Só vou avisar a tia Magda que a levarei para casa, para ela não se preocupar.

— Obrigada André, você e Carol estão sendo mais do que amigos.

— Que isso Malu, sei que se fosse o contrário você não mediria esforços para cuidar de Carol ou de mim.

— É isso aí, Maluzinha, eu sei que sempre posso contar com você assim como você pode me pedir o que quiser, amizade verdadeira é para isso.

Quando André volta, seguimos direto para a casa dos pais de Fernando. Ao chegar, tomo um banho e durmo em seguida, devido ao meu cansaço físico e mental. Seis dias em um hospital não é fácil, agora que Fernando acordou sei que está bem, apesar de ainda não se lembra de muita coisa, inclusive de mim.

Ao amanhecer acordo sobressaltada, ainda não consigo acreditar que o meu Fer mesmo que inconsciente me tratou tão mal. Nossos corações estão conectados, então por que não me reconheceu?

Sem as respostas que preciso, tomo um banho rápido e decido passar no hospital antes de ir trabalhar. Não pretendo forçar nada, quero que tudo aconteça naturalmente.

Dois dias depois

Fernando recebeu alta do hospital e foi levado contra sua vontade para a casa de seus pais. Como estou no trabalho, só o verei à noite. Durante esses dois dias o visitei às escondidas na esperança que ele chamasse por mim, mas em nenhum momento ele pareceu se lembrar ou sentir a minha falta.

Isso me matou e me feriu muito, foi como pisar em cacos de vidro ou ter uma faca cravada no peito. A ansiedade me consome, não vejo a hora de sair da drogaria e ir voando para a casa dos pais do Fer.

— Boa noite pessoal. — cumprimento à todos quando entro na sala da casa dos pais dele e o olhar de Fernando é de alguém não muito contente com minha chegada.

— Oi minha netinha linda, seja bem-vinda. — Vó Maria me socorre quando percebe que estou parada e sem reação — Sente-se e jante conosco.

— Estou sem fome vovó — Dou-lhe um beijo na bochecha, ela segura meu rosto com ambas as mãos.

— Nada disso, olha como você está magrinha, sente-se agora mesmo, não aceito não como resposta.

— Tudo bem. — Mais uma vez passeio os olhos por Fernando, que me ignora deliberadamente, mordo as bochechas, contendo-me para não chorar.

Jantamos, eu e Fernando calados, apenas trocávamos olhares. Vovó não se calou um minuto sequer.

— Com licença, vou me retirar — Não suportando o desprezo de Fernando, retiro-me da mesa e vou para o quarto em que durmo. Deito-me na

cama com as roupas e sapatos e choro, colocando para fora toda a angústia que sinto.

Adormeço sem me dar conta.



Capítulo 16

Malu

No dia seguinte encontro Fernando na sala sozinho.

— Bom dia. — Tento puxar conversa.

— Eu não faço ideia de como você conseguiu convencer meus pais a deixá-la morar aqui, mas saiba que se a intenção é ficar próxima a mim, saiba que não vai funcionar. — Olha-me pela primeira vez no dia sem nem ao menos me dar um bom dia — Estou praticamente recuperado, em breve volto ao meu apartamento e aí nem preciso mais olhar para sua cara.

Engulo em seco, sei que ele teve uma contusão cerebral, e uma das sequelas é a perda da memória, mas precisa me tratar assim, tão mal, a ponto de me ferir?

— Olha Fer...

— Meu nome é Fernando, não te dei liberdade para me chamar por apelidos. — Corta-me grosseiramente.

— Ok. Fernando! Eu não sou nenhuma interesseira. Você não me achou em uma casa de putas. Sei lá se você não está fingindo, né? Afinal de contas, você já conseguiu de mim o que queria. — Paro com as mãos na cintura, revoltada.

— E o que afinal de contas eu queria de você? — Olha meu corpo de cima a baixo com desdém — Seu tipo nem me agrada, magra, loira e baixa. — Isso foi humilhante — Prefiro as morenas, curvilíneas e com pernas

compridas para se enroscar em mim. — Sorriu, malicioso.

Abro a boca em um o, engulo o choro e saio de sua frente com o pouco de dignidade que ainda me resta. Isso foi de mais para mim.

Ligo para Carol em desespero, não posso mais ficar no mesmo ambiente que este homem. Quem me garante que sua amnésia não é uma farsa?

— Kera — Em prantos eu não consigo falar direito — Vem, por favor...

— Calma Kera, eu não estou entendendo nada, se acalme um pouco.
— Carol tenta entender o que falo.

— Eu não posso ficar aqui. Não aguento mais.

— Aqui aonde? Você não está na casa dos pais do Fernando?

— Sim, por favor — tento controlar minhas emoções — Posso morar com você? Aqui não dá mais para eu ficar e meu antigo apartamento já foi alugado para outra pessoa.

— Oh meu bem, claro que pode vir morar comigo, já te chamei inúmeras vezes, será um prazer.

— Obrigada Kera, vou pegar algumas roupas, depois dou um jeito de buscar as outras coisas.

— Mas o que foi que Fernando aprontou, hein? — Visivelmente revoltada pergunta, aposto que está andando de um lado para o outro.

— Eu não sei até que ponto essa amnésia é real. — Choramingo.

— Você acha que ele está fingindo?

— Eu não sei, não tem como eu saber, mas estou muito confusa e ele

tem me tratado muito mal, não posso e não consigo ficar no mesmo ambiente que ele.

— Eu vou arrancar as bolas desse idiota! — Carol grita do outro lado da linha.

— Calma, tudo bem? Eu disse que não sei se ele se lembra de alguma coisa, não tenho certeza, ou talvez seja minha mente querendo acreditar que ele possa ter me enganado.

— Vou observá-lo atentamente. Chame um Uber e venha para cá, vou fazer um almoço caprichado para nós.

— Beijos, até mais. E obrigada por me acolher mais uma vez, Kera.

— Eu sempre estarei aqui por você, Kera.

Desligo com a certeza de que pelo menos Carol gosta de mim de verdade.

Coloco algumas roupas em uma mochila, despeço-me de Magda e de vovó Maria, sentirei muita falta deste lar, aqui fui bem acolhida.

— Você sabe que não precisa ir, não é menina? Fernando vai recuperar logo a memória.

— Eu sei vovó, mas chegou a hora de eu caminhar com minhas próprias pernas, já incomodei vocês demais.

— Não há incômodo algum, minha querida. Eu vou sentir tanto sua falta. — Magda lamenta.

— E eu de vocês. Prometo visitá-las sempre que possível. — Com os olhos marejados abraço-as.

— Eu me apeguei tanto a você menina. — Vovó Maria está desconsolável — Ah, mas eu vou dar uma boa surra naquele meu neto

levado, ah se vou, ele que me aguarde.

— Não precisa disso vovó, logo ele vai se recuperar e vamos voltar ao normal. — Assim espero.

— Não tem nenhuma possibilidade de você voltar atrás nessa decisão? — Magda pergunta.

— Não, já me decidi, preciso dar um jeito em minha vida. Acho que acabei me acomodando, vou ficar com Carol até conseguir um novo cantinho.

— Sendo assim, desejo que você conquiste todos os seus sonhos.

— Também pretendo estudar.

— Isso é muito bom menina. Mas eu vou dar um jeito no Nando hoje ainda. Vou bater na cabeça oca dele, quem sabe assim ele não se recorda do quanto te ama e o mal que está fazendo a vocês dois? — Vovó ainda lamenta minha partida.

— Eu vou sentir muita falta de vocês, mas juro, eu venho visitá-las.
— Beijo o rosto de ambas — Agora preciso ir, vou trabalhar ainda hoje.

— Nos dê notícias.

— Claro, ah, antes que eu me esqueça, dá um beijo na Regi, não tive tempo de me despedir.

Saio pelo portão com a sensação de estar deixando o meu coração para trás.



Chego ao apartamento de Carol e ela está muito agitada.

— Nossa! Como você demorou Kera. Eu já estava preocupada —
Abraça-me e desabo.

— Foi difícil a despedida, mas vou superar.

— Fernando te viu sair?

— Não, quando eu saí ele não estava por perto.

— Ele ainda vai se ver comigo. — Carol faz suas ameaças veladas. —
Vou pedir a Regi para juntar todas as suas coisas que ficaram para trás e peço
que André as busque, assim você não corre o risco de se encontrar com
aquele inconveniente.

— Eu não sei o que seria de mim sem você Kera.

— Seria a mesma pessoa, só que sem os meus poderes de persuasão.

— É por isso que te amo.



Regina juntou todas as minhas coisas e André buscou na semana seguinte. Nunca pensei que um homem fosse capaz de me destruir ao ponto de não me deixar trabalhar direito. Os clientes reclamavam de minha total falta de concentração e já fui chamada a atenção várias vezes.

— Boa tarde, Maria Luiza, nós precisamos conversar. — A gerente me chama assim que entro na sala dos funcionários, sigo-a até sua sala, reservada a gerência.

Um pressentimento ruim me invade, mas tento manter a fé.

— Eu vou direto ao ponto porque não adianta ficar protelando e fazendo rodeios, infelizmente precisamos dispensar algumas pessoas e trabalhar com o quadro reduzido.

Meus olhos já lacrimejam, por que tudo de ruim sempre acontece ao mesmo tempo? É como um efeito dominó, uma peça esbarra e cai derrubando todas as outras.

— Mas por que eu? — Sem entender questiono-a. — Sou experiente e trabalho aqui há tanto tempo que sinto como se aqui fosse o meu lar.

— Não é nada pessoal, mas como você é uma pessoa jovem, sei que conseguirá um emprego muito melhor do que atendente de drogaria.

— Ok, eu preciso cumprir o aviso trabalhando? — Seguro as lágrimas o quanto posso.

— Não será necessário, o mesmo será indenizado.

— Está bem. — Olho vagamente para o nada, como pude chegar a este ponto?

— Se quiser se despedir do pessoal, fique à vontade.— Encerra o assunto.

Retiro-me da sala me recusando a chorar na frente de todos.

Despeço-me das minhas colegas de anos de trabalho, Carol queria tirar satisfação com a gerente, mas a tranquilizei e a fiz me prometer que zelaria pelo emprego. Por fora eu estava sorrindo, fingindo que estava tudo bem, mas por dentro, estava em frangalhos, destruída e perdida. O que vou fazer agora?

— Kera, vou para casa. Vai ser até bom, vou dar uma geral naquele

apartamento.

— Deixa disso Kera, no domingo a gente se ocupa disso. — Aceno e saio da drogaria, um local que eu amava, afinal vivia mais aqui do que em casa, mas tudo bem, eu vou encontrar um emprego ainda melhor, não preciso me lamentar.

Tantas vezes já caí e consegui dar a volta por cima. Por que seria diferente agora?



Um mês e meio depois, eu ainda estava desempregada e pra piorar minha situação, estava com uma virose que não passava por nada. Vomitando, com mau humor e uma sonolência infernal me acompanhava.

— Já chega Kera, não aguento mais vê-la passando mal. Já está assim há três dias. Vamos agora mesmo ao pronto socorro.

— Não precisa, Kera, sério mesmo, vou ficar boa logo, eu me conheço.

— Você já está falando isso há três dias. Que espécie de amiga eu sou que não te arrasta logo para o pronto socorro? — Carol puxa minhas cobertas e me tira da cama em direção ao banheiro — E tome banho rápido porque sou bem capaz de entrar nesse banheiro e passar sabão em sua bundinha.— Carol tenta tirar-me do abismo em que caí, a qualquer custo.

— Acho melhor eu não demorar, pois se te conheço bem, você entra mesmo no banheiro e cumpre com suas ameaças.

— É bom mesmo saber que estou falando sério.

Após o rápido banho não demoramos a chegar ao pronto socorro, Carol precisou ir para o trabalho e fiquei sozinha, mas prometi que daria notícias assim que passasse pelo médico.

Não demorou me chamarem e quando a médica pergunta a data da minha última menstruação um calafrio perpassa por meu corpo e me dou conta de que estou atrasada há mais de um mês.

— Não pode ser. — Falo para mim mesma enquanto estou na sala de coleta de sangue. — Usamos preservativo.

— Vai ser só uma picadinha moça, nem vai doer. — a moça tenta me acalmar achando que minha tensão seja medo da agulha, quem me dera fosse isso o meu maior problema.

Durante esse tempo todo, nem uma vez sequer Fernando tentou entrar em contato comigo e isso é o que mais dói, saber que ele realmente não se importa comigo.

Foi até conveniente esquecer-se do pouco que vivemos juntos, quem me dera ainda estar enganada achando que amava André. Pelo menos meu coração já estava acostumado e convencido da ausência do seu amor.

Malu: “Oi Kera, já consultei e estou esperando os resultados de exames.”

Envio uma mensagem, sei que ela não poderá ver por agora, mas minha obrigação é mantê-la informada.

— Ora, ora. Quanto tempo Malu? — Viro-me para a voz que me cumprimenta.

— Oi Alejandro, que surpresa agradável. — Pego em sua mão

estendida, há tempos não o via.

— Está tudo bem Malu? — Franze a testa ao notar minha inquietação.

— Claro, e você o que faz aqui? — Olho por todos os lados a procura de certo alguém, mas não o vejo.

— Vim buscar alguns documentos para uma investigação. — Senta-se ao meu lado — Você está com uma cara péssima garota, desculpe minha franqueza.

— É por causa da virose que peguei, mas logo ficarei ótima.

Minha vontade é de perguntar sobre o Fernando, sinto uma saudade absurda dele, mas desisto, se ele não me procurou até hoje é sinal de que me esqueceu de verdade.

— Sabe Malu, Fernando é um cabeça dura, já tentei conversar e abrir a mente dele, mas ele está irredutível. — Parece que ele leu meus pensamentos —, Somos amigos de longa data, mas ele acredita piamente que nunca te conheceu e é isso que não entra em minha cabeça, ele se lembrou de tudo, exceto do que está relacionado a você.

— Tudo bem Alejandro, eu já superei o Fernando. — Minto descaradamente, mas é o que posso fazer no momento. — Fernando faz parte do passado e sinceramente, torço para que jamais se lembre de mim, ainda não sei se serei capaz de passar a borracha em tudo o que ele me falou, mesmo que não se lembrasse de mim, foi desnecessário. Quero levar comigo somente as coisas boas que vivemos juntos.

— Que bom ver você tão bem conformada, Fernando parece ter voltado no tempo em que encontrou sua irmã morta, voltou a se revoltar com todo mundo e segue com seu plano de vingança. Importa-se se eu ficar aqui com você?

— Você não veio buscar alguns documentos?

— Sim, mas ainda não estão prontos, já que preciso esperar, melhor em companhia de alguém que conheço, assim o tempo passa mais rápido.

— Sendo assim, não me importo.

Nem eu imaginava que teríamos tanto assunto para conversar e quando meu exame fica pronto despeço-me dele e volto ao consultório da médica.

— Parabéns mamãe, era o que eu imaginava pelos seus sintomas. — A médica parabeniza-me.

— Co... Como? Não pode ser. — Fico em estado de choque. — Isso não pode estar acontecendo comigo, não, não pode.

— Calma querida. — Tenta me consolar — No início pode parecer um choque, mas você já se acostuma.

— O pai não quer saber de mim, imagina quando souber que terá um bebê? Eu devo estar em um pesadelo, não tem outra explicação.

— Se não quiser o bebê, você pode entregá-lo ao nascer para ser adotado, posso te encaminhar agora mesmo para ser acompanhada, o que acha?

A médica tenta me confortar e interpreta mal o meu desespero achando que não quero meu bebê. Não o planejei, mas ele já é uma parte minha.

— Não doutora, eu vou criar essa criança nem que para isso eu sacrifique minha vida, estou apenas surpresa com a gravidez inesperada, mas estou feliz, pode não parecer devido minha reação, mas na medida do possível estou feliz.

— Que bom, querida, estou aliviada em saber que este bebê será muito amado. Tenho três e não me vejo sem eles.

— Vou amar e colocá-lo acima de qualquer coisa. O protegerei de tudo e de todos.

— Ótimo, vou passar algumas vitaminas, mas você precisa procurar um obstetra de sua confiança e começar logo o pré-natal.

Fico pensativa, minha vida deu um giro de cento e oitenta graus, dentro de pouco tempo, não será fácil, principalmente agora que estou desempregada, mas esse bebê veio por algum motivo, não o decepcionarei.

Saio do consultório médico sem acreditar que estou mesmo grávida, e mais uma vez esbarro em Alejandro.

— Oi, você ainda por aqui?

— Resolvi te esperar e te dar uma carona, claro, se não se importar.

— Ah quanta gentileza Alejandro, mas não quero incomodar você, nem o desviar de seu trajeto.

— Não é incomodo algum, estou de bobeira mesmo.

— Obrigada, uma carona será bem vinda, estou mesmo muito cansada.

— Você esteve chorando? — Segura meu queixo e sem que eu me controle, as lágrimas saem e escorrem por minha face, malditos hormônios — Vem aqui, deixa eu te dar um abraço, não dizem que o abraço cura tudo?

— Eu sou mesmo uma boba, ultimamente tenho chorado muito, não sei como ainda tenho lágrimas para derramar? — Retribuo o abraço e sorrio em meio às lágrimas.

— Então vamos, o que acha de lancharmos antes? — Sugere.

Só de pensar em comer algo, meu estômago revira, saio correndo em busca de uma lixeira para vomitar.

Como sou lesada, os sintomas estavam aqui o tempo inteiro e só agora me dou conta. As náuseas matinais são constantes há mais de uma semana.

— Está tudo bem mesmo, Malu? Estou preocupado com você. — Alejandro segura meu cabelo enquanto vomito na lixeira.

— Vou ficar ótima assim que começar a tomar os medicamentos, se importa em me deixar em alguma drogaria?

— Vou te dar carona até em casa Malu e não me importo se no caminho precisarmos parar em uma ou três drogarias, fique tranquila. Estou aqui como um amigo, e amigos de verdade não costumam abandonar os seus na metade do caminho.

— Ah, Alê, Deus é tão bom comigo que sempre coloca pessoas boas ao meu lado. — Abraço-o em gratidão, mas logo me afasto por minha impulsividade.

— Amigos são para isso Malu, considere-me sempre como um.

Sáímos do hospital e seguro o enjoo o tempo todo. Preciso comprar logo o remédio, não está sendo fácil manter a normalidade quando o que mais quero é colocar a cabeça pela janela e vomitar o que eu nem tenho mais no estômago.

— Pode me esperar no carro Alejandro, não demoro. — Desço as pressas e vou logo comprando o comprimido para cortar logo o enjoo, além das vitaminas prescritas pela doutora.

— Moça, quero uma garrafa de água mineral também. — peço à atendente do caixa e ali mesmo tomo o remédio, espero que traga alívio imediato.

Ao voltar ao carro de Alejandro tenho uma grande surpresa, dou de cara com Fernando, que ao me notar seu semblante muda totalmente, ele parece ficar raiva só em me olhar.

— Oi Fernando? — cumprimento com a boca seca e o coração acelerado, nem pisco para não o perder de vista.

— Vocês estão juntos? — Olha de Alejandro para mim — E você tentando me convencer que eu um dia fui apaixonado por essa aí, né?

— Não é nada disso Nando, encontrei-me com a Malu por acaso, não tire conclusões precipitadas. Alguma vez já o trai?

— Ah francamente, nem sei por que estou questionando, a vida de vocês não me diz respeito. Sejam felizes, adeus. — Vira-se como um foguete, eu diria que está até enciumado, mas sei que é coisa da minha cabeça.

— Espera Nando, não é nada disso. — Alejandro segue-o, enquanto fico parada com medo até de respirar.

— Fique tranquilo cara — sorri ao amigo, mas seu sorriso é diferente dos que ele me dava — Eu não estou te julgando, é que eu preciso mesmo ir, tenho uma missão para terminar. — Bate nas costas de Alejandro e não me dirige sequer o olhar, age como se fugisse de mim.

Fico parada, estática no mesmo lugar. Agora que estou grávida, preciso pensar em mim e em meu filho, só ele é o que me importa de agora em diante. Fernando já deveria ter recobrado a memória, vai ver até já até tenha, né? Vou cuidar de mim e do meu filho e se algum dia ele acordar para a realidade, pode ser tarde demais.

— Desculpe Malu, eu juro que o encontrei por acaso.

— Tudo bem, Alejandro — encosto-me em seu peito quando me abraça e dou um sorriso fraco — vamos?

Sem entender minha reação, ele coça a cabeça, na certa, imaginou que eu faria um show, mas não sou desse tipo. Entro no carro e afivelo o cinto.

Quando ele para em frente ao prédio em que moro fico intrigada, em nenhum momento lhe dei meu endereço.

— Como você sabe onde moro?

— Encontrei com André e ele me disse que você estava morando com Carol e como vim uma vez aqui com ele, nem precisei te perguntar.

— Ah — respondo, mas ainda não estou convencida.

— Olha Alejandro — meio constrangida abordo o assunto que está me incomodando —, estou solteira, mas não estou à procura de um namorado ou um casinho esporádico.

Ele solta uma gargalhada e fico ainda mais constrangida.

— Desculpe o descontrole e os risos Malu, mas eu também não estou procurando uma namorada, não se preocupe. Fernando é como um irmão para mim e não tenho a intenção de roubar sua namorada. — Seca as lágrimas que caíram quando riu.

Ainda tensa e envergonhada prossigo.

— Eu devo ter entendido mal então, não estou acostumada a ter pessoas do sexo masculino me ajudando sem segundas intenções, desculpe-me.

— Ah deixa disso garota, quero ver você e o cabeça dura do Fernando felizes, anota aí, ainda serei padrinho do casamento de vocês.

— Acho que não Alejandro. Meu caso com o Fernando foi como um flash e já passou. Obrigada pela carona, nos vemos por aí. — Beijo seu rosto e nos despedimos. — Até mais.

— Até mais Malu. — Desço do carro e entro no prédio, viro-me ao fechar o portão e vejo ele desaparecendo em meio ao trânsito.

Uma pena que Alejandro esteja enganado, seu amigo e eu já não temos mais futuro juntos.



Capítulo 17

Malu

— Kera? — Escuto Carol me chamar da sala.

— Estou aqui no quarto. — Sento-me na cama para recebê-la.

— Menina, por que este apartamento está todo apagado? Cheguei a pensar que você não estava em casa, que susto! — Leva a mão ao peito e acende a luz, cegando-me.

— Fica calma que estou aqui. Agora apaga essa luz, por favor? Vou acender o abajur, minha cabeça está doendo horrores.

— Desculpa não responder sua mensagem, mas o dia hoje foi uma loucura. — Ela se senta ao meu lado na cama — Acredita que assaltaram a drogaria?

— Sério, mas todos estão bem?

— Graças a Deus só levaram o dinheiro do caixa e nos ameaçaram, mas no fim, ficamos seguros e bem, apesar do susto.

— Nossa! Nem consigo imaginar qual seria minha reação em uma situação dessas.

— Mas mudando de assunto, como foi na consulta? Vejo que você está com uma carinha bem melhor.

— Estou grávida. — falo sem rodeios, não tenho por que esconder nada de Carol.

— O quê? — Em choque, Carol arregala os olhos, se levanta e torna sentar-se em minha cama.

— É isso mesmo Kera — aliso minha barriga, sorrindo — Carrego em meu ventre a única coisa boa desse meu romance fracassado.

— Mas, você não me disse que usaram preservativo? — Ainda em choque Carol sussurra.

— Claro que usamos, mas todo método não é cem por cento seguro, e aqui estou eu, dentro das estatísticas para provar que mesmo nos prevenindo podemos sim engravidar.

— Ai vira essa boca para lá, não quero ser mãe tão cedo. — Carol tampa a boca e sorrio — Desculpa Kera, sei que você não está em um bom momento e eu aqui falando besteira.

— Para de besteira, eu também não planejava ser mãe por enquanto, mas o destino quis assim e em hipótese alguma vou me desfazer do meu bebê.

— Ai nem acredito que serei tia! — Abraça-me quase me esmagando e pulando em mim.

— Sua louca, não pode mais ficar pulando em cima de mim assim. — Gargalho junto com ela.

— Ih, acabei me esquecendo. — Passa as mãos em minha barriga e conversa com meu grãozinho — Oi bebê, a titia Carol está aqui — olha-me curiosa -, será que ele já escuta?

— Acho que não. — Emociono-me com o carinho da minha amiga — Mas fala com ele que você é a dinda além de tia, é claro.

— Own, que honra. — Carol emocionada como eu, chora e sorri ao

mesmo tempo. — Então bebezinho, aceito com muito prazer ser sua dinda e é uma honra está aqui para te amar, te proteger e te mimar muito, a mamãe não precisa saber, mas vou fazer isso. — diz baixinho como se estivessem sozinhos.

— Ah Kera, você é o melhor presente que a vida poderia me dar. — Abraço-a em agradecimento.

— E quanto ao Fernando? Acho que ele não merece, mas tem direito de saber sobre o bebê. Aliás, o direito é do bebê.

— Não sei como contar, hoje o encontrei e não foi nada legal. Como sempre, ignorou-me.

— Que ogro, ainda vou ter o prazer de encontrar com ele, tenho planos maquiavélicos para executar, ele que me aguarde. Bolas serão arrancadas nas unhas.

— Não faça algo que possa te prejudicar, pense bem antes de agir sua doidinha. — Só essa minha amiga para me fazer sorrir.

— Já tem mais de um mês que venho pensando.

— Você é incorrigível Kera. Deixa essa vingança para lá, não compensa.

Sorrindo conto que encontrei Alejandro e ela gargalha quando falo que achei que ele estava com segundas intenções para o meu lado.

— Fico imaginando o quanto ele riu de sua cara depois.

— Você também não me ajuda, Kera. Já estou aqui morrendo de vergonha, e você só pensa em rir de mim? — Finjo indignação.

— Desculpe-me, mas eu não consigo parar de rir. — Ela rola na cama e depois de muito tempo se controla e começamos a falar sobre outras coisas

e a planejar o enxoval do bebê que ainda nem sabemos o sexo.



Na semana seguinte já começo o pré-natal e faço o primeiro ultrassom. Carol me acompanhou e juntas choramos ao escutar o coraçãozinho do meu grãozinho batendo. Estou de oito semanas de gestação, foi emocionante poder escutar o som do amor naquele minúsculo ser.

— Nunca pensei que ser mãe me deixaria tão assim em êxtase. Já nem sofro tanto com a ausência do Fernando, o amor por meu bebê me fortalece.
— Conversamos em uma lanchonete próxima a clínica de imagem.

— E vai contar para ele quando? — Carol fala enquanto esperamos por nossos pedidos.

— Ainda não sei, preciso criar coragem. — Suspiro, desanimada.

— Você já sabe minha opinião, não é mesmo? Apesar de achar que ele não merece, ainda assim ele tem o direito de saber que vai ser pai. É um direito do bebê também. Se ele não quiser, que se exploda porque quem perde é só ele. Vamos encher esse bebê de amor e carinho que ele nem vai precisar de um pai igual ao Fernando.

— Você tem razão, Kera, vou resolver isso hoje mesmo. Irei até a delegacia e contar a ele de uma vez, não fiz esse bebê sozinha, ele tem que parar de ser moleque e tomar atitude de homem pelo menos com esse ser inocente.

— É assim que se fala garota. Iria com você, mas infelizmente não

tenho tempo para acompanhá-la. O trabalho me chama.

— Tudo bem Kera, você já está me dando a maior força e apoio do mundo e isso é impagável.

O remédio passado pela médica foi ótimo, as náuseas estão bem mais brandas e já consigo comer alguma coisa sem vomitar ou fazer ânsia.

— Está na minha hora de ir trabalhar, não posso me dar ao luxo de me atrasar, caso contrário, aquela megera é bem capaz de me mandar embora.

— Não pode ficar sem seu emprego também, já que sou um peso a mais para você.

— Jamais repita isso, Kera! Você e o bebê nunca serão um peso para mim. Essa fase difícil vai passar e depois vamos rir de tudo isso.

— Ok, desculpe-me. Falei sem pensar. — Esse assunto me entristece, mas vou deixar, por hora.

— Coragem, vai lá e fala com aquele idiota que ele vai ser pai, e se ele não quiser não se importe, o bebê terá amor de sobra.

— Obrigada por tudo Kera, não sei o que seria de mim sem você.

— Ah deixa disso e vamos logo para eu não me atrasar.

Eu não estava tão longe da delegacia em que Fernando trabalhava, mas resolvi ir de Uber, nunca se sabe se a tal da Rosalyn e sua quadrilha me esqueceram ou não, afinal, por minha causa eles perderam muito dinheiro com a operação da polícia ao me resgatar. Agora tenho que pensar não somente em mim, mas em meu bebê, acima de tudo.

— Bom dia, preciso falar com Fernando Sampaio, ele está? — Chego a delegacia e pergunto por Fernando, com o coração na mão, morrendo de medo de ser rejeitada mais uma vez, mas é necessário que ele saiba da

gravidez para que posteriormente não venha jogar em minha cara que escondi que ele seria pai.

— Bom dia, qual o seu nome?

— Maria Luíza Botelho.

O policial de plantão faz a ligação e fico aguardando por uma resposta.

— Desculpe-me moça, mas ele está ocupado, pediu que a senhora volte em outra hora.

— Diga a ele, por favor, que o assunto é de máxima urgência e que é coisa rápida, por favor? — Quase chorando imploro. Esses hormônios estão me deixando enlouquecida.

O policial a contra gosto, faz novamente a ligação.

— Ele mandou a senhora entrar. — Aliviada sorrio e o agradeço — Segue por este corredor, terceira porta à esquerda.

— Obrigada. — Com as pernas bambas, mãos suando e o coração quase saindo pela boca, eu sigo pelo corredor e quando estou em frente a porta respiro fundo e peço forças a Deus e sabedoria para passar por mais esse momento. Bato na porta e ele manda que eu entre.

— O que quer comigo Maria Luíza? Já não fui bem claro com você? — Mal entro e sou recebida com grosseria. Isso machuca, dói e dilacera meu coração, mas tento me manter firme.

— Bom dia para você também Fernando, poderia ser um pouco menos rude e baixar suas defesas contra mim? — Pareço tocá-lo um pouco com minha voz branda, mas logo ele volta a usar sua grosseria — O que me traz aqui não diz respeito somente a mim e sim a nós dois, eu não viria se não

fosse tão importante.

— Ah é mesmo? O que de tão importante a trouxe até aqui. — Não deixa de ser irônico, mal me olha. Como se eu fosse um nada, algo totalmente insignificante.

— Não vou enrolar, nem tomar muito do seu precioso tempo. — Respiro forte, procurando forças para não desabar e humilhar-me ainda mais.

— Pelo menos é sensata. Fale logo, não vê que estou ocupadíssimo? — gesticula, mostrando-me a pilha de papéis na mesa.

— Vou direto ao que interessa então, Fernando, estou grávida! — falo antes que desista.

Coloco as mãos nos bolsos atrás da calça que estou usando, ele olha fixamente para minha barriga que nem aparenta ainda abrigar um bebê.

— Ótimo, vá atrás do pai, está bem claro que não sou eu. — Por seus olhos passam uma emoção que não condiz com suas palavras frias. Suas narinas se expandem e é nítida a raiva que exala de si, apertada firme em sua mesa até que seus dedos ficam brancos.

— Como você consegue ser tão frio e indiferente ao que vivemos? — Minha voz sai fraca e sussurrada, não consigo encará-lo.

— Eu não me lembro, então não vivi nada do que me contaram. — Olha fixamente em minha direção, quase esmaga os papéis que estão em suas mãos.

— Eu acho que você está fingindo, mas tudo bem. Não vim aqui pedir para assumir meu filho, só vim porque como pai você tem o direito de saber. Mas não se preocupe, sou muito mulher para cuidar sozinha deste bebê, já que é notável que você não é homem para assumir o que fez. — Já que ele me magoa deliberadamente, decido usar da mesma rudeza em minha defesa.

— Se te tranquiliza, faremos um exame de DNA assim que nascer, fica bom para você? — Sua voz sai áspera, diria que sofrida, mas deve ser apenas a força do ódio que sente por mim.

— Não sou eu quem vai perder a oportunidade de conviver com o filho, então não me importo com o que pensa. Este filho será somente meu e se algum dia você “*recobrar a memória*” — faço aspas com as mãos — será tarde demais para recuperar o tempo perdido.

— Era só isso que você tinha para me falar? — Com o maxilar travado, ainda sem me encarar praticamente me manda embora.

— Até nunca mais Fernando. — Viro-me para sair, mas antes escuto sua resposta.

— Já vai tarde.

Saio da delegacia bufando de raiva. O mais engraçado é que parece que o *apagão* dele se resume somente ao que se refere a mim. Às vezes parece que ele está fingindo, mas suas ações e palavras me convencem.

— Opa! Aonde a senhorita vai assim com tanta pressa? — Trombo em Alejandro, isso tem sido recorrente.

— Estou indo embora, eu nem deveria ter vindo aqui, mas fui escutar a senhorita sabe tudo Carol, aí deu nisso. — Enfurecida e ao mesmo tempo magoada desabafo com Alejandro.

— Quer conversar a respeito?

— Você também não está ocupado? — Um pouco rude, questiono-o.

— Eu também? Como assim?

— Ah esquece, preciso mesmo de um ombro amigo para desabafar, já chega de ficar guardando tudo só para mim.

— Tem uma lanchonete aqui ao lado, podemos conversar com um pouco de privacidade.

Sigo-o até a lanchonete e começo a desabafar.

— Puxa! Você está grávida e nem assim Fernando acorda? Estou cansado de falar para ele o quanto vocês estavam felizes juntos, mas ele nem gosta que eu toque no assunto. Está com sede de vingança, entrou para a polícia com o intuito de investigar a morte da irmã, mas isso já faz tantos anos que acabou caindo no esquecimento.

— Não para ele, né Alê?

— Até mesmo para ele, não temos muitas pistas e as poucas que temos não nos levam a lugar algum. Quem matou a irmã dele fez um serviço perfeito ao ocultar as provas. Ele estava bem conformado com o desfecho do caso. Mas agora voltou com veneno nos olhos.

— Eu estava bem triste com o fim do nosso relacionamento, mas descobri que encontro forças em meu bebê. Continuo chorando por tudo, mas em relação ao Fernando, nem uma lágrima mais tenho derramado.

— Fico feliz que este bebezinho tem dado a você forças para seguir adiante. — Vejo emoção em seus olhos, mas não vou me enganar mais uma vez.

— Acho melhor eu ir agora, este serzinho me suga, vivo sem energias e faminta.

— Mas você nem comeu nada ainda Malu.

— Fica para outro dia, ando preferindo comer algo em casa. Vai que o enjoo resolva dar o ar da graça?

— Está certíssima, você precisa mesmo se alimentar bem, este bebê

precisa da mãe bem forte e saudável.

— Mas estou me alimentando muito bem, fique tranquilo meu amigo.

— Então nos vemos por aí Malu, não se esqueça de me manter informado.

— Pode deixar. Até mais Alê, foi um enorme prazer revê-lo.

Despeço-me dele e volto para casa, aliviada por ter contado ao Fernando que vamos ter um bebê, mesmo que ele não tenha demonstrado nenhum interesse, a sensação de dever cumprido me acompanha. Ele que lute no futuro se quiser conviver com o filho, ou filha, né?



Capítulo 18

Fernando

Eu tentei! Juro que tentei a todo custo manter-me afastado da Malu, mas agora vai ser impossível. Como vou conseguir ficar ausente e omisso sabendo que ela carrega no ventre um filho meu? E com Alejandro dando em cima da minha mulher? Ele pode negar e dizer que é coisa da minha cabeça, mas sei bem quando um homem está interessado em uma mulher.

Vocês devem estar me achando um tremendo filho da puta, né? Mas não tive opção a não ser me afastar da mulher que mais amei na vida. É doloroso dizer essas palavras para ela, meu coração fica em pedaços ao ver a tristeza e decepção em seu olhar. Dói tanto não poder aconchegá-la em meu peito e dizer que tudo ficará bem, ainda mais agora que está grávida.

Ela deve estar assustada e não é para menos, minha mãe sempre diz que um filho traz muitas alegrias, mas junto vêm os medos e as incertezas, tudo é novidade.

— Que ódio! — Jogo as coisas de minha mesa no chão, descontrolado.

— O que está acontecendo aqui Nando? — Alejandro entra em minha sala e a vontade que tenho é de esganá-lo por estar tão próximo da minha mulher. Sei que falei para ele que não me lembro da Malu, mas como meu amigo ele deveria se manter bem longe dela. Ela é minha, porra! Eu amo essa mulher e não vou aguentar vê-la com outro. Ainda mais com alguém que sabe praticamente tudo de minha vida.

— Você é um péssimo amigo Alejandro! — Esbravejo e descarrego minha raiva para cima dele.

— E você é um idiota! Está perdendo a mulher que te ama pouco a pouco. — Irado parte para cima de mim e me segura pelos ombros — Quando ela não se importar mais com você, aí vai acordar para a realidade e ver o quanto perdeu.

Afasto-me dele e me sento em minha cadeira, apoio os cotovelos na mesa e tampo meu rosto com as mãos. Não seguro o choro de desespero, as lágrimas de fracasso escorrem por meu rosto e não tenho vergonha alguma. Eu mereço sofrer e muito, mesmo que não seja minha intenção, estou matando o amor que a Luizinha sente por mim.

— Calma, Nando, me desculpa. Acho que estou de cabeça quente, me preocupo muito com a Malu, assim como me preocupo com você. — Alejandro já mais calmo, aproxima-se de mim novamente.

— Não há perda de memória! — revelo sem encará-lo e sussurrando entre o choro.

— Como é? Você vem nos enganando esse tempo todo a troco de quê? Pensei que fôssemos amigos, mas no fundo só eu fui.

— Fala baixo caralho! — Levanto-me apressadamente e tranco a porta antes que ele saia sem entender minhas razões. — Eu não tive opção. — Perdido, confidencio ao meu amigo — Aqui não é lugar para termos essa conversa. Hoje a noite vá ao meu apartamento, acho que preciso de um aliado, mesmo que para isso eu te coloque em risco, agora não tem mais volta.

— Do que você está falando Nando? — Sem entender nada do que falo, franze a testa.

— Só confia em mim Alê, em nome de nossa velha amizade? Eu te suplico, quando você souber de toda a verdade vai entender o porquê venho agindo assim.

— Está certo, você merece meu voto de confiança — Encarando-me ainda com raiva no olhar destranca a porta –, não me decepcione Nando. Até mais tarde.

Sai e quando fico sozinho não consigo mais trabalhar no caso em que estava. Decido ir até a lanchonete ao lado tomar um café.

Espero que Malu me entenda e me perdoe algum dia.



As dezenove em ponto Alejandro chega ao meu apartamento, ele é uma das poucas pessoas que não precisa ser anunciado para subir.

— Obrigado por ter vindo meu amigo. — Abraço-o e bato em suas costas.

— Espero que valha a pena ter vindo. — Ainda desconfiado fica na defensiva.

— Sente-se e fique à vontade. Aceita beber algo?

— Melhor não, vamos direto ao que interessa, que tal?

— Você tem razão, sem enrolação. — Sento-me no sofá em frente ao seu — Então, depois do acidente tive sim um apagão, mas a perda da memória não durou muito tempo. Quando acordei antes de receber as

primeiras visitas no quarto, recebi um bilhete — Alejandro escuta-me sem interrupção — Nele dizia para eu me afastar da Malu e caso isso não acontecesse, Malu teria o mesmo fim que minha irmã Taliane.

— Caramba! Você está sendo ameaçado? E por que não me contou? Eu poderia te ajudar Nando? Sabe que pode confiar em mim. — Visivelmente magoado questiona-me.

— Eu sei, Alê, mas no bilhete deixava bem claro que não só a Malu corre riscos, como toda minha família e amigos, e isso inclui você. Não queria arriscar perder mais ninguém.

— Então venho agindo certo, ando cuidando da Malu à distância, não poderia deixá-la vulnerável sabendo o que ela passou com aquele sequestro e sei que ela ainda está na mira daqueles abutres.

— Ufa! — Solto um longo suspiro aliviado — E eu aqui pensando que você estava com segundas intenções para cima de minha Luizinha. — Finalmente sai um sorriso aliviado.

— Nós temos um pacto se esqueceu? Quando um fica com uma mulher essa fica inelegível para o outro, mesmo que tenha sido um caso de apenas uma noite. — Levanta as sobrancelhas.

— Obrigado por cuidar de minha mulher e agora do meu filho. — Saber que Alê não tem interesse por minha mulher deixa-me mais tranquilo — Eu coloquei seguranças para acompanhá-la à distância, eles são tão discretos que ela ainda nem os notou.

— Filho da puta! Quer dizer que vem cuidando dela secretamente? — Sorrindo Alê dá um soquinho em meu ombro. — Nem eu os notei ainda. Mas agora vou andar mais esperto, podemos estar sendo seguidos por outras pessoas também sem saber.

— Claro que não desamparei os meus. Mesmo fingindo não me importar, cuido dela, ela só não precisa saber. E você está coberto de razão, temos que redobrar nossos cuidados.

— Agora sou eu quem precisa confidenciar algo. — Alejandro fica tenso e sério de repente.

— Aconteceu algo e não estou sabendo? — Ando pensando tanto em proteger minha família que acabei não notando que meu amigo anda meio distante mesmo sem eu o repelir.

— Calma aí! Não é nada grave. — Respira e inspira forte várias vezes antes de prosseguir, deixando-me nervoso e ansioso com a demora.

— Acho melhor me falar logo, antes que eu tenha uma síncope e caia aqui duro no chão, já ando tenso demais com tudo isso que estou vivendo.

— Eu suspeito que Malu seja filha do meu pai. — fala mais calmo.

— Mas como é possível? Seus pais parecem se dar tão bem, nunca imaginei o senhor Raul traindo sua mãe.

— Não foi bem uma traição, mas há algo que eu nunca contei a ninguém e poucos parentes sabem. — Escuto sem interrompê-lo — Quando eu tinha de sete para oito anos meus pais andaram se desentendendo, e chegaram a ficar separados por seis meses. Nesse meio tempo ele se envolveu com outra mulher, mas meus pais conversaram e acharam que a história deles não tinha acabado ainda, ele então terminou com a tal mulher e voltou para minha mãe. Ele só soube que ela ficou grávida porque encontrou uma amiga em comum há poucos meses, essa amiga acabou contando que essa mulher criou a filha sozinha, mas havia falecido já há alguns anos.

— Que história, hein? Parece até coisa de filme. E por que você acha que a filha dessa mulher é minha Malu?

— Porque a mãe da Malu tem o mesmo nome da mulher que meu pai se envolveu a mais de vinte e um anos atrás.

— E como descobriu o nome da mulher?

— Meu pai me pediu ajuda para encontrar a tal filha, se ela existe, tem o direito de conhecer a família. Ele nunca soube da gravidez, portanto não tem culpa e quer muito conhecer a filha. Se existe uma chance, vamos lutar para que aconteça.

— E sua mãe o que acha disso?

— Ela ficou um pouco chateada e abalada, mas entendeu que não foi uma traição, uma vez que estavam separados por opção dela mesma. E o sonho dela sempre foi ter uma filha, mas o destino quis que eu fosse filho único.

— Por que não conversa com a Malu e abre o jogo?

— Não é tão fácil meu amigo, tenho medo de assustá-la e afastá-la de mim. Ela pode achar que me aproximei apenas por interesse e nem sei o que a mãe lhe contou a respeito do pai.

— Isso é muito complicado, Alê. Você está tão enrolado quanto eu.

— Eu sei meu amigo, mas conte comigo para sua investigação. Juntos, seremos capazes de descobrir quem vem te ameaçando.

— Conte comigo também para encontrar sua irmã. Se não for a Malu, daremos um jeito de descobrir tenho certeza.

— Você suspeita de alguém que tenha enviado o bilhete?

— Ainda nada concreto, mas pode ser um dos nossos, isso é quase certeza. Para entrar no quarto em que eu estava no hospital era necessário passar pelos policiais que estavam de guarda na porta.

— Isso significa que temos um traidor em nosso meio!

— Ou traidores. Não sabemos com quem estamos lidando, portanto, para todos os efeitos estou apenas investigando a morte de minha irmã e não me lembro de Malu. Preciso tirar o foco dela. Protegê-la é primordial para mim.

— Deixa que eu cuido da Malu e vou te contando tudo a respeito dela e do bebê.

— O que mais dói é saber que esse processo vai ser demorado e com isso, vou perder algumas fases do meu filho. Mas quando eu colocar as mãos em quem anda me ameaçando vou vingar todo o tempo perdido, ah se vou!

— Pode apostar que você vai conseguir encontrar o culpado pela morte de sua irmã e por essa nova ameaça, e quando isso acontecer vamos comemorar juntos.

— Você será meu olho em Malu, dará todo o suporte necessário a ela e meu filho, ela não precisa saber que estou a par de tudo. Tudo que ela precisar, me fale que não medirei esforços para realizar. Faça com que ela pense que é um presente seu, mas ela e meu filho terão tudo do melhor.

— Está aí o Fernando pelo o qual eu me orgulho.

Desabafar com meu amigo trouxe-me uma paz inexplicável.

Alejandro

Chego a casa dos meus pais tarde da noite depois de ter ido ao apartamento de Fernando. Ao sair vejo um carro parado na esquina do prédio. Alguém anda nos vigiando e é um fato incontestável. Tento ver se o reconheço, mas foi impossível, a pessoa ou estava abaixada ou não estava dentro do carro. Anotei mentalmente a placa e segui meu caminho.

— Oi pai, o que faz acordado até agora?

— Oi Alê, estava te esperando. Tenho novidades sobre o paradeiro de sua irmã. — Emocionado me abraça.

— Calma velho! Vamos encontrá-la, dou-lhe minha palavra.

— Eu sei, agora tenho o nome dela, encontrei-me com a Marli novamente, naquele dia fiquei tão emocionado em saber que tenho mais uma filha que nem sequer perguntei o nome de minha menina.

— Que ótimo pai, com um nome fica mais fácil de investigarmos, qual é o nome.

— Marli disse que ela se chama Maria Luiza, que a mãe morreu quando ela tinha quatorze anos, ela foi morar em um abrigo. Desde então não teve mais notícias dela.

Minha emoção é tamanha que começo a chorar, se eu já amava Malu quando havia uma hipótese de ser minha irmã desaparecida, agora a amo triplamente mais.

— O que foi meu filho? — Alarmado, meu pai começa a me consolar — Você descobriu alguma coisa de nossa menina? — Apenas balanço a cabeça afirmativamente e ele chora comigo. Quando me acalmo, conto como

conheci Malu, omito as coisas perigosas.

— Precisamos falar com ela — papai se levanta em um rompante, cheio de planos — Eu quero conhecer minha filha.

— Calma pai, não é tão fácil assim. Pelo que sei, Malu acha que o senhor nunca se importou com ela. Não sabemos como será sua reação ao saber da verdade.

— Você tem razão, quem esperou até hoje, espera mais alguns dias , não é mesmo? Vou deixar em suas mãos, o importante é que estamos mais perto da verdade agora.

— Amanhã procuro por ela e aos poucos vou abordando o assunto.

— Ótimo Alê, então, vamos dormir e descansar, estou bem cansado hoje, acho que foram emoções demais para o seu velho aqui.

— Dorme em paz, pai e fique despreocupado, vai dar tudo certo. Se cuida, hein?

— Boa noite filho. — Fico na sala pensativo, estive tão perto de minha irmã este tempo todo e como não percebi nossa semelhança? Os olhos verdes e os cabelos louros, as semelhanças estavam me encarando o tempo todo e eu como um cego não as vi.

— Alejandro, aconteceu alguma coisa? — Fernando atende no primeiro toque.

Lembro-me de avisar sobre o carro na esquina.

— Espero que não.

— Então me ligou para avisar que chegou em casa? Que coisa mais lindinha. — Em zombaria murmura.

— Antes fosse meu amigo, mas o assunto é sério. — Vou para meu

quarto e tranco a porta. Meus pais não me deixam mudar-me, das vezes em que tentei, mamãe fez um drama e até adoeceu, disse que só saio daqui casado e como isso não vai acontecer tão cedo, acho que vou ficar aqui até quando estiver de bengala.

— Fala logo cara, não estou gostando deste tom.

— Quando saía do seu prédio, percebi um carro estranho parado na esquina de sua rua, passei devagar e não consegui ver ninguém, mas anotei a placa.

— Mas pode ser que não seja nada demais.

— Se parece muito com um dos carros descaracterizados usados pela polícia em operações. Se for, podemos puxar a ficha do carro e ver quem estava com ele na noite de hoje.

— Você está me saindo melhor que a encomenda Alê.

— Eu sei que sou irresistível. — Sua risada sai solta.

— Vira homem, sô? — Entro na onde e sorrio junto. Deixo o assunto da descoberta de Malu de fora, amanhã conversamos a respeito.

— Sou homem até demais. Agora mudando de assunto, acho por bem continuarmos afastados, seja lá quem for que te ameaça, pode desconfiar se nos reaproximarmos.

— Já tinha pensado nisso, vou continuar com essa frieza fingida, enquanto isso cuide de Malu, por favor? Ela é meu presente mais valioso.

— Cuidarei com a minha vida se preciso for. Boa noite, amanhã a gente se vê.

— Boa noite Alê. — Suspira aliviado. — E obrigado meu amigo por entender meus motivos e me apoiar.

— Amigos são para isso. Até mais.

Desligo, tomo uma ducha e tento dormir, mas não consigo. Pego meu notebook e pesquiso sobre a Malu, se ela for mesmo minha irmã, o que tudo indica que sim, será a melhor coisa que nos aconteceu. Vou cuidar dela e mimar o quanto puder.

Quando vejo já é bem tarde, desligo meu notebook e forço-me a dormir.

A semana será curta para tantos acontecimentos.



Capítulo 19

Malu

Passei a noite em claro com enjoos, mas não quis incomodar Carol. Quando ela chegou, fingi dormir, não estava no clima para contar como foi com Fernando. Mas hoje não escapo de seu interrogatório.

Mesmo estando muito cansada, forço-me a levantar, preciso fazer umas caminhadas, ficar deitada demais não será saudável nem para mim e menos ainda para o bebê, e posso cochilar quando eu quiser, afinal de contas, sou mais uma desempregada.

— Pensei que a *Bela Adormecida* ia dormir o dia inteiro, já estava preocupada.

— Ai amiga, esse bebezinho quer trocar a noite pelo dia, acredita que eu não dormi quase nada?

— E por que não me chamou? — Toda apavorada, sai de sua cadeira, ajoelha-se no chão e alisa minha barriga que nem aparece ainda.

— Oh bebê lindo da dinda, deixa sua mamãe descansar um pouco? A dinda promete te dar muitos presentes assim que você nascer, o que acha?

— Até parece que vai funcionar! — Pelo menos ela me faz rir.

— Minha nossa você está pálida pra caramba! Vai comer o quê?

— Nada seria uma ótima opção, mas preciso empurrar alguma coisa para dentro. Só de pensar em comer sinto um reboço no estômago. — Faço cara de nojo.

— Podemos pesquisar na internet, talvez alguma coisa funcione, o que acha?

— Boa ideia, sabemos que ninguém é igual a ninguém, mas não custa tentar, já ouvi dizer que biscoito água e sal ajuda, quem sabe possa funcionar comigo?

— Me lembrei de uma coisa, podemos testar. Uma amiga tomava suco de cenoura bem forte em jejum e os enjoos diminuía. Quem sabe com você também dá certo?

— Justo cenoura? Não sou, muito fã. Mas tudo bem, faço o que for preciso para esse enjoo desaparecer, acho que não existe algo pior. Preciso mesmo me fortalecer, para o caso de a Rosalyn aparecer, eu consiga pelo menos me proteger, tenho um mal pressentimento de que ela ainda virá atrás de mim.

— Vira essa boca para lá garota. — Bate na madeira — Acho que precisamos melhorar a segurança dessa porta. Vai que essa mal amada aparece por aqui, né? Hoje mesmo vou chamar um chaveiro para acrescentar mais duas tetras-chaves aqui.

— Deixa que eu pago dessa vez, você não pode ficar gastando dinheiro comigo assim. — Toda vez fico envergonhada, eu não deveria dar trabalho a ninguém e isso me deixa deprimida.

— Se for deixar você alegrinha eu deixo sim. — Sorrio, Carol me entende tão bem — Agora vamos pesquisar algo para vocês comerem, já está perdendo peso e isso não deve ser bom nem para você, nem para meu afilhado.

— Pode ser menina, sabia?

— Eu sei — Ela revira os olhos — É a força do hábito. — Sorrimos.

Nos blogs e sites em que pesquisamos, muitas mulheres relatam que a única coisa que parava no estômago no primeiro trimestre eram frutas, então vou tentar, não custa nada, já que não posso ficar tomando remédio para enjoos o tempo todo. Que venha o suco milagroso de cenoura e as frutas.

— Vamos tentar primeiro o suco? Deve sustentar porque é bem consistente.

— Será que vai mesmo funcionar?

— Você precisa tentar. — E é o que faço — Agora está na hora de falarmos como foi ontem com Fernando, como ele te recebeu?

Olho minha amiga, não tem mais como fugir do assunto.

— Deprimente. Ele foi o idiota de sempre, mas sinceramente, ele parecia estar sofrendo. É como se as palavras saíssem somente da boca para fora.

— Esse seu coração bondoso ou te leva para o céu ou te enfia em mais enrascadas.

— É sério Carol, eu vi um lampejo de alegria no olhar dele. É como se ele estivesse se esforçando para manter-me à distância. Entende?

— Será que Fernando está sendo ameaçado? Afinal de contas o acidente em que se envolveu foi no mínimo muito estranho. — Carol coloca um dedo no queixo, pensativa.

— Faz sentido, ele pode estar tentando me proteger. Por que não pensei nisso antes? No hospital ele estava estranho e era só comigo, como se quisesse manter-me longe, mas seus familiares ele não repelia em momento algum. — Ando pelo apartamento, inquieta com nossas suspeitas. Até me esqueço do enjoo e mal estar.

— Fica calma, não vá ficar nervosa agora Kera, não fará bem a vocês.
— Carol anda atrás de mim.

— Claro, Carol, você é um gênio. Não preciso ficar com raiva do Nando, ele está sendo forçado a manter-se distante de mim. Deve estar doendo tanto essa decisão. — Choro, emocionada agarrando-me a esperança de essas suspeitas serem concretas.

— Ah, mas sou mesmo um gênio, percebeu que o suco não voltou ainda?

— O que seria de mim sem você, hein? — Abraço-a carinhosamente.
— Você é a irmã que a vida me presenteou.

— Não me faça chorar. A grávida aqui é você e não eu. — Sorrimos ainda unidas em nosso abraço.

— Acho por bem guardarmos essa descoberta só para nós, quanto menos gente souber, melhor.

— Segredo guardado, boca lacrada— Passa os dedos como um zíper.

— Você é demais Carol.

Quando Carol sai para o trabalho ligo meu notebook e começo a escrever um diário da gestação. Pelo menos arrumei uma distração e não penso demais nos problemas.

Com essa suspeita, prefiro manter-me quieta em casa, não vou me arriscar fazendo caminhadas sozinha. Na folga da Carol vamos juntas.

A campainha toca e o pavor me domina. Fico quietinha em meu quarto, ainda não chamamos o chaveiro. A pessoa é insistente, então decido olhar pelo olho mágico para ver de quem se trata.

— Alê, que susto!— Abro a porta ao ver meu mais recente amigo —

Quase não abro a porta.

— Não foi minha intenção, está tudo bem? — Olha para todos os lados.— Da próxima vez prometo telefonar antes.

— Está tudo bem sim, só não costumamos receber ninguém, por isso assustei-me. — Acho que nem com ele vou falar sobre minha suspeita e de Carol, melhor manter em segredo mesmo.

— Tem certeza? — ainda desconfiado questiona-me, mas balanço a cabeça afirmativamente. — Você está muito pálida garota!

— Entre Alê e fique à vontade. — Dou passagem para que entre — A palidez é devido aos enjoos, tenho sofrido meu amigo. Aceita beber algo? Um suco, uma água ou um café?

— Não obrigado, não vim aqui te dar trabalho.

— Ah imagina, estou querendo mesmo tomar uma vitamina, me acompanha? Quem sabe isso muda minha cara apavorante.

— Sendo assim, é claro que acompanho. — Juntos vamos à cozinha preparar a vitamina.

— Você não veio aqui por estar com saudade, não é mesmo?

— Um amigo não pode visitar sem interesses?

— É que não tenho muitos amigos, então, não estou acostumada, desculpe-me.

— Ah deixa disso, vim aqui para te conhecer melhor e você me conhecer também.

— Está de folga hoje?

— Não, mas digamos que posso fazer meu próprio horário de vez em

quando, então estou livre.

— O que quer saber? — Ainda intrigada com essa aproximação repentina sigo em frente.

— Você disse não ter parentes vivos, e que só conviveu com sua mãe. E seu pai, o que sabe sobre ele?

— Não muito — separo as frutas e o leite –, mamãe sempre foi muito evasiva. Nunca quis falar muito sobre meu pai. Só dizia que ele era um bom homem e por motivos fortes não podia conviver com a gente.

— E você já pensou em procurá-lo?

— Sim, mas nem o nome dele eu sei, ela nunca mencionou e isso era proibido lá em casa. Seria o mesmo que procurar uma agulha no palheiro, missão impossível, entende? — Olho para Alejandro intrigada, ele está visivelmente emocionado. — Está tudo bem Alê? Você está passando mal?

— Não, estou ótimo. — Olha para a vitamina. — Grávidas não podem ingerir açúcar — muda de assunto disfarçando sua emoção que consegui enxergar.

— Ah, eu adoço com xilitol, e nem posso colocar muito, tudo o que é doce não me cai bem. Nunca usei açúcar e é agora que não uso mesmo. — Olho para ele intrigada — Alê, abra o jogo comigo, seja sincero, por favor? — Olha-me com ternura e algo a mais que não consigo decifrar — Por que justamente agora essa aproximação e curiosidade repentina sobre a minha vida?

— Podemos nos sentar? — Coça a cabeça — Não vou conseguir ficar com a boca fechada por muito tempo mesmo. — Balança os ombros e faz cara de quem perdeu a batalha. Minha esperança é de ele falar que Fernando quer apenas me proteger, mas a confissão que a seguir faz tudo girar.

— Eu acho que somos filhos do mesmo pai. — Meu copo cai e espalha vitamina e cacos de vidros pela cozinha, meu corpo amolece e, se não fosse pelo Alê eu teria ido ao chão, mesmo sentada em uma cadeira.

— Malu, pelo amor de Deus, se eu soubesse que ia ficar assim não teria falado nada. — Apavorado carrega-me para o sofá. — Quer que eu a leve ao hospital?

— Não precisa vou ficar bem assim que eu digerir essa informação.

— Eu sou um idiota, deveria ter controlado minha boca grande, se algo acontecer a você e ao bebê não vou me perdoar jamais.

— Você se aproximou de mim só por isso? — Preciso saber se seus motivos foram tão egoístas.

— Claro que não! — indignado aproxima-se de mim — Não sou homem de fazer essas coisas. Só desconfiei dessa possibilidade há alguns dias quando meu pai me falou sobre ter uma filha com outra mulher. — Conta-me tudo e fico abismada, dona Marli era a melhor amiga de minha mãe e até tentou cuidar de mim, mas legalmente ela não podia por não termos nem um grau de parentesco, por isso fui para abrigos onde sofri muito nas mãos dos cuidadores por ser uma adolescente tímida e retraída.

— Alê me abraça. — peço aos prantos — Será que a vida me trouxe uma família de presente? Será que as coisas vão começar a melhorar para mim.

— Eu ainda nem acredito Malu que possamos ser irmãos. — Também emocionado chora e apoia-me em seu ombro.

— Podemos fazer um exame para confirmar? Quando vou conhecer meu provável pai? Sonhei a vida inteira com esse momento, pena que minha mãezinha não estará presente.

— Ela com certeza está olhando por você e pode ter certeza de que nossos caminhos terem se cruzado tem o dedo dela.

— Ela sempre dizia que coisas ruins têm que acontecer para as boas chegarem e agora compreendo suas palavras.

— Bom, quanto a conhecer nosso pai, acho melhor esperarmos. Faremos o teste de DNA primeiro, o que acha?

— Está bem, assim se não der positivo, não criamos expectativas em vão.

— Vai dar positivo, eu sinto. As semelhanças estão aqui. — Toco em seu cabelo e rosto.

— Eu também sinto isso. É estranho, mas desde que te vi pela primeira vez senti uma empatia por você, Alê.

— E eu quis protegê-la e não entendia o porquê, acho que nosso sangue falou mais alto.

— Já estamos falando como se já estivéssemos com o resultado em mãos. — Seco minhas lágrimas sorrindo.

— É porque no fundo já sabemos o que somos um do outro. Irmãos, mesmo se o sangue não for o mesmo, você será eternamente minha irmã.

Conto ao Alejandro sobre a decisão de deixar o apartamento mais seguro e ele super apoia e imediatamente liga para um amigo chaveiro. Fica comigo até que Carol chega. E graças aos remédios para enjoo consigo comer a pizza que ele pediu.

— Aconteceu alguma coisa Kera? — Carol praticamente voa em minha direção — Você está bem?

— Calma dona Ana Carolina, eu e seu afilhado estamos super bem.

Até consegui comer pizza. — Ela sorriu, mais aliviada.

— Desculpa Alejandro, nem te cumprimentei. — Estica a mão para ele — Mas é que quando o vi aqui pensei que algo de ruim tivesse acontecido.

— Você está certa em agir assim, Carol. — levanta-se em seguida — Acho que já tomei demais seu tempo Malu, já está tarde e preciso mesmo ir, agora que você está em boas mãos.

— Obrigada pelo dia agradável Alê, adorei.

Beija minha testa e se despede de Carol.

— Agora abre logo esse bico Kera, porque não posso roer minhas unhas, o que está acontecendo entre vocês? Fernando já ficou no passado, é? Mas e se nossas suspeitas estiverem certas? Eles são amigos, como vão se encarar?

— Calma aí Kera, respira e fala devagar— sorrio de tantas perguntas feitas sem pausa — Uma pergunta por vez, não é nada do que está pensando.

— Como assim? Eu vi como ele te olha! É um olhar de quem está amando.

— Mas não é o tipo de amor que pensa.— Estou com alma leve depois das suspeitas de sermos irmãos.

— Será? Talvez não da sua parte, mas da dele, talvez.

— Senta aqui comigo. — Ela faz o que peço — Alejandro acha que podemos ser irmãos — ela tampa a boca com ambas as mãos.

— Carambolas! Mas como assim?

— Conversando com seu pai há alguns dias ele descobriu que o pai teve um caso com uma mulher com o mesmo nome da minha mãe e só agora

reencontrou uma amiga que por coincidência ou não, tem mesmo nome que a melhor amiga de minha mãe. Ele nunca soube que a mulher tenha ficado grávida e por isso nunca soube de mim ou nos procurou.

— Mas isso significa que ele traiu a mãe do Alejandro.

— Tudo indica que não. Eles estavam separados e o pai do Alê se envolveu com mamãe, mas os pais dele reataram, ele foi sincero com minha mãe que por sua vez, decidiu não atrapalhar a vida do casal e seguiu com a gravidez sem a ajudada do meu pai.

— Nossa! Sua mãe foi uma guerreira, se ela ainda estivesse viva eu juro que a abraçaria até ela não aguentar mais.

— Foi por isso que ela nunca pintou a imagem de um pai ruim, ela sabia que se contasse que estava grávida ele não mediria esforços para cuidar da gente. Só que ela nunca quis nada pela metade e jamais aceitaria migalhas em um relacionamento ou viveria em paz sabendo que foi a causadora de uma separação.

— Ah Malu, promete que mesmo que se der positivo você jamais vai me abandonar?

— Para com isso Kera, mesmo que eu tenha uma família enorme você sempre será minha irmã de alma e não pense que te deixarei de fora da minha vida, isso nunca vai acontecer.

— Ah como você é linda Malu. — Chorosa abraça-me.— Sua vida é quase um drama mexicano.

— Até eu penso assim. Agora vá comer sua pizza, já está gelada.

— Eu gosto de pizza quente, gelada, no dia seguinte na hora do café, pizza é vida.

Pega a caixa de pizza e ficamos falando amenidades na sala até alta madrugada.



Capítulo 20

Fernando

Os dias parecem não passar e minha investigação não flui como o esperado, há algo me impedindo de conseguir alcançar meu objetivo.

— Fernando, o delegado Mourão quer você na sala dele neste momento. — Estranho, mas sigo para lá.

— Pois não, Mourão.

— Sente-se Fernando — Olha-me atentamente, analisando-me. — Como andam as investigações sobre a morte de sua irmã?

— Nada de novo e estou quase desistindo, acho que quem a matou fez um excelente trabalho ao esconder as provas. — Meu sexto sentido me diz para não confiar em ninguém, nem mesmo em Mourão.

— Como eu já havia dito anteriormente, tem coisas que quanto mais a gente mexe, pior fica. Já se passaram muitos anos, não acredito que vá aparecer provas novas — Não sei por que, mas acho que ele está escondendo alguma coisa — E sua namorada como está? — muda rapidamente de assunto.

— Não tenho namorada, aquela maluca insiste em dizer que tivemos um caso, mas não me lembro dela, já forcei minha mente, mas não há nenhuma lembrança dela em meu subconsciente. — falo com irritação, não por Malu, mas pelo interesse repentino de Mourão em querer saber sobre ela. Ciúme me corrói só em pensar que outros homens possam estar interessados em *minha* Luizinha.

— Não lembra mesmo? Ou será que quer esconder algo? — pergunta com os olhos semi-serrados.

— Você me conhece desde que ingressei na carreira e mais do que todos aqui, deve saber que não tenho motivo algum para mentir sobre nada, se eu digo que não me lembro dela, pode apostar, estou sendo sincero. — Finjo indignação e mantenho minha mentira tão bem que convenço até eu mesmo de que é verdade.

— Você é um excelente policial Fernando, não quero que se perca nessa investigação ao ponto de se esquecer quem verdadeiramente é você. Sei que você amava sua irmã, mas ela se foi há tantos anos, não gosto de vê-lo se desgastando tanto assim, só para achar um culpado que, a essa altura pode até já estar morto.

— Vou seguir seu conselho, acho mesmo que está na hora de deixar o passado para trás e focar-me no que realmente importa.

— E o que importa para você Fernando?— Acho estranho toda essa conversa, sem sentido.

— Viver o presente sem pensar no amanhã, afinal de contas, ele não aconteceu ainda, portanto ainda não nos pertence.

— Ótimo, estamos preparados para a operação que acontecerá na próxima segunda feira e não admitiremos falhas. Portanto, preciso que você esteja focado nessa operação. Alejandro já mapeou o local, sabemos cada lugar e esconderijo. Dessa vez eles serão pegos. Não seremos desapontados, mais uma vez, tenha foco, Fernando.

— Sim senhor, darei o meu melhor. — Saio de sua sala sem entender o porquê ele teve essa conversa comigo, mas tendo a certeza de que, apesar de ele ser considerado de minha confiança, devo ficar com os olhos bem

atentos, como uma águia e observar a todos. Algo me diz que tem uma mensagem subliminar por trás dessa conversa inesperada.

— Nando, estava mesmo te procurando. — Deparo-me com Alê no corredor, ao sair da sala do Mourão — Agora é o momento de deixar de lado as outras investigações e focar apenas nessa operação.

— Mourão pediu exatamente isso, acho que ando meio disperso, focando demais em algo que não tem futuro, eu mesmo ando acreditando que não encontrei nada novo sobre a morte de minha irmã. Ando cansado de procurar o que não sei e não sair do lugar.

— É desanimador, eu sei, mas se for para você concluir esse inquérito, as provas vão aparecer. Nada fica oculto nessa vida para sempre.

— Verdade meu amigo, vou deixar essa investigação um pouco de lado, está me consumindo, nem vida própria ando tendo. Como a grande operação será na próxima segunda, precisamos estudar mais sobre todo o ambiente, vamos prender esta quadrilha, mesmo que seja apenas uma pontinha do iceberg, pois sabemos que isso nunca vai acabar, sempre vão aparecer traficantes, pessoas vão desaparecer, mas nosso dever é cortar o mal para que pelo menos diminua as incidências.

— É assim que se fala, o Fernando que eu conheço age assim, com a cabeça focada e sangue nos olhos. Teremos que correr contra o tempo, ainda não sei o porquê dessa operação tão em cima da hora, mas o delegado deve ter suas razões.

Razões pelas quais, não estou seguro de que sejam tão boas, pode ser uma armadilha. Mourão pode estar desconfiado de algo que eu não tenha comentado e eu ando desconfiando de sua lealdade. Pode ser um teste para me pressionar.

— Você está viajando de novo, Fernando? — Alê estala os dedos em zombaria — Podemos planejar melhor em seu apartamento logo mais a noite, o que acha?

— Acho que seria bom. Mas não vamos perder tempo, precisamos estudar o território do inimigo e começaremos agora.

— É assim que se fala. Já estudei todo o local, mas sempre é bom a visão de outra pessoa

Alejandro segue-me até minha sala e apresenta a operação, como estava focado no caso da minha irmã, não participei diretamente das estratégias. Ainda ressabiado vejo os possíveis acertos ou falhas que possamos cometer.

— Não dá para entende essa operação tão repentina. — Confidencio em voz baixa — Essa quadrilha está sendo procurada há meses e, ninguém até então nunca soube onde era o esconderijo, de uma hora para outra, como em um passe de mágica essa operação é montada, porque eles simplesmente foram descobertos.

— Se eu falar, você não vai acreditar. Também suspeitei de algo errado, meu amigo, mas deixei passar porque achei que era apenas implicância de minha parte.

— É isso que pretendo descobrir.

— Os homens da operação já foram designados, escolhidos a dedo por Mourão. — Vejo a lista com os vinte nomes. — Precisamos montar essa estratégia juntos para que dê certo.

— E por que dessa vez o nome do próprio delegado está de fora?— questiono.

— Nando, há algo que eu precise saber? — Preocupado, por eu estar

tão reticente, Alejandro questiona-me.

— Aqui não é lugar apropriado para termos essa conversa, a noite a gente se fala. Por hora, vamos encerrar por aqui. — Ele concorda e damos por encerrado minhas suspeitas.

Procuramos os outros policiais designados para a operação denominada “*Potifar*” para juntos estudamos o que deve ser feito e mantermos nos em uma mesma sincronia.

— O chefe do tráfico com certeza tem um esconderijo secreto, devemos abater todos que entrarem em nosso caminho. — Um dos policiais diz.

— Não acho que matar seja a opção mais correta, mas se estivermos em risco devemos sim nos proteger.

— Temos que capturar o chefe da quadrilha e mantê-lo a salvo. Ele deve ter muita coisa para contar. — Outro comenta.

— Essa quadrilha agem atando policiais e que muito provavelmente foram os responsáveis pelo seu acidente Fernando. Não podemos ter piedade — Alejandro diz.

— E é aí que está a questão, por que justamente eu? O que eu tenho de tão importante para me tornar o alvo deles. É isso que não consigo entender.

— Nós vamos descobrir, talvez você não fosse o alvo, mas estava no lugar errado e na hora errada fez de você a vítima momentânea.

— Há alguma possibilidade de estarem ligados a operação “*Diamante lapidado*”?

— Não pensamos nessa possibilidade, mas não devemos descartar essa

hipótese. Temos três dias para descobrir se nossas estratégias vão funcionar e pesquisar se uma operação tem ligação com a outra.

— Como você é quem comanda a operação Fernando, e foi um possível alvo deles, faremos o possível e impossível para protegê-lo e descobriremos se realmente queriam te executar ou se foi um engano.

— De jeito nenhum, essa hipótese está fora de cogitação. Preciso de todos vocês salvos e protegidos, nem que para isso eu entregue minha vida nessa batalha. Somos todos por todos e eu por vocês. Mas se querem a minha cabeça, podem tentar, porque sou duro na queda, ou no tiro, né?

— Como quiser, suas ordens serão acatadas. — Um deles comenta.

— Muito bem rapazes — Mourão, entra na sala de reuniões, não sabemos o que ele escutou de nossas estratégias, mas informamos o que faremos —, vocês são uma ótima equipe, sei que não vão me desapontar, por esse motivo escolhi vocês. Infelizmente por motivos de saúde não participarei da operação, mas no que eu puder auxiliar estarei às ordens.

Muito estranho o próprio delegado não participar de sua operação, mesmo dizendo que seja por motivos de saúde, não consigo acreditar. Pelo que eu saiba, ele está perfeitamente saudável, mas prefiro não argumentar e guardo só para mim.

— Ótimo rapazes. Daremos a reunião por encerrada, amanhã retornaremos cedo com nossas estratégias e juntaremos tudo. — Encerro a reunião, pego minha coisas e rumo para meu apartamento, vulgo fortaleza.

Aqui seria um ótimo local para cuidar da Luizinha, mas infelizmente para mantê-la segura e longe dessa encrenca toda, ainda não posso falar a verdade para mais ninguém.

Tomo um banho e começo a espalhar materiais de estudo por toda a

mesa.

A campainha toca e, por pensar que seja Alejandro, abro a porta sem ao menos ver quem é pelo olho mágico.

— Então é aqui que o senhor se esconde? — Regina minha irmã caçula e muito brava nem me cumprimenta e vai logo me acusando. — Onde está meu doce irmão que não gosta de injustiça?

— Ele continua aqui bem na sua frente. Entre Regina, mas vou logo adiantando, você não deve demorar. Estou trabalhando, como você pode ver com seus próprios olhos e sem saco para brigas.— Aponto para a mesa entulhada de papéis.

— Nando, a Malu está grávida, será que nem assim você vai acordar para a realidade? É um filho seu que ela carrega no ventre, sabia?— Mantenho minha postura de quem não se importa. — Não acredito que você vai deixar de viver os momentos lindos dessa gestação?

— Se veio aqui para tentar me convencer de que conheço essa garota, pode ir dando meia volta. Não a conheço, e é isso que me importa. — Viro-me de costas, Regina me conhece bem e se encarar meus olhos verá toda a verdade estampada ali.

— Você não costumava ser assim tão insensível assim. — Chorosa, tenta convencer-me com palavras— Eu sempre dizia aos quatro ventos que você era meu maior orgulho, hoje não posso falar isso mais. Você não é o mesmo de antes, se tornou um cara frio e sem coração.

— Ossos do ofício minha maninha. Minha profissão fez de mim o que sou hoje. Um carrasco sem sentimentos.

— Não mesmo, isso aí vem de você mesmo, não culpe sua profissão. — fala aos berros.

— Engano seu irmãzinha, este sempre fui eu, desde que entrei para a polícia, são vocês que não me enxergavam e me endeusavam de outra maneira. Doa a quem doer, eu não vou mudar por nada e ninguém.

— Espero que você esteja errado meu irmão. Algum dia verá o quando desperdiçou da vida.

— Espero que você esteja errada, Regi e lamento por não me entender.

— Não se esqueça que sou estudante de medicina e sei bem que é quase impossível uma amnésia tão longa assim. — Sorrio de sua constatação.

— Então me estude Regi, busque uma solução, porque se essa criança for mesmo minha como dizem, quero poder desfrutar de seu nascimento e crescimento. Agora acho melhor você ir andando, preciso mesmo trabalhar. Te convidaria para jantar comigo, mas como vê, aqui hoje não terá comida.

— Tudo bem, Nando, conversaremos em outro momento. E espero do fundo do meu coração que não seja muito tarde.

— Até mais Regi, mande lembranças minhas à família.

— Pode deixar, coração de gelo. — Sai do meu apartamento, ainda brava. Como eu gostaria de abrir o jogo para todos que eu amo, e tranquilizá-los. Isso por enquanto é impossível, então vou deixar que pensem que sou mesmo um carrasco sem coração, é o melhor para todos.

Minutos depois Alejandro chega acompanhado de mais três policiais.

Olho-o, questionando silenciosamente o porquê das companhias, mas quem esclarece minhas dúvidas é Pietro.

— Você provavelmente está estranhando nossa presença aqui, uma vez que não fomos convidados. Mas sua vida está em risco e não é hora de

deixar que você banque o herói.

— Entrem, não sei do que você está falando. — Desconverso e lanço um olhar interrogativo ao Alejandro, não é possível que ele tenha contado o que confidenciei apenas para ele.

— Cara, o que Pietro diz é sério e não vamos deixar com que você morra nessa operação montada exclusivamente para te matar. — É a vez de Jhony falar.

— Como assim? — Começo a me apavorar, minha família pode estar correndo riscos também.

— Vamos nos sentar porque é uma longa história. — Alejandro sugere — Então, quando eu estava saindo da delegacia, Wesley me convidou para um chope e não tive alternativa a não ser aceitar, foi minha melhor decisão.

— Ainda não entendi onde querem chegar, por qual motivo me querem morto?

— Calma, vamos chegar lá.

— Eu, o Wesley e o Jhony desconfiados dessa operação tão repentina, resolvemos investigar por conta própria. E qual não foi nossa surpresa quando descobrimos que essa operação seria sua execução?

— Mas não entendo o porquê de quererem a mim. E quem a quer é uma incógnita.

— É aí que entramos. Achei muito estranho o seu acidente, quem além de nós sabia daquele almoço naquele restaurante e exatamente naquele horário? Começamos a investigar a partir daí. — Wesley argumenta.

— E o que descobriram? — Ansioso por respostas não os deixo

falar.

— Calma Nando, escuta o que eles têm a dizer.

— Ok, vou tentar me manter calmo, mas está sendo muito difícil.

— Já sabemos que você não perdeu a memória — Olho para Alejandro querendo socá-lo — Não foi o Alê quem nos contou. Andamos te observando, peço que não tenha isso como uma ameaça, mas precisávamos te proteger.

— No dia em que você estava no hospital as únicas pessoas que entraram no quarto foram o delegado Mourão, que estava bem agitado, e seu pai. Eu e o Jhony estávamos de guarda na porta. Você acordou e entramos, até aí você estava sim com uma perda parcial de memória, nem nos reconheceu, seu pai voltou e te examinou. Minutos depois você recobrou a memória, conversou com a gente e pediu que protegêssemos a Malu, em seguida você apagou novamente e só acordou duas horas mais tarde, quando foram liberadas as visitas.

— Eu não me lembro dessa parte. Meu pai estava presente quando eu pedi que protegessem a Malu?

— Sim, mas ele comentou com a gente que provavelmente seria uma alucinação. Como tudo para nós é motivo de observação, não deixamos essa informação passar em branco.

— E só para você saber, tivemos acesso ao bilhete. — Wesley diz.

— E como Pietro entra na jogada?

— Perdi minha namorada exatamente assim, como perdeu sua irmã.
— Seu semblante muda — Ela foi assassinada de maneira cruel e semelhante à morte de Taliane. Desde então luto para descobrir quem foram os culpados, até que seis meses atrás descobri algo que pode mudar tudo, e provavelmente

quem tentou e tenta te matar acha que quem descobriu seja você e não eu.

— O que você descobriu, Pietro? — Meu sangue gela nas veias, pressinto que seja algo ligado à minha irmã.

— Aqui está a pasta com todo o dossiê.

"Operação Forever"

— Por que esse nome?

— Porque perdi minha namorada para sempre, mas isso não significa que não busco pela paz e justiça. Quero dar um descanso para a memória da Carla, e não deixar que outras meninas caiam no mesmo golpe que elas.

— Elas? Por acaso essa moça é a Carla Duarte? — Ele balança a cabeça afirmando — Puta merda! Carla era a melhor amiga da minha irmã. E quem a matou sabia que elas eram confidentes, foi queima de arquivo! Por que não me procurou antes?

— Eu não podia colocar minha investigação em risco. Só coloquei o Wesley no caso há seis meses. Minhas suspeitas de que o caso da Carla e da Taliane tenha ligação só aumentaram depois do seu acidente e desde então, venho vigiando seus passos e de sua família. Eu nunca soube da amizade das duas. Algo me diz que quem quer o seu mal vai agir mais cedo do que imaginamos.

— Taliane, antes de morrer afastou-se um pouco de Carla, talvez estivesse sendo ameaçada, e por isso tentou proteger a amiga.

— Faz sentido. O que me resta são apenas as boas lembranças que tenho guardadas.

— E o que você sugere que eu faça? Preciso ajudar de alguma maneira.

— Será uma coisa simples, mas você não pode ir nessa operação.

— Mas eu preciso ir, estou no comando e se eu não comparecer, colocamos tudo a perder.

— Você não vai Fernando, não vou perder meu melhor amigo!— Alejandro me sacode.

— E eu não posso ficar de fora assistindo a morte de vocês porra!

— Não querem nossas cabeças e sim a sua. Pelo que estudamos, as ordens são para matar somente você.

— Então você deve saber quem quer minha morte, apesar de eu ter meu suspeito.

— Sim, achamos que seja quem você pensa que é mesmo. Mas precisamos colocá-lo em uma emboscada. E com um a menos na operação, ele será obrigado a te substituir.

— Jogada de mestre. Mas ele disse que não iria por "problemas de saúde", quando informarmos que Fernando não comparecerá, ficará irado e em um beco sem saída, ele é o responsável pela delegacia— Alê fala confiante.

— Só não sei como vou convencê-lo de que estou doente.

— Nada que um laxante não resolva.

Confio nos meus mais novos aliados, o quanto antes desmascaramos meu algoz será melhor. A confiança de que dias melhores estão por vir, reforçam minhas esperanças. Vou poder curtir minha mulher amada e meu filho, ou filha, nunca se sabe.



Capítulo 21

Malu

Combinei com Alejandro de colhermos as amostras de sangue hoje, ele me pegou em casa, mas está um tanto preocupado.

— Está com medo do resultado?

— Não é isso. — Suspira — Estamos investigando algumas coisas e meu cérebro não desliga por nada.

— Eu sei que não deveria te perguntar, mas sinto saudade daquele idiota. Ele está bem?

— Pior que está, bem que eu deveria socar aquela cabeça oca. Para ver se Fernando recobra o juízo.

— Vou tentar me manter calma. Agora mudando de assunto, como você pegou o material biológico do nosso pai?

Ele sorri por eu dar como certo que somos irmãos.

— Eu o convenci a me deixar cortar seu cabelo, modéstia parte não sou tão mal barbeiro, assim. Recolhi o fios e disse que os jogaria no lixo, mas trouxe alguns para o exame.

— Você foi genial. Ainda não quero vê-lo por foto, prefiro conhecê-lo pessoalmente. A surpresa será melhor.

— Se eu estivesse em seu lugar, faria o mesmo.— Tira uma mão do volante e acarinha a minha.

Como ele estava com pressa, só colhemos as amostras e voltamos para casa.

— Tem certeza que não quer subir?

— Melhor não, nos vemos outro dia. Vamos nos falando por telefone.

— Beija minha testa.

Entro no prédio, mas sinto que estou sendo observada. Olho por todos os lados e penso ver a Rosalyn, mas a mulher tão parecida com ela desaparece do meu campo de visão.

— Está tudo bem Malu? — Alejandro preocupado com minha reação desce do carro vem até a mim. — Malu você está gelada.

— Eu acho que vi a Rosalyn. — falo em um sussurro, amedrontada.

— Onde? — Olha para a rua movimentada. — Malu, acho que não é bom você ficar em casa sozinha. Se a Rosalyn sabe onde te encontrar é sinal de que você não está segura.

— Mas não tenho para onde ir.

— Vou pedir a Regi para te buscar, e outra, a Carol também não deve ficar aqui sozinha.

— Melhor pedir ao André para nos abrigar, pelo menos até encontrarmos uma solução, não me sentirei bem se Fernando aparecer na casa dos pais e me tratar como sempre o faz. O prédio não possui porteiros e nem câmeras, estamos vulneráveis aqui.

— Te levaria para minha casa, mas assim que eu chegar com você, papai vai te reconhecer.

— Sou a cara da minha mãe. — Sorrio.

— Mas herdou o cabelo e olhos do nosso pai. — Sorrimos — Vamos

subir e você arruma uma bolsa com roupas e itens pessoais. Enquanto isso, entro em contato com André.

Subimos ainda com medo, e se alguém estiver nos rondando?

— Kera, que bom que ainda está em casa!

— Malu, está tudo bem? Meu Deus o que aconteceu? Você está gelada.

— Calma Carol, ainda não aconteceu nada, mas temo que possa acontecer. A Malu acha que viu a Rosalyn, então não é seguro que fiquem sozinhas aqui e desprotegidas.

— Podemos ir para o apartamento do André.

— Foi exatamente o que pensei — falo ainda com muito medo, por minha causa coloquei Carol e risco.

— Não se preocupe Kera, vamos ficar bem. — Balanço a cabeça concordando.

Enquanto Carol liga para André, vou ao quarto e arrumo uma bolsa com algumas roupas e itens de higiene pessoal. Até quando vou viver como uma fugitiva?

Pego meu notebook e os encontro na sala.

— Estou pronta.

— Deixa que eu carregue isso para você. — Alê pega minha bolsa e a de Carol.

Saímos do apartamento, mas não deixamos de olhar para todos os lados, o perigo pode estar bem próximo.

Alejandro

A tensão me consome, na próxima segunda feira é o grande dia da Operação Potifar. Estamos todos apreensivos, ainda mais depois que Malu possivelmente tenha visto Rosalyn rodeando o prédio da Carol.

Ajudo-as com as malas e as levo para o apartamento do André.

— Está tudo bem André? — Ao entrar em seu apartamento meu sexto sentido diz que algo não está certo.

— Claro, Alejandro. Apenas estou apreensivo, porque Carol agora também corre risco.

— Na verdade, eu não tenho certeza de que realmente vi Rosalyn, a pessoa parecia muito com ela, mas também posso ter me enganado.

— Como o seguro morreu de velho, acho melhor ficarem aqui, que é um local seguro.

Ainda estou achando o comportamento de André diferente. Encontrei-o pouquíssimas vezes desde a minha demissão, mas meu instinto nunca erra. Talvez ele não queira hóspedes no momento e viu-se forçado a receber a namorada e a amiga. Provavelmente é isso.

— Você está indo para a delegacia agora? — André pergunta, enquanto digita algo no celular.

— Não, é provável que eu apareça por lá só no fim da tarde. Estou em Home Office hoje.

— Ah que pena, ia pedir uma carona, preciso pegar minha moto na oficina que fica perto de lá.

— Mas o que aconteceu com sua moto?— Carol questiona-o.

— Nada demais, levei para trocar o óleo.

— Agora que me dei conta, o que o senhor está fazendo em casa essa hora? Não deveria estar trabalhando?

— Eu saí mais cedo para recebê-las, não posso fazer sala para minhas novas hóspedes?

— É claro que pode meu amor, mas não precisava. Eu tenho a chave, ia me virar e acomodar Malu. Já que você está aqui, cuide bem da minha amiga, vou voando para a drogaria, antes que a chefe me estrangule pelo atraso. Você saiu mais cedo e eu chegando atrasada, ela não vai gostar.

— Bom, eu também vou indo. Quer uma carona, Carol? O caminho para a drogaria é o mesmo para a minha casa, assim você não se atrasa tanto.

— Quero sim. Malu, qualquer coisa, entre em contato comigo, vou deixar o celular vibrando, escondido em minha cintura.

— Se a Beatriz descobrir vai te degolar. Não precisa fazer nada que possa prejudicá-la. Eu ligo para o Alê. Posso fazer isso se precisar, não é mesmo?

— Claro, Malu. Não precisa nem perguntar, estarei atento. Onde posso colocar a mala dela, André?

— No terceiro quarto, fim do corredor.

Sigo para lá e demoro tempo suficiente para deixar meu anel em cima da escrivaninha. Depois envio uma mensagem para ela.

— Vamos, então, Carol?

— Sim. — Ela se despede de Malu e André e juntos, saímos apressados do apartamento. — Sabe Alejandro, estou com um mal

pressentimento. Será que essa tal Rosalyn não nos seguiu?

— Eu dirigi até aqui compenetrado e não vi sinal de ninguém nos seguindo, mas curioso, também estou com um mal pressentimento. Não é que eu queira deixar você desconfiada do seu namorado, mas não acha que ele estava meio estranho?

— Eu não queria falar, mas achei mesmo que ele estava meio apreensivo. Será que eu e Malu estamos invadindo a privacidade dele? Quando liguei, não pensei nisso, mas agora, estou pensando exatamente que possa ser isso.

— Pode ser, quando você puder, conversa com ele. Se for demais para ele receber vocês por uns dias, dou um jeito de abrigá-las.

— Acho que ele está apenas com medo de que o pessoal que sequestrou a Malu possa aparecer no apartamento dele, mas hoje mesmo quando eu chegar, converso com ele.

— Chegamos, viu como você não se atrasou?

— Cheguei bem em cima da hora, que alívio. Obrigada Alejandro, espero que o exame de vocês seja compatível.

— Obrigado, Carol. Bom trabalho. — Despeço-me dela, envio a mensagem para Malu e obedeco o que meu instinto diz para eu fazer. Dou meia volta em direção a delegacia. Algo me diz que preciso ir para lá.



Chego a delegacia, pego alguns documentos. Não vejo nada de

anormal, apenas pessoas sendo interrogadas, outras querendo registrar um boletim, tudo dentro dos conformes.

Sigo para a sala do delegado para entregar meu relatório sobre a operação e escuto um pedaço da conversa.

— *Não se preocupe, jamais desconfiarão de mim.* — Eu conheço essa voz, e meu corpo gela ao constatar que é quem estou pensando — *Está tudo se encaminhando melhor do que a encomenda, agora vai ser até mais fácil de pegá-la, ela está em um local de fácil acesso.*— Preciso buscar Malu e farei isso agora. Dou meia volta e corro, espero que não seja tarde demais.

— Malu, sou eu. André está em casa?

— Não, ele saiu dizendo que ia buscar a moto.

— Então não abra a porta para ninguém, estou indo te buscar e vou te ligar. Avise ao porteiro para que eu possa subir. Só abra a porta quando eu te ligar, tudo bem?

— O que está acontecendo? Estou assustada, Alê.

— Não tenho tempo para explicar agora, já estou chegando. Coloque suas coisas de volta na mala, e não abra a porta para ninguém. Chegando te explico.

— Está bem, não demore.

Corro contra o tempo, subo quase sem fôlego, tamanha é minha apreensão. Posso estar fazendo uma tempestade por nada, mas não vou deixar que aconteça algo para que depois eu me arrependa. Ligo para Malu, quando chego a porta, ela abre e pula em meus braços, em prantos.

— Fala o que está acontecendo pelo amor de Deus! Coitada dessa criança em meu ventre, nem bem foi gerada e já está passando por tudo isso.

— Vamos logo, não posso perder tempo. No carro te conto o motivo de eu voltar com tanta pressa. Mas pode se acalmar, estou aqui para você.

Rapidamente saímos do prédio, e como o porteiro não estava na guarita, nem nos viu sair. Coloco o carro em movimento e começo a falar.

— Malu, pode se acalmar, você vai achar que sou um louco, mas meu instinto diz que ali não era o lugar mais seguro para você, por isso te busquei.

— O quê? Com que direito você me assusta, me tira de um local sem meu consentimento. Já imaginou se com o susto eu perdesse meu filho? — Uma Malu muito brava esbraveja comigo.

— Eu sei que estou errado, deveria ter pedido sua opinião, mas eu não erro Malu, quando desconfio de algo, pode apostar que estou certo. Você não deve revelar a ninguém sobre seu paradeiro.

— Isso inclui você? Porque agora estou com medo, você sugeriu que o apartamento do André seria um local seguro para nós e agora como um louco, busca-me às pressas e diz que lá não é mais seguro. Estou caçada desse jogo de esconde-esconde. Já chega, acho que essa tal Rosalyn nem vai mais me procurar, nem ter sido ela. Quero minha vida de volta e a terei.

— Confie em mim, Malu. Eu ouvi uma coisa na delegacia e pressinto que esteja ligada a você.

— Ah, você está me socorrendo apenas por suposições? E quem me garante que você não esteja neste exato momento me sequestrando ou me levando diretamente para a quadrilha?

— Quando foi que lhe dei motivos para não confiar em mim?

— Não deu, mas também, me aconselhou a não confiar em ninguém, e isso pode incluir você. Não sei mais o que pensar. Não entendo até hoje como e porque fui a escolhida deles.

— Vou te contar o que ouvi e você tira suas próprias conclusões, está bem? — Ela apenas balança a cabeça, mas quando começo a narrar o que ouvi, ela se apavora.

— Eles sabem onde encontrar a Carol. — Chorosa, fala.

— Carol não corre riscos, ela não é e nunca será um alvo para eles.

— E como você sabe?

— Simples, ela tem pais vivos e é totalmente maluquinha, eles não vão se atrever a mexer com ela. Se isso vier a acontecer, eles a devolvem rapidinho, vão ter mais dor de cabeça do que imaginam.

— Já eu, sou uma pobre coitada, sozinha nesse mundão. Quem vai sentir minha falta, não é?

— Eu vou, e moverei céu e terra, mas não vou deixar te sequestrarem outra vez. — Sinto que ela se acalma e proponho que ela se esconda e não conte nem para Carol o esconderijo.

— Mas não ficarei em paz sem saber notícias de Carol.

— Prometo te passar informações diárias sobre ela.

— Se ela quase surtou na primeira vez, imagina agora, que estou grávida?

— Escreva uma carta, dizendo que foi necessário você sumir um pouco, não comenta sobre nossas suspeitas, ainda vamos investigar. Diga que você precisava de um descanso desse maremoto que veio sobre sua vida, acredito que ela vá entender e ficar menos preocupada. Você também pode enviar cartas semanais, atualizando sobre a gestação.

— E para onde vai me levar? Sinto que vivo em prisão domiciliar sem nem ao menos ter cometido um crime.

— Isso vai passar Malu, você e o bebê precisam de sossego.

— Eu sei. Desculpa por desconfiar de você?

— Não precisa se desculpar, você tem todo o direito de pensar assim, é uma porrada atrás da outra. Prometo que em breve você poderá viver em paz e curtir seu filho.

— Obrigada por não desistir de mim, Alê.

— A partir de agora, pode contar comigo para sempre.

— Para sempre. — Deixo-a com seus pensamentos e saio da cidade, em busca de um lugar seguro para abrigá-la.



Capítulo 22

Fernando

Alejandro sumiu, desde sexta não o vejo, já tentei ligar inúmeras vezes, mas não o localizo, só dá caixa postal. Isso está me deixando preocupado, ele não é de sair sem avisar, nem mesmo seus pais sabem para onde ele foi.

Amanhã é o dia da Operação Potifar, eu não deveria ir, pois sei que é uma emboscada, mas vou pagar para ver. Preciso saber quem me quer fora de cena ou até mesmo quem seja o assassino de minha irmã. Recuso-me a acreditar que seja o delegado Mourão, que motivos ele teria? As peças não se encaixam.

— Quem pode ser? Não estou esperando ninguém. — Abro a porta e para minha surpresa, é o sumido.

— Quem é vivo, uma hora aparece, não é?

— Quando eu contar onde eu estava, você vai cair para trás.

— Alejandro, estou desde sexta sem notícias suas e você me aparece com joguinhos de charada? Vá direto ao ponto, estou sem paciência, essa operação está acabando comigo.

— Calma aí, também não sou o culpado para você vir descontando sua raiva em mim.

— Desculpe-me. — Passo a mão no rosto — Estou uma pilha de nervos, só gostaria que esse tumulto passasse logo, e eu pudesse ter de volta

minha mulher. Assim que isso acabar, vou me casar com ela, não vou esperar nem um dia a mais para marcarmos a data.

— Primeiro você vai ter que se rastejar para que ela te perdoe. — O safado ri e zomba de mim — Ela agora está focada na gravidez, este bebê deu uma enorme força para ela.

— E como estão meus diamantes preciosos? — Interesse-me por saber se ela está bem e fora de perigo. — Você estava com ela? — Fico enciumado só em pensar que Alejandro esteja recebendo a atenção que eu deveria receber.

— Sim, eu estava com ela. Levei-a para um lugar seguro, e nem mesmo para você posso contar.

— Uai, mas não foi você quem chegou dizendo que eu não ia acreditar onde você estava?

— Sim, posso dizer que eu estava em um lugar calmo e neste lugar, Malu vai estar em paz e segura.

— Mas aconteceu alguma coisa? Por que precisou levá-la para outro lugar? Tentaram entrar no apartamento de Carol?

Ele me conta sobre o exame de DNA e suas suspeitas.

— Eu acho que você está alucinando. Ele não tem esse perfil. Para de viajar.

— Pode até ser alucinação e que eu esteja errado, mas não vou pagar para ver, meu amigo. Malu se tornou muito importante para mim. — Bufo, de raiva e ciúmes — E pode ir controlando seu ciúme, do contrário, não vou deixar minha irmã namorar você, muito menos se casar.

— Deixa de ser idiota, Alê. Malu é maior de idade e pode responder

por si mesma sem a opinião de ninguém. E outra, você ainda nem tem certeza de que ela realmente seja sua irmã.

— Meu coração já sabe da verdade, e é isso que importa.

— Bom, então teremos que observá-lo bem de perto, se realmente tiver algum envolvimento com a quadrilha, não vai ser difícil descobrir. Ele não pode nem imaginar que você suspeita dele. Vou fazer uma visitinha hoje a tarde e observar de perto.

— Será que foi ele quem matou Taliane?

— Não quero nem imaginar essas coisas, porque se ele foi capaz disso, fez um excelente serviço.

— Ou teve a ajuda de alguém, né?

— Mas, quais motivos ele teria para matá-la?

— Eles eram amigos e bem próximos, talvez ela tenha descoberto algum segredo, escutou alguma conversa e para calar sua boca ele decidiu apagá-la.

— Faz sentido. Não consigo me lembrar se na época em que minha irmã foi morta, eles estavam tão próximos assim. Mas mamãe deve se lembrar de alguma coisa, ela tem detalhes marcantes do dia em que Taliane desapareceu. Sei que vou tocar em uma ferida aberta, mas será necessário. Se ele estiver envolvido, vou socar tanto a cara dele, que o deixarei desfigurado. Ele vai pedir pela morte, mas faço questão de mantê-lo bem vivo.

— Vai com calma, cara. Se começar a fazer perguntas demais, ele pode desconfiar.

— Você tem razão, eu sei, mas meu sangue está borbulhando só em imaginar essa hipótese. Não posso acreditar que ele possa estar por trás dessa

cachorrada. Isso está me deixando preocupado.

— O problema todo é que se ele desconfiar que suspeitamos dele, pode vir a fazer novas vítimas.

— Ou até mesmo desaparecer.

A campainha toca novamente, quem será dessa vez? Hoje é o dia das visitas inesperadas.

— Regina? O que faz aqui?

— Nossa, seu mau humor não passou ainda irmãozinho?

— Não estou de mal humor, só estranhei você aparecer em pleno domingo.

— Como sou uma boa irmã, decidi te raptar para um passeio. Você precisa relaxar um pouco. Ah, oi Alê, não tinha te visto.

— Oi Regi, como estão as coisas?

— Estou estudando como uma louca, mas eu mereço umas horinhas de relaxamento e vim busca esse ogro aqui para um passeio, bem que você também pode vir, né? Assim ele não tem como recusar.

— Ótima ideia, vamos sim.

— Responda somente por você, eu tenho outro compromisso.

— Lá vem ele com desculpas. — Regi cruza os braços, bufa e revira os olhos. Acho engraçada sua birra, mas se eu rir, ela me estapeia.

— Não são desculpas, minha querida irmã. Tenho mesmo um compromisso, e Alejandro pode confirmar.

— Pior que é verdade, ele estava me dispensando também. Mas eu posso lhe acompanhar sem problemas Regi, posso ser uma boa companhia,

até melhor do que seu irmão.

— Ah, mas sem sombra de dúvidas pode ser sim. Fernando anda todo cheio de segredos. — Olha-me avaliando-me atentamente em busca de uma resposta pela qual não posso dar — Vamos, então, Alê.

— Já que se acertaram, vamos sair todos juntos.

— E posso saber que compromisso tão importante é este que não pode adiar?

— Primeiro preciso ir a casa de André pegar uma jaqueta que o emprestei. E não posso te falar onde nem com quem é meu compromisso, é segredo.

— Você se tornou uma pessoa tão chata, meu irmão. Tenho pena de você quando acordar para a realidade, esse mundo em que você se esconde não é muito legal. — Já no elevador, ela me cutuca.

— Um dia você vai entender que tudo o que eu faço tem um fundamento. Os fins justificam os meios.

— Tudo bem, estou cansada de tentar te entender mesmo.

Calo-me, sei que depois ela e todos vão entender meus motivos.



Chego ao apartamento de André e subo sem ser anunciado, minha entrada é livre. Bato em sua porta e ele estranha minha visita.

— Olá Nando, está tudo bem?

— Claro, não posso fazer uma visita ao meu primo?

— Claro que pode, só estranhei porque você nunca aparece sem avisar.

— Posso entrar? — Arqueio uma sobrancelha.

— Claro, entre. — Ao chegar a sala me deparo com Carol chorando.

— Está tudo bem Carol?

— Não, não está nada bem. Malu desapareceu desde sexta feira, só me deixou uma carta dizendo que precisava de um tempo, pois não queria me colocar em riscos.

Finjo indiferença ao escutá-la falar de Malu.

— Ela provavelmente está bem, não se preocupe.

— Como não? Ela não tem ninguém por ela, para onde pode ter ido? E se ela foi sequestrada outra vez?

— Ela levou alguma coisa?

— A mala que trouxe quando fugimos para cá. — André aparenta impaciência.

— Então ela não foi sequestrada, que tipo de sequestradores arrumaria a mala da vítima.

— Realmente não faz sentido, eu falei com ela para se acalmar que logo Malu aparece. — André argumenta.

— Ela não teria para onde ir. — Carol esbraveja com o namorado.

— Quem sabe ela tem uma amiga que você não conheça? — Sugiro, mesmo sabendo que não. Nem mesmo Carol pode saber que Alejandro deixou minha Luizinha em um local seguro. Aliás, nem eu mesmo sei onde

ela possa estar.

— Nem sei por que estou conversando com você Fernando. Por um momento me esqueci de que você é uma das causas de minha melhor amiga estar tão triste ultimamente.

— Já eu não sei por que vocês insistem em dizer que eu e sua melhor amiga tivemos algo. — Reviro os olhos como minha irmã sempre faz.

— Homens são tão tolos. Quando meu afilhado ou afilhada nascer, vou fazer questão de pintar sua caveira — Espero que até lá eu tenha solucionado esse problema, preciso dar apoio a Luizinha e acompanhar o desenvolvimento do nosso filho

— Bom, não vou demorar aqui, desejo que sua amiga entre em contato com você e que ela esteja realmente bem.

— Até parece que você se importa. — Carol me dá as costas e sai em direção aos quartos batendo o pé.

— Mulheres, nunca as entenderei. — André gargalha.

— Aceita beber algo, Nando? — Oferece.

— Aceito um copo com água. — sigo-o em direção a cozinha. — Na verdade, passei aqui para pegar aquela jaqueta que te emprestei tempos atrás.

— Minha nossa! Que vergonha, peguei emprestada e jamais a devolvi. Deve estar empoeirada de tanto ficar guardada, vou enviar para a lavanderia e terça-feira peço que te entreguem.

— Não precisa, eu mesmo lavo. O bom é que minha máquina lava e seca, depois me viro para passar. Preciso usá-la amanhã cedo.

— Tudo bem, e me perdoa primo por não ter devolvido antes.

— Fica tranquilo André.

— Vou pegar para você, um instante, vou pegar e já volto.

André volta e estou mexendo em seus DVDs.

— Achou meu acervo de filmes, né? — Está nitidamente incomodado por eu estar fuçando suas coisas, mas tenta não demonstrar.

— Desculpe-me por invadir sua privacidade, mas como bem sabe, também coleciono filmes e meus olhos brilharam quando vi essa maravilha de prateleira, não resisti.

— Tudo bem, sei que você jamais estragaria um de meus bebês. Mas fiquei enciumado sim por ver você com um deles em mãos.— Dá de ombros — Aqui está sua jaqueta.

— Valeu, será que posso pegar este filme emprestado?

— Aí você está forçando a amizade. Este é meu favorito, não empresto. Farei o seguinte, compro um para você.

— Ah deixa para lá, tenho um compromisso agora inadiável, depois apareço e vejo o filme aqui com você, assim não precisa se preocupar se vou estragá-lo ou não. Mesmo sabendo que se tenho um cuidado extremo com minhas coisa, imagina com as coisas dos outros, né?

Pode ser. Que tal marcarmos para o próximo domingo, ou amanhã à noite?

— Pode ser amanhã, quanto antes eu puder assistir esse filme, melhor. Vou indo, antes que me atrase, não gosto de deixar as pessoas me esperando.

— Vá com Deus. Eu vou me desdobrar para acalmar Carol, coitadinha, ser abandonada pela melhor amiga não é fácil.

— Boa sorte. Até amanhã.



Capítulo 23

Malu

Não foi fácil aceitar me esconder na casa de uma pessoa estranha e que nem estava esperando por visitas. Mas estou me adaptando, dona Magnólia é um doce de pessoa, me aceitou em sua casa de braços abertos.

Em sua pequena fazenda, no interior de Minas Gerais, moram junto com ela, seu marido Antônio e seus três filhos, Alana com quinze anos, Frederico com dezessete e Alberto com dezoito. Frederico ajuda o pai no dia a dia tirando e vendendo o leite, cuidando da alimentação dos poucos animais — quatro vacas, dois bezerros, um touro, três cavalos, um casal de porcos com seis lindos filhotinhos, algumas galinhas e um galo — Eles tem uma boa condição financeira, mas pelo que vejo, gostam de lidar diretamente com os animais. E dona Magnólia, embora tenha ajuda, mas adora ficar na cozinha fazendo quitandas.

— Estar aqui me trouxe uma paz que a muito tempo eu não sentia.— enquanto os homens estão ocupados cuidando dos animais, estou sentada a mesa observando Alana e sua mãe enrolando alguns pãezinhos. — Estava mesmo precisando desse descanso.

— Ouvi o primo Alejandro falando que você precisava se esconder de algumas pessoas, será que virão a sua procura?

— Alana! Deixa de ser enxerida. — Dona Magnólia ralha com ela — E desde quando você fica ouvindo conversa de adultos por trás da porta? Não é assunto para criança.

— Já sou uma mocinha mamãe, e não escutei atrás da porta. Não tenho culpa se falaram alto. Escutei por acaso.— Dá de ombros.

— E já que escutou por acaso, não deveria estar comentando, é falta de educação.

— Acho que é bom eu contar o que aconteceu comigo dona Magnólia, assim Alana não corre o risco de cair na mesma armadilha que eu.
— Os olhos da garota brilham.

— Se for demais para você, querida, não precisa falar.

— Estou bem, e falar é até bom. Então, na saída do metrô recebi um panfleto prometendo um emprego dos sonhos — resumi boa parte do ocorrido, queria alertar a garota, mas sem traumatizá-la — e foi assim que acabei sendo perseguida por essa quadrilha e desde então, não tenho paz para ir nem na esquina.

— Minha nossa! Andei uma vez só de metrô, em Belo Horizonte, quando fui visitar os tios na cidade. Detestei, e é agora que não vou gostar mesmo, imagina se acontece comigo? Eu amo a vidinha que levo aqui no interior. As águas são limpas e posso nadar, os rios da cidade são sujos e poluídos, ir à cidade me fez dar valor as pequenas coisinhas que temos aqui. Só volto lá se passar na Federal, mas será por uma boa causa, vou estudar e ajudar papai aqui na fazenda.

— Que bom ouvir você falando isso, parece ser bem mais velha do que é.

— Minha filha é um orgulho, estudiosa, me ajuda nos afazeres da casa e ainda é obediente. Aliás, todos os meus filhos são.

— Quando quiser, podemos dar uma volta pelas redondezas ou até mesmo posso te levar para conhecer a cidade, não é grande como a sua, mas

garanto que vai gostar.

— Vou querer conhecer sim, mas vamos deixar para quando não tiver nada para fazer, não quero atrapalhar.

— Imagina Maria Luíza, será um enorme prazer poder te apresentar para minhas amigas.

— Amanhã a Alana tem o dia livre para passear, sendo assim não irá atrapalhar em nada, não é mesmo minha filha?

— Claro mamãe, já vou avisar as meninas, assim podemos planejar onde é melhor irmos primeiro, quero poder mostrar tudo o que gosto.

Apesar de ser bem nova, Alana é bem madura. Na sua idade eu ainda tinha minha mãe.

— Por que ficou triste de repente? Falei algo que te chateou?

— Não. — com os olhos marejados, falo — Em sua idade eu ainda tinha minha mãe, era feliz e não sabia. Mas um ano depois ela adoeceu, morei em abrigos, fui humilhada e disse a mim mesma que daria a volta por cima. Mas o destino tem outros planos para mim. Talvez eu esteja predestinada a não ser feliz.

— Deixa de bobagem Maria Luíza, algumas coisas acontecem para nos dar forças, e veja só o quanto é forte?

— Podem me chamar de Malu, gente. E senhora tem mesmo razão, eu sou mesmo uma pessoa forte, passei por maus bocados e permaneço de pé. Muitas pessoas em meu lugar já teriam desistido de viver, já eu, quanto mais tentam me derrubar, mais vontade de viver eu tenho.

— É assim que se fala garota, amanhã faremos um tour pela cidade. Você vai gostar tanto daqui que quando voltar para cidade grande vai

estranhar.

— Já estou gostando tanto que nem quero mais voltar para lá. Se eu pudesse, ficaria aqui para sempre.

— E por mim pode ficar o tempo que quiser, minha casa é sua casa.

— Muito obrigada dona Magnólia, e para recompensá-la quero aprender fazer esses quitutes e assim diminuir o tempo de vocês na cozinha.

— Será um prazer ensiná-la, mas não pense que vou fazê-la minha empregada, de jeito nenhum, aqui você é minha hóspede.

Aprendo a enrolar os pãezinhos e adoro ajudar as duas. As horas passam tão rápido que não vejo. Estar em um lugar que transmita paz não tem preço. Quando Alejandro vier me buscar nem saberei como agradecer.



Alana e eu saímos bem cedo, ela não quer perder a feira que acontece sempre aos domingos.

— Não é como as lojas que você está acostumada, mas garanto que vai gostar.

— Só para constar, frequento as lojas dos shoppings porque sou obrigada. Só vou quando minha melhor amiga me obriga, se você a conhecesse ia adorar seu jeito maluquinha.

— De maluca já basta eu. — Alana sorri — Olha lá minhas amigas, vou apresentá-las a você. — Chegamos mais perto — Oi Alice e Melissa,

tudo bem?

— Até que enfim chegou Alana, já estava pensando que não viria.

— Imagina só se eu ia perder meu melhor programa de domingo? Deixe-me apresentar minha prima, Maria Luiza a vocês. Falando nisso, você se parece muito com meu primo Alejandro. — A garota me analisa com o dedo no queixo enquanto suas amigas me cumprimentam com abraços calorosos.

A desconfiança de Alana passa rápido, no instante em que suas amigas começam a falar sem parar o que querem comprar, papo de adolescente. Até isso o destino me tirou, na adolescência. Não tive amigas, pelo contrário, as outras garotas dos abrigos pareciam me odiar, me chamavam de patricinha mimada sem nem me conhecerem.

Fui me retraindo tanto que cheguei a um ponto que não conseguia nem mais conversar com ninguém, até começar a trabalhar na drogaria e conhecer Carol, que conseguiu me cativar instantaneamente, nossa amizade é coisa de alma.

Falando em Carol, vou aproveitar e ligar meu celular, se der rede ligo para ela. Demora um pouco, mas dá sinal. A primeira coisa que faço é desligar minha localização, assim ninguém consegue me rastrear.

— Oi Kera, — Afasto-me das garotas para ter privacidade com Carol — Não fale meu nome em hipótese alguma.

— Sua maluca, por que fugiu sem me avisar?

— Shiii, fala baixo, não é bom que nem mesmo André saiba que estou te ligando.

— Ele não está aqui, foi jogar bola com os amigos. Agora pode ir falando onde está que vou te buscar.

— Não posso, colocaria você em perigo. Só te peço pelo amor de Deus que não comente nem mesmo com André que entrei em contato com você, prometa para mim que você vai ficar com os olhos bem abertos e não vai confiar em ninguém.

— Estou magoada com você, mas sou uma amiga fiel, nem mesmo meu namorado saberá que você me ligou, mas saiba que vou tentar te rastrear e vou te encontrar.

— Só liguei para dizer que estou bem, não se preocupe, assim que possível entro em contato com você de novo.

— Só me responde uma coisa.

— Se eu puder, respondo.

— Você descobriu algo e por isso fugiu. André, Fernando ou Alejandro estão no meio?

— Não. Eu não descobri nada, mas por instinto, alguém me tirou de cena por medo de afetar a gravidez, mas enquanto não souberem de mim, não irão me procurar. Como amo muito você, precisava te acalmar.

— Não estou totalmente convencida, mas tudo bem. Só em saber que você e nosso bebê estão bem, já me deixa bem mais calma.

— Preciso ir, amo você minha irmã de alma.

— Beijos, também amo você. — É claro que estou chorando, né? Nem posso dizer que são os hormônios — E moça, faz favor de verificar antes de me importunar outra vez, já falei que não tem nenhuma Luana aqui, que saco!

Eita, aposto que André está de volta, desligo o aparelho e o coloco na bolsa.

Depois de visitar a feira, conhecer a praça e a lagoa com patos na cidadezinha, voltamos para casa ainda em tempo de almoçar.

Agora estou ainda mais leve. Só de saber que minha amiga está tranquila, fico em paz. Aposto que ela como sempre, deu uma surtada de leve e insistiu que tinha que me encontrar a qualquer custo.

Imagino até a cena, o choro e André se descabelando sem saber o que fazer.

Carol

Muito estranho, Malu me liga pela manhã, e à tarde o traste do Fernando aparecer. Será que meu aparelho está sendo rastreado? Como ela pediu que eu não confie em ninguém, meu radar está ligado. Até mesmo André me causa desconfiança.

Quando ela desapareceu, era para meu namorado estar em casa, mas por algum motivo, ele foi buscar a moto e demorou mais do que deveria.

Alguém veio socorrê-la, e é alguém conhecido, pois ela liberou a entrada. André pode tê-la levado para outro lugar, e não me disse nada para me resguardar, talvez ele pense que se eu estiver com Malu e alguém aparecer para sequestrá-la possam me levar junto.

Mas por qual motivo ela pediria para eu não comentar nem com ele? Será que neste angu tem carçoço? Prefiro acreditar que é apenas paranoia de minha cabeça.

Alejandro sugeriu que nos abrigássemos aqui no apartamento de André, e ele era o único que sabia do nosso paradeiro, além de André, é claro. Mais um suspeito para minha lista que possa ter tentado fazer mal a ela ou até mesmo fazer parte da quadrilha.

E agora, Fernando brota aqui do nada, pelo que bem entendi, faz tempo que ele não aparecia, e agora vem com papo de que precisa da jaqueta que emprestou ao André. Conversa fiada. Este eu suspeito que seja o que queira fazer mal a ela, afinal de contas ela está grávida e ele talvez não queira pagar pensão do filho, nunca se sabe, né?

— Carol, você precisa relaxar um pouco, meu amor. Vamos conseguir achar a Malu, não sei como, mas vamos.

— Ah meu amor, sinto tanta falta dela — choramingo — se você soubesse onde ela está, me contaria?

— Mas é claro. Encontrar Malu também é de meu interesse, Carol.

— Ah é mesmo, e por quê?

— Como por quê? Se eu a encontro, sua fúria passa em um piscar de olhos. Assim consigo ter de volta minha namorada.

— Não estou legal, acho que vou voltar para meu apartamento.

— Eu não vou deixar, como ficarei tranquilo sabendo que você corre riscos estando sozinha lá?

— Relaxa, os bandidos não querem a mim e sim a Malu. Mas e se te sequestram para chantagear sua amiga? É uma hipótese, né?

— Não acho que fariam isso. — Olho bem em seus olhos a procura de algo, mas vejo que ele realmente parece preocupado.

— Por favor, fica meu amor. Prometo te fazer uma massagem relaxante. Se amanhã você acordar com essa ideia fixa, prometo te apoiar, mesmo não concordando. Mas suas escolhas serão aceitas.

— Tudo bem, só fico por causa da massagem.



Capítulo 24

Fernando

Acordo sobressaltado com o celular tocando.

— Quem pode ser a essa hora? — Olho para a escrivaninha ao lado da cama e constato que são duas e meia da manhã, ainda teria pelo menos mais uma hora e meia de sono pela frente. — Alô. — Decido por atender, ao constatar que se trata do delegado Mourão.

— Olá Fernando, desculpe-me por está te ligando a essa hora, mas liguei porque o assunto é sério. — Já desperto, com a adrenalina correndo nas veias, escuto-o sem interrupções. — Preciso falar com você e não pode ser por telefone.

— Mas precisa ser a essa hora? — Meu sentido de alerta se faz presente — Não pode ser antes da operação quando chegarmos na delegacia?

— É justamente sobre a operação, há algo acontecendo e você precisa estar a par. Não posso deixar um dos meus melhores homens sem informação.

— Ok, onde você está, vou até você. — Algo me diz que não posso confiar nem mesmo no meu superior.

— Estou na portaria do seu prédio, Alejandro, Wesley e Pietro estão comigo. — Como assim?

— Alejandro tem acesso livre ao meu apartamento, por qual motivo ele não subiu e trouxe vocês aqui a essa hora da madrugada?

— É sobre minha presença aqui que precisamos conversar pessoalmente, sei que para você todos nós somos suspeitos, mas nunca em todos esses anos que trabalhamos juntos dei motivos para que desconfiasse de mim.

— Está certo, deixa eu falar com a Alejandro — Se for uma emboscada não terei como me defender, mas pelo menos tenho que me certificar de que meu amigo está mesmo com ele antes de autorizar que suba.

— Nando, não se preocupe, estamos todos do seu lado. Vamos subir e colocar todos os pingos no is.

— Ok, confio plenamente em você Alejandro, sei que não irá me decepcionar.

Os minutos que antecedem a chegada deles parecem horas, uma crise de ansiedade insiste em aparecer e tento mandá-la para o espaço.

Abro a porta e vejo que estão com as roupas habituais para uma operação.

— Vocês já estão prontos?

— Sim, estamos prontos para resgatá-lo antes que o pior aconteça. — O delegado Mourão fala entrando em minha sala.

— Posso saber o que está acontecendo?

— É exatamente por isso que estamos aqui. — Wesley comenta e me dou conta de que falta alguém.

— Onde está o Jhony? Ele não faz parte da equipe?

— Como eu disse, meu dossiê está pronto, mas naquele dia em que estivemos aqui era um teste. Os documentos verdadeiros estavam guardados a sete chaves. Eu precisava fazer com que todos acreditassem que quem

estava por trás de toda trama era o delegado Mourão — Pietro se senta em meu sofá abrindo uma pasta de couro sobre a mesa de centro.

— Não entendo por que tantas voltas. — Os outros permanecem calados enquanto Pietro prossegue.

— O dossiê da morte de Carla é real, o inquérito está concluído, estamos prestes a realizar as prisões, mas você vai cair de costas quando descobri que no nosso meio há um traidor, eu já andava desconfiado de suas atitudes, quando o delegado precisa se ausentar da delegacia, ele sempre quer dar as ordens, como se fosse o próprio delegado responsável pela DP.

— Jhony! — esbravejo e soco o encosto do sofá — Sempre achei que aquele jeito arrogante era apenas um traço de sua personalidade. Então ele veio aqui para sondar se um de nós tinha desconfiança dele. Cretino! Por que nunca desconfiei desse filho sem mãe?

— Talvez porque você estivesse tão focado em acreditar que Mourão fosse seu vilão. - Pietro comenta.

— Não é só isso, minhas investigações apontavam para Mourão. E muitas vezes Jhony foi minha dupla em operações, certa vez quase fui baleado, era para ele me dar cobertura, mas por um descuido, fiquei à mercê. Por sorte, não me acertaram. Agora sei que foi planejado por aquele mequetrefe.

— É bem provável que ele tenha planejado essa tentativa e outras de assassinato. O que não entendo ainda é por que ele simplesmente não tenha te executado nessas mesmas operações?

— Ele é muito esperto, quantos anos faz que Tali morreu e ele ainda não foi descoberto? — Alejandro comenta — Lembra quando te contei do meu suspeito? — Apenas balanço a cabeça, andando de um lado para o outro,

sem acreditar que um agente da polícia civil possa estar no meio da morte de minha irmã e ainda pode ter ligação com uma quadrilha que trafica pessoas. — Então, eu imaginei que quem estaria na sala era o próprio delegado, mas Pietro me confirmou que ambos teriam saído para investigar um assassinato ocorrido naquela tarde.

— Ele vem usando minha sala há algum tempo, por duas ou três vezes o encontrei lá, mas ele se acha tão esperto que pensava que eu caía em suas desculpas.

— Se eu pudesse, matava esse homem. Custa a acreditar que ele tenha feito mal a minha irmã. Agora o quebra cabeça se encaixa, na época em que Taliane morreu, Jhony frequentou a casa de meus pais algumas vezes. — Coço a cabeça — E fui eu a levá-lo até lá. Jamais me perdoarei.

— Não se martirize meu rapaz. — Mourão tenta me consolar — Se não fosse você a apresentá-lo a sua irmã, ele o teria feito de qualquer maneira, o outro suspeito, digo suspeito, pois ainda não temos a certeza da sua ligação, mas tudo indica que ele possa sim ser um dos integrantes da quadrilha, teria levado sua irmã para a morte, ela provavelmente descobriu algo sujo e ele queria calá-la.

— Eu juro, que vou vingar a morte de minha irmã. É por isso que minha investigação não ia para a frente. Jhony me observava de perto. Ele precisa pagar por isso.

— E é por isso que inventei essa operação, na verdade ela vai acontecer, mas não da forma que ele imagina. — Mourão explica — Ele sabe que você provavelmente não irá, ideia brilhante dos garotos. Como imagina que você estará em casa "sozinho" e provavelmente tem passe livre aqui, virá para te matar. Quem suspeitaria dele, não é mesmo? Provavelmente daria um jeito de te tirar daqui e no caminho te executaria.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas Mourão, puxa vida! Desconfiei do meu superior, você deveria estar com raiva de mim e não me salvando.

— Eu te entendo perfeitamente Fernando, em sua posição é natural que desconfie de todos, ainda mais que eu andava cheio de mistério. Não podia te falar antes da hora, poderia colocar tudo a perder.

— Você tem razão. Preciso me acalmar. — Sigo para a cozinha — E nada melhor que um café para isso.

— Nada disso! Precisamos sair daqui antes que Jhony ou seu comparsa resolvam aparecer.

— Mas...

— Sem mas, Fernando. Não seja cabeça dura, pelo menos agora. Vá se trocar, sua vida está em perigo, rapaz. — Alejandro me empurra para o corredor de acesso aos quartos — Não vou perder meu melhor amigo, pelo menos não hoje.

— Ok! Vou me trocar, mas não ficarei de fora da operação, como pensam. Como sei quem quer me ferir, estarei a um passo a frente.

— Ah, quanto a investigação da quadrilha de tráfico humano, não nos pertence mais, como é uma operação internacional, é de competência da federal. O que tínhamos que fazer, foi feito. Cogitam até inserir Maria Luíza no programa de proteção.

— Isso seria bom, mas sou um puto de um egoísta, não saberei viver longe dela.

— Ela está segura, garanto que ninguém a encontrará.

— Você foi muito esperto e competente Alejandro. Não terei como

agradecê-lo da forma que merece.

— Pague protegendo a si mesmo e não bancando o herói.

— Certo. — Troco minha roupa e volto para sala.

— Muito bem, já desperdiçamos tempo demais aqui. — Mourão fala
— Precisamos partir neste instante.

Sáimos na calada da madrugada no carro do delegado, o único blindado. Estou tão revoltado comigo, não acredito que falhei por várias vezes, como irmão — não consegui proteger Taliane —, como namorado — não consegui cuidar da Luizinha — e como profissional, foi minha pior falha — não consegui solucionar a investigação de um crime e ainda me enfiei em uma armadilha.

Meu telefone toca mais uma vez — Hoje é o dia de surpresas? — Mostro o visor e atendo em seguida no viva voz. Mourão estaciona o carro para que não dê na cara que estou na rua.

— Alô? — Finjo que acabei de acordar. — Aconteceu alguma coisa?

— Cara, preciso de sua ajuda e de conselhos, sei que ainda é madrugada, mas ainda não preguei os olhos. Briguei com minha namorada e estou prestes a cometer uma loucura.

— Onde você está, não faça nada que possa vir a se arrepender depois.

— Estou dirigindo pelas ruas, mas me lembrei de que você é um excelente conselheiro, sempre me ajuda orientando sobre o que fazer e me acalma. O que faço?

— Volte para casa, estou indo para lá. — Escuto um suspiro, é provável que estar em seu território seja melhor para ele, mas o que ele não

sabe é que eu já sei que ele possa ser o assassino de minha irmã.

— Certo, me encontre dentro de meia hora. — Desligo, arquitetando tudo.

— Você perdeu o juízo, não é mesmo? Ir até o apartamento dele pode colocar tudo a perder.

— Não perdi o juízo, se ele me quer por perto, que seja.

— Não temos tempo de conseguir um mandato para adentrar ao local, se você for estará sozinho e desprotegido.

— Não, Alejandro sobe comigo, vocês ficam em frente ao prédio. Acredito que ele não tentará me executar em seu apartamento, foram muito espertos e conseguiram por anos esconder provas que os incriminavam, por que justo agora iriam se entregar? Se eu morrer em seu apartamento, com toda certeza ele será intimado e com isso, vão descobrir todos os seus segredos.

— Não estou gostando disso, mas não posso impedi-lo. Você é responsável por suas escolhas. — Mourão comenta.— Queremos protegê-lo, mas não podemos forçá-lo.

— Vai dar tudo certo, fiquem tranquilos. Antes, alguém pode entrar em contato com Carol? Não pode ser eu. Se ele estiver com ela, com certeza pode desconfiar. Quero saber se ela está bem.

Wesley faz a ligação, e como eu já previa, o telefone vai direto para a caixa postal. Espero que ele não tenha feito nem um mal a ela.

— Pietro, vou te ligar e guardar o celular no bolso, assim vocês poderão escutar toda a conversa.

Quando o carro para em frente a portaria, me identifico e tenho a

entrada liberada. Alejandro sobe comigo, mas permanece escondido no corredor, vai me dar cobertura caso seja necessário. Mantenho a porta destrancada e entro, o medo do desconhecido me dá forças.

— Meu Deus! — A sala está uma zona — O que aconteceu aqui? Parece um campo de guerra.

— Carol surtou e saiu quebrando minhas coisas — Vejo DVDs espalhados, papéis e tantas outras coisas.

— Mas por qual motivo ela surtaria? Não compreendo.

— Tudo por causa da vagabunda da melhor amiga — controlo-me, ainda não posso revelar o que sei sobre ele.

— Mas só por que ela resolveu dar um passeio?

— Como tem tanta certeza de ela está passeando? — André está completamente alterado.

— É típico de garotas mimadas, que estão acostumadas com tudo. Gostam de fazer charme.

— É provável que tenha "sumido" para que você a procure. — Sorri, mas agora consigo ver e sentir a má pessoa que ele é.

— Depois que Carol fez tudo isso, para onde ela foi? —questiono, com as mãos geladas, imaginando o pior. Não lhe dou as costas.

— Não faço a mínima ideia. — Meu primo digita algo no celular, fico atento as sua postura corporal, ela pode dizer muitas coisas.

Continuo analisando a cena, posso encontrar algumas pistas aqui. Sei que Carol não surtou, ela provavelmente descobriu algo. Deus queira que não seja tarde e que ela esteja bem.

— Posso usar o banheiro?

— Claro, você sabe onde fica. — Faz um meneio de cabeça indicando o corredor.

Sigo para os quartos, preciso verificar se Carol está aqui e viva. Encontro-a amarrada e amordaçada no banheiro da suíte.

— Shiii, não grite, estou aqui para te socorrer. Já imagino que você tenha descoberto algo. — Os olhos de Carol estão banhados em lágrimas, há manchas roxas por seu corpo — Cretino! Vou fazê-lo pagar por isso também.

Desamarro-a e a levanto.

— Consegue andar.

— Sim, como saberei se você não está do lado dele? — Desconfiada recua, mas não grita.

— Pelo simples fato de que eu não perdi a memória coisa nenhuma, só fiz isso para proteger minha Luizinha.

— Bem que eu desconfiei, ainda mais depois que ela desapareceu. Ela está bem, né? Ou esse canalha fez algo com ela?

— Ela está em um local seguro. — Vejo alívio em seu rosto. Pego meu celular e converso com Pietro — Preciso que acione a polícia militar, já que não podemos agir diretamente. Tem uma vítima um tanto machucada, ah e sigam para a outra operação sem mim. O outro suspeito não pode fugir.

— Mas e você?

— Eu já tenho meu plano formado, continuem me escutando para o caso de eu precisar de reforços. — Guardo meu aparelho no bolso. — Não saia deste quarto enquanto eu não autorizar, entendeu Carol? — Ela confirma, mas seu olhar não é de quem vai obedecer. — Eu também não sabia dessa duplicidade de caráter do meu primo.

— Cuidado, ele está armado. — Saio do quarto e volto para a sala.

— Está com dor de barriga primo? — André faz graça, mas não sorrio — Demorou no banheiro. — Minha vontade é de partir para cima dele e fazê-lo pagar pelos roxos no corpo de Carol.

— Não, estou bem. Você me chamou por qual motivo? Vai ficar aí no celular? Por que eu preciso trabalhar ainda hoje. — Espero que ele guarde o celular, mantenho a distância, atento como uma águia.

— Sabe primo, tenho um segredinho para te contar, mas vou precisar da ajuda de um amigo, ele tem mais informações sobre este segredinho.

Travo o maxilar, bem que Mourão tinha razão. O plano do Jhony era me tirar de casa, quem melhor que meu primo para fazer isso?

— Tudo bem, apesar de curioso, posso esperar. — Preciso me manter frio, já sei o que vem pela frente. Ainda bem que mantive a ligação com Pierre, assim eles saberão que possivelmente Jhony está a caminho. Poderão pegá-lo em flagrante.

— Por que não se senta um pouco, suas pernas não doem?

— Estou tão acostumado a ficar em pé que nem percebo. — André se senta em uma poltrona, ficando assim de costas para o corredor, como ele está sentado, dirijo-me para o sofá em sua frente, de modo que caso precise, consigo me defender.

Dou graças a Deus que ele está de costas para o corredor, a maluca da Carol vem a passos lentos e suaves, com uma cara de quem está disposta a matar, acerta-lhe a cabeça com um sapato. Antes que ele reaja, sou ágil e consigo algemá-lo. Carol aproveita e continua socando e gritando. Em meio a essa confusão Alejandro entra, assustado com a arma em punho.

— Devo separá-lo? — Alejandro guarda a arma no coldre.

— E perder a melhor parte? É Claro que não. — Dou meu melhor sorriso sacana. — Vamos assistir.

— Vocês me pagam, não sabem com quem mexeram. — André vocifera sem conseguir se defender.

— Você é quem vai pagar por tudo, seu cretino ordinário. Como eu pude me relacionar com uma pessoa tão baixa como você?

— Até que você é gostosinha, Carol. Pelo menos o sacrifício valeu a pena.

— Ah é mesmo, vai valer a pena quando eu enfiar este salto em sua garganta.

— Carol, isso não! Pode bater à vontade, mas não faça algo que vá te prejudicar. — Tomo o sapato de sua mão.

— Acho que você tem razão Fernando. Não vou sujar minhas mãos com esse lixo, não compensa usar meu réu primário em alguém insignificante. — Cospe na cara dele.

— Vocês estão fodidos, invasão de domicílio é crime. Não ficarei preso.

— Não invadi nada meu querido, foi você quem me ligou em plena madrugada e praticamente implorou para me encontrar, ou já se esqueceu?

— Vai ser minha palavra contra a sua. Para sua maluca! — Carol continua chutando as costelas dele. — Eu deveria ter te matado quando tive a chance, mas saiba que vou fazer exatamente isso assim que eu estiver livre.

— Não se esqueça que aqui têm duas testemunhas a favor da Carol, hein? E só o fato de ter sua chamada salva em meu celular e no seu, serão provas suficientes.

— Você já está desconfiado, né?— Carol afasta-se e presta atenção em alerta.

— Desconfiado de quê, posso saber? — Aproximo-me e o coloco de frente. Tento ganhar tempo para que ele fale sobre os crimes cometidos.

— Não se faça de besta, é provável que saiba que te trouxe até aqui para te executar, priminho querido. — Sorri, sarcástico. — Você é tão idiota primo, que caiu em minha teia, veio direto para o covil das cobras, não perde por esperar.

Sorrio, aproximando-me ainda mais, tento permanecer frio e calculista, porque se eu me alterar, vou acabar com a vida dele aqui mesmo, e isso está fora de cogitação. Ele precisa confessar os crimes, os motivos e entregar o restante da quadrilha, para que a federal cumpra os mandatos de prisão o quanto antes.

— Quem caiu na teia foi você mesmo, eu já sei de tudo, inclusive que você planejou e orquestrou o possível sequestro de Maria Luíza desde o atentado no metrô, mas Deus foi tão generoso com ela, e justamente naquele dia, eu estava à pé, tive que voltar para casa de metrô, coisa que acontece uma vez em um milhão. — André perde a cor e a fala, ele ainda não sabe que desconfio de que ele esteja por trás da morte de minha irmã — O que não entendo é por quê? Um rapaz de boa família, bonito, os pais sempre deram de tudo. O que mais você precisava? Como foi se envolver com o crápula do Jhony e a troco do quê?

— Hum, sempre te invejei, já que é para contar, que seja, não tenho mais nada a perder, mesmo. — Dá de ombros — Quando éramos crianças, nosso avô nunca escondeu que você era o preferido, apesar de nossa diferença de idade ser bem pouca, ele nunca me deu a mesma atenção que dava a você. Depois Taliane nasceu e fui deixado ainda mais de lado. Você

sempre mostrava as coisas que o vovô te dava, e eu? Sempre chupando os dedos e ficando com suas migalhas. Nem um abraço ganhava do velho.

— Não acredito que tudo se baseia em algo que aconteceu há tanto tempo? Você é doente por carregar um ódio dentro de você que nem sequer me pertence. Eu nunca pedi que o vovô me desse atenção e te deixasse de lado, pelo contrário, eu sempre te incluía em tudo, pedia a ele para comprar a mesma coisa para nós dois.

— E é aí que está, você pedia e não ele era espontâneo para me dar. Se você não existisse, talvez as coisas fossem diferentes. — Olha-me e dá uma risada debochada— Lembra quando você tropeçou na escada? — Continua sorrindo, maquiavélico. Aparenta prazer ao falar — Não foi sem querer, eu te empurrei porque quis, foi proposital, foi a primeira tentativa de homicídio e foi a coisa mais deliciosa da minha vida, você já matou alguém ou algum ser vivo? — Não respondo, controlando-me, ele prossegue — É libertador, mas você não morreu, infelizmente. Então passei a matar seus animais, e cara, adorava ver seu sofrimento. Entendi que atingir você diretamente seria melhor, porque poderia acompanhar seu sofrimento, vibrar de emoção e fingir que sentia o mesmo que você era maravilhoso. Depois eu sorria tanto que me dava até crise de soluço.

— Continue André. — Estou fervendo de ódio, meus punhos estão cerrados, meu corpo tenso. — Eu não entendia o porquê de todos os animais que eu ganhava ou comprava, apareciam mortos, era só eu pegar amor por eles e pluft, misteriosamente eles apareciam sem vida. Tanto que deixei de ter bichos de estimação há anos, achava que eu é que não sabia cuidar bem.

O interfone toca e todos ficamos em alerta, peço Carol para atender, pode ser a polícia.

— Sua casa vai cair primo, deve ser meu comparsa, você e esse

lambedor aí — se refere ao Alejandro — vão se arrepender amargamente por terem se metido em meu caminho.

— É a polícia, autorizei a entrada. — Carol volta para a sala — Quem os chamou?

— Alguém provavelmente fez uma denúncia anônima. — Sugiro.

— E vai ser agora que serei solto — A risada de André está me incomodando, não consigo acreditar ainda que ele é este ser tão mal, como nunca percebi? — Ah primo, eu sempre quis te imitar, até entramos na faculdade juntos, mesmo curso, lembra? — Não espera por respostas e prossegue — Mas foi quando um amigo me falou que sendo farmacêutico seria mais lucrativo, mudei de curso na hora.

— Além de assassino você também usa suas habilidades para o tráfico de drogas? Francamente, é uma surpresa atrás da outra.

— Só estou te contando por que sei que não serei preso, não deixo rastro, então não há provas. — A polícia chega ao andar e Alejandro atende a porta.

— Pode até não ser preso ainda por outros crimes cometidos, mas vai ser preso por cárcere privado, lesão corporal e tentativa de homicídio contra Carol, Maria da Penha e tentativa de feminicídio. — Os policiais escutam essa última parte.

— Vocês não podem entrar em minha casa sem um mandato. Tem algum? Então me mostre. — O policial não se altera, provavelmente deve ter ouvido a mesma frase repetidas vezes.

— Fomos autorizados pela vítima, é o suficiente. — Conversam com Carol e por ter bem mais, orienta a sermos todos encaminhados para a delegacia de plantão.

— Sou um cidadão de bem, não posso ser conduzido dessa forma!

— Cale-se, pelo que entendi, você terá uma longa conversa com o delegado. — O policial debocha de André.



Capítulo 25

Fernando

— Carol, pegue suas coisas, vou te acompanhar na delegacia e depois também, é muito arriscado te deixar sozinha. — Putz, esqueci que estou sem carro, pego o telefone — Ainda está aí Pietro?

— Claro, e não se preocupe, estou com um carro aqui para conduzi-los. Ah, gravei tudo, assim ele não pode dizer que você entrou sem ser convidado.

— Não esperava menos de você. — Dessa vez desligo o aparelho, ajudo Carol a pegar seus pertences e saímos juntos com a polícia militar do apartamento de André, não sei como farei, mas infelizmente serei eu o portador da má notícia à família. — Vai ficar tudo bem. — Afago os cabelos de Carol e ela se permite chorar de alívio.

Já no carro ela relata como desconfiou de André.

— Malu me ligou ontem pela manhã.

— O quê? Falei para ela não entrar em contato com absolutamente ninguém. — Alejandro fica indignado.

— Ela falou que poderia ser burrice por estar se expondo, mas bem lá no fundo eu sabia que ela queria me falar algo, então fui investigar.

— Quando apareci na casa de André ontem, foi para ver se descobria algo também.

— Eu cheguei a pensar que você estava envolvido com André. —

Carol comenta, um pouco pensativa.

— Morri mil vezes por fingir que não sinto nada pela Luizinha.

— E você conseguiu convencer até mesmo eu. — Dá um risinho fraco.

— Espero que ela entenda que tudo o que fiz foi por amor e medo de perdê-la.

— Ela entenderá, prometo te ajudar se for preciso.

— Obrigado, Carol. — Aperto sua mão — Conte como teve certeza de que André não é que ele dizia ser. — Alejandro e Pietro apenas escutam.

— Quando ele não deixou que você levasse aquele DVD, algo me disse que eu encontraria o que procurava bem ali.

— Eu também senti a mesma coisa, mas não tive tempo, ele voltou com minha jaqueta antes que eu pudesse abrir o DVD. Conseguiu o quê?

— Na verdade, eu não consegui nenhuma prova, mas como ele se enfureceu ao me encontrar mexendo nos preciosos dele, eu soube da pior forma que ele é um monstro.

— Eu não acredito que convivi uma vida inteira sem conhecer o verdadeiro André. Espero que ele assuma que matou minha irmã e os outros crimes praticados.

— Espero que ele sofra lentamente. — Visivelmente abalada, Carol fala — Quando ele voltou do banho, tentei despistar que estava procurando um filme legal para gente assistir, ele se desfigurou, partiu para cima de mim e me jogou no sofá. Bati as costelas na quina e perdi o fôlego, ele me arrastou pelos cabelos, me jogou no chão e eu fiquei sem entender. Até que ele disse que sabia que eu era como as outras, que ele deveria ter me enviado para a

chefa, enquanto eu confiava cegamente nele, nunca desconfiei que ele levava uma vida dupla. — Olha para mim, com os olhos molhados pelas lágrimas — Ele confessou que a drogaria é uma fachada para o crime, me senti um lixo por nunca ter percebido nada.

— Se for demais para você, Carol, não precisa falar. Deixe para dar seu depoimento oficial ao delegado. Eu vou te entender.

— Falar vai me fazer bem, e dou graças a Deus por Malu está em um lugar seguro. O tempo todo a gente com medo de uma pessoa e sua gangue, sendo que éramos vigiadas de perto muito antes de tudo começar a desmoronar.

— Eu prometo que ele vai pagar por todo o mal feito a vocês. A quadrilha possivelmente será presa pela federal, mas muitas outras ainda existem. Infelizmente jamais conseguiremos acabar com esse mal, mas a parte boa é que pelo menos essa em questão, será exterminada.

— Inclusive, já até fui em alguns endereços com André. — Assustada Carol lembra de algo — Aposto que a tal Rúbia, "amiga da época de faculdade" possa ser a Rosalyn. Meu Deus, eu corri mais riscos do que posso imaginar.

— Como é essa tal Rúbia?

— Morena, alta, cabelos longos, magra, porte de modelo e olhos castanhos escuros.

— Essa é a Rosalyn, Carol! Caramba, você sabe o endereço?

— Claro, fui lá recentemente. Lembro-me que André precisou fazer um telefonema e fiquei na sala com outras pessoas. Na mesma hora essa amiga dele desapareceu também. O questionei, mas ele disse que eu não precisava ficar com ciúme, se ele quisesse algo com ela já tinha acontecido e

que eles eram só amigos.

— Acho que podemos pegar a "*Chefa*" hoje ainda. — Sorrio, constatando que ela nem imagina que André e Jhony estejam presos — Vai acabar antes do que imaginamos, poderemos ser felizes novamente.

— Torço para que isso aconteça.

Chegamos na delegacia, Mourão já aguarda Carol para colher o depoimento, alguns agentes da federal estão presentes para concluir a prisão de dois dos integrantes da quadrilha. Finalmente a operação Diamante está tomando um rumo e prestes a ser concluída.

Para não desgastar Carol, ela foi a primeira a ser ouvida, em seguida, o delegado já passou as coordenadas de onde encontrar Rosalyn e mais dois integrantes da quadrilha de tráfico humano. Hoje aqui na delegacia está um alvoroço só. Pietro está em transe, afinal tinha Jhony como seu melhor amigo e foi apunhalado da pior forma possível, com a traição.

Carol sai da sala do delegado muito abatida.

— Vai ficar tudo bem, Carol.

— Não, não vai. — Chora desesperada.

— Calma, depois as coisas entram nos eixos, não é fácil, mas você vai se recuperar.

— Eu vou entrar no programa de proteção à vítima e testemunha, vou precisar me esconder e afastar das pessoas que eu amo. — Seu desespero é palpável, abraço-a.

— Eu já sabia, mas não entre em desespero. Vem comigo que eu vou te explicar melhor.

Levo-a para meu apartamento, não é seguro deixá-la sozinha. Rosalyn

e boa parte de sua quadrilha já foram pegos pela federal, mas ainda existem muitos outros que estão foragidos. No caminho Carol se mantém calada, deixo-a com seus pensamentos.

— Entre e fique à vontade, Carol. A casa é sua, se quiser pode tomar um banho e relaxar um pouco.

— Eu não quero ficar longe de meu afilhado e da minha melhor amiga, isso não é justo.

— Eu sei que não é, mas pensa bem, não queremos que nada de ruim lhe aconteça, alguns foram presos, mas muitos conseguiram escapar. Sendo assim, como você era namorada de André, eles pensam que você possivelmente tenha muita informação.

— Mas eu não sei de nada, só fui à casa de alguns e se eu soubesse que eles eram barra pesada, nem tinha ido, aliás, nem teria namorado com aquele merda. Desculpa Fernando, sei que ele é seu primo, mas não consigo ter mais nenhum sentimento bom por ele.

— Infelizmente ele é filho dos meus tios, nem sei como vou contar para eles que o filho está preso e que foi ele quem matou minha irmã.

— E quase mata a mim minha amiga também. Eu bati foi pouco nele, deveria ter arrancado pelo menos um dente e cortado aquela cara de bom moço.

— Não é para rir, mas me diverti vendo você batendo nele. — Sorrio e ela descontrai um pouco.

— Vou tomar um banho e tentar dormir um pouco, estou cansada, mas não sei se vou conseguir devido o terror que passei nas mãos dele.

— Pode descansar à vontade, vou fazer algo para comermos, você não comeu nada hoje.

— Estou sem fome. Se eu conseguir dormir, ao acordar vejo se consigo me alimentar.

Deixo um arroz de forno pronto e saio para dar a má notícia para a família. Vovó vai ficar inconsolável.



— Fernando, meu filho o que de tão importante tem para nos contar que precisou reunir todo mundo aqui? — Mamãe já me aborda na entrada da casa.

— Já chegaram todos? — Desconverso, preciso falar com todos juntos.

— Só falta o André, o restante está na sala. — Olha-me com um vinco na testa — Como você parece cansado, não anda descansando, né? Por isso gosto que você fique aqui, assim consigo te controlar um pouco.

— Na minha profissão, mãe, não há descanso.

— Sem contar os riscos que você passa, nem gosto de imaginar esse tipo de coisa. — Faz o sinal da cruz.

— Bom, desculpa por essa reunião em cima da hora, mas o assunto é importante e doloroso.

— Credo, até parece que morreu alguém. — Regi comenta.

— Para mim morreu. Sento-me no sofá ao lado de vovó e seguro sua mão.

— Fala logo, menino, não nos deixe mais ansiosos do que já estamos.

— Certo, finalmente o inquérito sobre a morte de Taliane foi concluído. E infelizmente, vocês não vão gostar de saber quem está por trás do assassinato.

— Pelo amor de Deus, Fernando, fala sem rodeios. — Meu pai pede, aflito.

Minha mãe parece em choque, sentada ao lado dele.

— André está por trás deste e de vários crimes.

— O quê? Isso é uma blasfêmia, você sempre invejou meu filho e agora inventa que ele matou sua irmã? — Minha tia parte para cima de mim, mas seu marido a impede dela me alcançar.

— Eu já imaginava que seria difícil — Coço a cabeça e passo a mão pelo rosto, cansado.

— Você tem provas de que meu filho possa ser um assassino? — Meu tio está mais tranquilo e conversa civilizadamente, enquanto minha tia continua xingando e me ameaçando.

— Ele confessou e está neste momento depondo na delegacia.

— Como você conseguiu descobrir depois de tantos anos? — Minha mãe inda consternada, pergunta. O olhar de minha avó vagueia, nublado, como se ela não estivesse ali.

— Eu entrei para a polícia justamente por causa da morte de minha irmã, e desde então não descansei um dia sequer, minha sede de achar o assassino nunca foi saciada, até que eu sofri o acidente há alguns meses. Quem estava por trás das mortes, digo isso porque não foi só a Tali, lembram da Carla? — Todos confirmam — Ela foi assassinada de forma semelhante,

mas como eu não soube da morte, não liguei uma história na outra, para mim Carla tinha mudado para outra cidade e pronto.

— Não me conformo, meu filho não é um assassino. — Minha tia ainda com ódio, interrompe-me.

— Olha tia, infelizmente, ele mesmo confessou. Você acha que estou feliz com isso? Ele sempre foi meu companheiro, éramos amigos.

— Mentira! — grita — Pensa que não sei? Você sempre foi mal com ele, o vô de vocês comprava as coisas só para você e o que você fazia? Esfregava na cara dele. Quantas vezes meu filho chegou em casa chorando? — Deixo-a desabafar, mesmo não sendo verdade o que fala — Eu sofria junto com ele.

— Eu nunca fiz isso, éramos crianças. Não posso ser responsabilizado por algo que eu nunca fiz. Vovô sempre comprava as coisas iguais para nós.

— Salete, já chega! — Meu tio intervém, ela tenta continuar, mas ele é firme — Chega! Eu sabia que mimar o André demais não era bom, quantas vezes vi você passando a mão na cabeça dele, acobertando os erros. Não posso depositar toda a culpa em você, mas boa parte dela é sua sim.

— Que audácia! Enquanto eu estava em casa educando nosso filho, você estava metido no trabalho, nem atenção dava ao menino.

— E hoje não vejo você reclamar da boa vida que leva. Se tem roupas e sapatos de luxo e leva uma boa vida, é graças ao meu esforço lá de trás.

— Gente, não vamos falar do passado. — Meu pai tenta apartar a briga.

— Como não? Tudo gira em torno do passado.

— Eu sabia que algo estava errado naquele dia. — Vovó fala, como

se estivesse longe e todos começam a prestar atenção nela. — Eu estava visitando vocês, lembra Salete?— Olha para minha tia que se acalma ao escutá-la — André chegou tarde, mas eu ainda estava na sala, sua roupa estava suja de sangue, ele jurou que tinha brigado com um homem, mas não me deu detalhes. Me fez jurar que eu não contaria a ninguém, Hum, foi o que fiz, acreditei no meu neto. Sou tão culpada quanto ele.

— Mamãe, a senhora não tem culpa de nada. Aliás, nenhum de nós. Perdão Salete, fizemos o melhor pelo nosso filho, não podemos carregar a culpa pelo desvio de caráter dele.

— Claro que tenho culpa — Vovó continua — No dia seguinte Taliane estava desaparecida. Cheguei a pensar que o sangue na roupa de André poderia ser dela quando encontraram o corpo. Mas já fazia mais de uma semana quando a encontraram. Questionei meu neto e ele foi um excelente ator, acabei por acreditar. Mas lá no fundo eu sabia que tinha mais coisas que ele não queria dizer.

— Não se martirize vovó, foi bom a senhora não ter falado nada. Poderia vir a ser uma provável vítima. — Abraço-a — Bom, essa informação é sigilosa, só contei porque somos uma família e quero ajudar se for preciso. Vocês podem conversar com ele na delegacia antes de ser conduzido pela federal. — Não falei da parte em que ele faz parte de uma quadrilha.

— Mas por que será conduzido pela federal? — Meu tio se desespera.

— Eu não tenho permissão para falar sobre isso, mas o delegado poderá conversar com vocês.

— Certo, ele vai precisar de um bom advogado. — Meu tio está desolado com a situação — Sei que não sou culpado, mas peço perdão a minha família pelo mal causado pelo meu filho.

— Fique em paz meu irmão, eu jamais o culparei, nem a você Salete.
— Minha mãe fala.

— Mesmo assim, me sinto no dever de pedir perdão a todos vocês. —
Minha tia não fala mais nada, está cabisbaixa e muito abalada. Vovó continua
em mundo paralelo meus pais levam meus tios até o portão.

— Eu não consigo acreditar que foi ele quem matou nossa irmã. —
Regi fala depois de um longo tempo de silencio — Agora as peças se
encaixam, são pistas que na época não ligamos. Eu ia sair com a Tali, mas
André a convenceu a não me levar. Que canalha, estava tudo arquitetado,
nem quero vê-lo.

— Eu investiguei tanto, mas nunca passou pela minha cabeça de que
ele fosse capaz disso. E olha que sei bem que os psicopatas têm bem o perfil
dele, bom moço, educado, gentil, sempre de bom humor e carismático.

— Vovó, quer descansar um pouco? — Regi chega mais perto de
nossa avó que parece em transe e não responde.

— Acho melhor deixar ela com a nossa mãe. — Sugiro e Regi
concorda. — Preciso voltar para casa, Carol vai precisar de mim.

Espantada, Regi me questiona se estou com a melhor amiga de Malu,
mas entende quando a explico.

Finalmente vou poder reencontrar minha noiva e tentar recuperar todo
o tempo perdido.

Capítulo 26

Fernando

Nunca imaginei que duas horas de viagem poderiam parecer um dia inteiro. Perturbei tanto Alejandro que ele não teve outra saída senão me trazer até onde minha mulher está.

— Meu Deus! — Carol fala do banco de trás — Você vai enfartar homem. Acalme-se, como vai implorar o perdão da minha amiga se morrer no caminho?

— Como se fosse fácil, eu até tomei um chá de camomila antes de vir, mas estou tão louco para abraçar minha Luizinha e ver o tamanho daquela barriga que não consigo manter-me calmo.

— Se eu soubesse que ia ficar assim teria te dado um remedinho. — Carol sorri.

— Que bom te ver sorrindo Carol. — Olho para trás e a encaro — Não deixe que ele leve sua alegria.

— Não está sendo fácil, mas vou conseguir superar tudo isso.

— Estamos chegando, bem vindos à fazenda Magnólia. — Alejandro para em frente à porteira.

Desço, abro a porteira, espero ele passar com o carro e volto ao meu assento, mas minha vontade é de descer e sair correndo à procura de minha Luizinha.

— Calma Nando, você já vai ver a Malu.

— Como será que ela vai me receber?

— Tomara que primeiro ela te esnobe, para só então perdoá-lo. — Carol sorri.

— Você sabe que não foi por mal que me afastei e inventei aquela amnésia.

— Sim, mas ela não deixou de sofrer, coitadinha.

— Mulheres, perdoam, mas não esquecem e na primeira oportunidade jogam as coisas em nossa cara.

— Vocês pedem, né?

Consigo avistá-la ao longe, minha boca seca, meu coração dispara, quero muito me explicar e espero que ela possa me entender.

— O que significa isso, Alê? — Luizinha cruza os braços e não me encara — E você Carol? Francamente, não é minha amiga?

Carol gargalha, passa por mim e mostra-me a língua.

— Eu disse que não ia ser fácil, então lute. Kera, não tenho nada com isso, vim mesmo porque estou morrendo de saudades. — Sussurra, mas consigo ouvir — Pisa bastante antes de perdoar.

— Mas... estou confusa, não era para eu me manter afastada de todos? O que houve? Aconteceu alguma coisa muito grave, não é mesmo? Todos vocês estão em risco e por minha causa! — Ela parece estar em meio a uma crise nervosa.

— Calma meu amor. — Tento aproximar-me, mas só pioro.

— Malu, ai meu Deus! — Carol a ampara nos braços— Sabia que aparecer de surpresa não ia prestar. — Ela desmaia nos braços da amiga.— Eu avisei, hein?

— Luizinha, por favor? Não faz isso! — Carrego-a até a sala, foi um alvoroço, todo mundo desesperado, quando a coloco deitada no sofá, escuto uma gargalhada. — Eu não acredito que estou aqui quase enfartando e você fingindo um desmaio.

— Para... você... deixar... de... ser... besta... — Quase não entendo o que ela fala, Carol e ela choram de tanto rir. — Aí, foi engraçado, não foi? — Seca as lágrimas que escorreram de seus olhos.

— Não teve graça, eu venho de longe porque estou morrendo de saudades, e é assim que você me recebe?

— Você merece algo pior do que isso. Me magoou, falou coisas que outra pessoa jamais conseguiria perdoar.

— Então, quer dizer que estou perdoado? — Meu sorriso bobo estampa meu rosto, ela tenta disfarçar, mas vejo um sorriso de canto surgindo.

— Não pense que será assim tão fácil. Primeiro quero saber o que aconteceu para você fingir tão bem, olha, a teledramaturgia está perdendo um excelente ator, não pensa em mudar de profissão?

— Até que eu gosto da minha profissão, mas é algo a se pensar. Já imaginou, eu, um galã principal de uma novela das nove? A mulherada ia cair matando.

— Ah, mas com certeza eu te mataria primeiro.

— Está com ciúmes, meu benzinho? — Nem percebi quando ficamos sozinhos, mas todos evaporaram.

— Seu ego está muito alto, cuidado com o tombo, querido.

— Eu sei que sou irresistível. — Alcanço-a. — Eu sei que devo mil

explicações, mas antes, preciso te beijar e matar a saudade que está acumulada. — Passo as mãos por seu ventre que começa a aparecer — Você está ainda mais linda do que me lembro. — A emoção de saber que ela carrega no ventre um pedaço meu é imensurável, meus olhos marejam e minha voz fica embargada. — Não quero esperar nem um dia mais, quero me casar com você, minha Luizinha. Aceita se casar comigo? Agora é para valer.

— Por que não me disse a verdade? Eu ia entender. Por que me deixou sofrendo?

— Eu não poderia colocá-la em mais riscos, meu amor. Acha que não sofri? Eu vivi dias terríveis, mas o medo de perder foi maior, não tive outra saída a não ser fingir que você nunca fez parte da minha vida. Quando contarmos tudo, você vai entender.

Encontramos o restante do pessoal na cozinha.

— Agora é a hora de contarmos tudo você vai se surpreender com o que temos para falar.

— Onde está o André, não quis vir? — Carol se entristece e minha Luizinha se assusta — Meu Deus, não me diga que pegaram ele?

— Antes fosse Kera, mas infelizmente ele fez as escolhas erradas e agora vai pagar por todo o mal feito.

— O quê? — Seus olhos quase saem de órbita.

— Vou deixar vocês à vontade, vamos Alana?

— Podem ficar, é até bom que escutem, assim Alana jamais passará pelo mesmo.— Conto tudo, sem ocultar nenhum detalhe.

— Então quem esteve por trás de tudo isso que nos cerca foi André? Estou perplexa. O dono da franquia de drogarias também faz parte do

esquema?

— Não, ele jamais desconfiou. Hoje pela manhã fui pedir minhas contas, ele pediu perdão e também está muito abalado com tudo, afinal envolve o nome de sua empresa indiretamente, pode até vir a manchar seu nome. — Carol informa.

— É por isso que Beatriz tinha toda aquela pose, aquela vaca velha, pegava no meu pé a troco de nada. Ela e André aliciavam as garotas sem que percebêssemos.

— É por isso que não parava ninguém trabalhando lá. Quantas conhecidas nossas foram enviadas para o exterior para se prostituírem enquanto eles enriqueciam aqui no Brasil? Lembra da Juliane, aquela loirinha que trabalhou com a gente por apenas três meses e do nada desapareceu?

— Lembro sim, na época, Beatriz falou que ela encontrou um emprego melhor e pediu para sair. Agora não entendo o motivo para ele demorar tanto para tentar fazer algo conosco.

— Ele disse que realmente gostava de mim, e como você é minha melhor amiga, tentou nos proteger. Gostava, mas não pensou duas vezes em me atacar quando mexi nos DVDs, tenho certeza de que ali tem alguma coisa muito importante.

— A polícia já tem os mandados e amanhã vamos revirar tudo em busca de mais provas.

— Então, vocês vão embora hoje ainda?

— Todos nós, meu amor.

— Ainda não me esqueci das coisas que você me fez Fernando.

— Vou viver o restante dos meus dias se preciso for, para conseguir

seu perdão, mas saiba que viver longe de você não é uma opção. Vou dar a desculpa de que nosso filho precisa de mim, mas na verdade, sou eu quem precisa de vocês. — Minha Luizinha está tentando disfarçar, mas seus olhos brilham, cheios de vida.

— Eu estou pensando seriamente se vou querer mesmo tentar passar para a federal. — Alana comenta, um pouco assustada com tudo o que escutou — Se tentam me sequestrar, de cara vou fazer o maior escândalo, vou assustar o bandido com meu grito, não tenho o espírito quieto. Sou como um cavalo indomável.

— Nem quero imaginar algo do tipo com meus filhos, acho que enlouqueço. Alberto está no primeiro semestre de Administração, ano que vem Frederico começa com Zootecnia, mas eles por serem homens correm menos riscos. Quando for a vez de Alana, vou ficar aqui de cabelos em pé.

— Fica tranquila, mãe. Se tentarem algo, já vou levar meu spray de pimenta e jogo bem nos olhos deles. Quero ver me pegarem. — Balança os cabelos e olha fixamente para Alejandro — E meu priminho vai ser meu protetor. — Sorri para ele, suspira e não desgruda os olhos do primo. Ele finge não se importar.

— Na prática as coisas não são assim Alana, é bom você andar com um spray de pimenta, mas o melhor é andar sempre atenta e não confiar em ninguém. Nessa vida ninguém é amigo de ninguém.

— Opa, assim você me ofende, eu sou o quê para você?

— Calma Alê, estou falando no caso dela que vai sair de uma cidade onde todos se conhecem para enfrentar um local desconhecido, é sobre isso que eu estou falando.

— Ah bom, porque já ia dar o grito também, eu e Malu somos mais

que amigas, somos irmãs de alma.

— É amor que não se acaba Carol. — Faz coraçãozinho com as mãos e muda o foco para mim — Uma coisa que não entendi ainda, se falta prender alguns integrantes da quadrilha, como vamos viver em paz?

— Eu não mencionei ainda que entrei para o [PROVITA](#)/MG.

— Mas... — Fica boquiaberta e seus olhos já marejam. — Como vou viver sem você?

— Não, vamos burlar um pouquinho o programa, é errado, mas não posso ir para outra cidade e ficar sem contato com ninguém. Pelo menos você precisa saber que estou bem e eu quero saber de todos os detalhes de quando meu afilhado nascer, não vou poder batizá-lo, mas não abro mão de ser chamada de madrinha.

— Não poderia ser de outra forma, você é a madrinha e pronto.

— Eu posso escolher o padrinho do nosso filho?

— Vocês sabem que pode ser uma menina, né?

— Sim, mas meu instinto de madrinha tem certeza de que é um menino. — Luizinha revira os olhos.

— Gente, não é da minha conta, mas o que é esse tal de PROVITA? Fiquei curiosa.

— Como disse, não é da sua conta Alana, deixa de ser enxerida.

— Deixa ela, tia — Alejandro sai em socorro da prima, e consegue total atenção dela -,é a sigla de proteção, auxílio e assistência a vítimas e testemunhas. Carol sabe de muita coisa, então ela foi inserida no programa.

— Então, todos nós estamos em perigo, também? — A garota se alarma.

— Calma, Alana! Não é assim também.

— Ufa, pensei que ia ter que afiar a espora da bota. — Consegue arrancar sorrisos em meio a um assunto sério.

— Mas eu sim ainda corro riscos. — Luizinha fala tristonha — Como vou conseguir viver sabendo que a qualquer momento posso ser atacada?

— Mourão cogitou a hipótese de você também ser inserida no programa, mas sou egoísta e já passei tempo demais longe dos meus amores.

— Nunca acreditei em destino, até te encontrar no metrô e implorar por sua ajuda.

— Eu também não acreditava, mas agora tenho plena certeza de que as coisas só acontecem no momento certo, nada é por acaso.

— Ninguém cruza nosso caminho em vão — Alana fala olhando para Alê, que a olha como se a garota fosse louca -, não concorda, primo?

— Concordo em partes, têm coisas que as pessoas tentam forçar, é o mesmo que tentar misturar água com óleo.

Para um bom entendedor, Alejandro está praticamente acabando com as esperanças da prima, mas ela parece não se importar.

— O Café estava delicioso, dona Magnólia, mas precisamos voltar para casa.

— Por que não dormem aqui e saem bem cedinho amanhã? — Sugere.

— Não podemos, Carol nem deveria ter vindo, ela precisa da proteção o quanto antes, sabemos dos riscos de ela estar por aí.

— Antes que vocês vão embora, tenho mais uma dúvida — A mãe de Alana a olha de cara feia, mas ela finge que nem vê.

— Qual é a dúvida, Alana? — pergunto.

— Carol é obrigada a entrar no programa? Ela não tem direito de escolha?

— É claro que não sou obrigada a nada — A própria responde — Mas sei que se eu der uma de valentona, vou morrer facinho, não quero isso nem para mim e muito menos para a minha família. Por isso, quando me foi sugerido, não pensei muito e aceitei. Vai ser dolorido, mas é o melhor a se fazer no momento. — A garota entende.

— Vou arrumar minhas coisas, isso já está fazendo parte de minha vida, arruma a mala, desfaz a mala. Estou me sentindo o garoto do filme veste casaco, tira casaco, só me faltou o Jackie Chan com aqueles olhinhos puxados.

— Como é?

— O que foi? Não falei nada demais, sou mesmo muito fã dele.

— Isso vai custar caro para você dona Maria Luíza.

— Não sou dona nem de mim por enquanto, preciso viver escondida.
— Sorri e sai em direção aos quartos, Alana e Carol vão junto.

— Obrigado por acolher minha amiga, tia.

— Eu estou me perguntando desde que você a trouxe, e só agora me dei conta de que ela se parece muito com você.

— Eu não ia falar por enquanto, mas fizemos um exame de DNA e estamos esperando o resultado — Alejandro confia a tia -.

— Minha Santa Margarida! Tua mãe vai matar meu irmão e eu vou ajudá-la com gosto.

— Tia isso é segredo, meu pai não sabe do exame e minha mãe sabe

da suposta filha.

— E como ela reagiu? — Apenas observo a conversa — Eu matava.

— Malu possivelmente foi concebida na época em que eles estavam separados, então minha mãe entendeu e como o sonho dela é ter uma filha, adorou a ideia e está torcendo para que o nosso DNA seja compatível.

— Eu não teria essa tranquilidade que sua mãe tem, mas se ela aceitou quem sou eu para julgá-la.

— Estou pronta — Minha mulher volta, estou tão feliz que agora posso tê-la só para mim — Obrigada pela hospitalidade Magnólia — Segura as mãos da tia do Alê — Eu adorei passar esses dias aqui, se eu pudesse, ficava para sempre.

— E por que não fica?

— Apesar de amar ficar aqui, meu lugar é ao lado desse cara ali — Aponta com a cabeça — Ele não anda merecendo, mas vou dar mais uma chance.

— E se ele desperdiçar essa chance, saiba que saio de onde eu estiver, mas eu corto as bolas dele. — Carol fala.

— Carol! Tem criança presente.

— Onde está a criança? — Olha como se estivesse procurando algo — Alana? Humpf! Ela é mais esperta do que todos nós aqui juntos.

— Sou uma moça bem crescida já. — A garota se vangloria.

— Já que é uma moça bem crescida, aproveita e vai arrumar a cozinha.

— Nesse caso, sou uma moça que está crescendo. — Tenta sair pela tangente, mas pelo olhar de sua mãe, não funciona — Tudo bem, mãe. Mas

deixa pelo menos eu me despedir direito.

— Separei algumas quitandas para você levarem.

— Vou sentir muita falta dessas quitandas também, ainda bem que aprendi algumas. Vou fazer para nós.

— Só agora me dei conta de uma coisa, Kera. — Carol franze a testa e encara a amiga.

— O que foi Kera? — Luizinha se assusta.

— Você não está com enjoo.

— Ah, desapareceu do dia para a noite. Acho que foram os bons ares respiráveis.

— Que ótimo, não aguentava ver você sofrendo por não poder comer as coisas que gosta.

— Só não posso comer carne vermelha e nem doce, só de lembrar, meu estômago revira — faz cara de nojo.

— Então ficamos assim, até breve tia e Alana. Diga ao tio e ao Fred que não pudemos esperá-los. Em outra ocasião voltamos com mais tempo.

— Vão em paz pessoal, desejo que tudo se acerte.

— Obrigado mais uma vez. — Despedimos da tia e da prima de Alejandro, rumo a uma nova vida.



Capítulo27

Malu

Chegamos ao apartamento do Fernando já tarde. Nem acredito que ele precisou me enganar para o meu próprio bem. Eu até que queria fazê-lo sofrer pelo menos um pouquinho, mas estou com tanta saudade que não estou a fim de fazer joguinhos.

— Vou esquentar uma lasanha que já deixei pronta mais cedo.

— Você cozinha?— Fico espantada, não sabia desses dotes culinários do Nando.

— E muito bem, Kera — Encaro Carol com espanto— Não precisa ficar com ciúmes, homem de minha melhor amiga para mim, é igual mulher.

— Ah bom, já ia perguntar o que foi que perdi enquanto estive fora.

— Deixa de ciúmes meu amor. Só tenho olhos para você. — Beija-me e por um instante esquecemos de que não estamos sozinhos.

— Hum, Hum — Carol raspa a garganta — Estou aqui, é melhor vocês procurarem um quarto, não quero ver coisa obscenas.— Tampa os olhos e sorri.

— Falou a inocente. — Afasto-me do Nando, olho para minha amiga descarada.

— Quase um anjo, meu bem. — Faz pose com as mãos na cintura.

— Alguém prometeu uma lasanha e estou mesmo faminta.— Viro-me para o Nando que apenas sorri da situação.

— É para já madame, seu pedido é uma ordem.

Seguimos para a cozinha, enquanto ele aquece a lasanha, que por sinal está com uma cara ótima, eu e Carol arrumamos a mesa.

— Quando você parte, Kera?

— Ainda não me informaram.

— A operação é totalmente sigilosa, nem mesmo eu sei. É um trabalho da polícia militar.

— Entendi. — Comemos falando amenidades.

— Bom, vou tomar meu banho e me recolher, estou cansada. Boa noite para vocês pombinhos.— Carol recolhe seu prato e o coloca na pia.

— Boa noite, Kera, durma com Deus.

— Boa noite Carol. — Quando ela some das nossas vistas, Nando me agarra — Enfim, sós.

— Finalmente. — Mordo os lábios.

— Chegou a hora de recuperarmos o tempo perdido.

— Espero que consiga suprir todas as minhas expectativas.

— Meu Deus o que fizeram com minha mulher?

— É a libido da gravidez.

— Bom saber, tenho muitos planos em mente.

— Hum, vou adorar saber cada um desses planos.

— Mas, será que não vou machucar nosso filho? Podemos? — Alarmado, pergunta.

— Claro que podemos— reviro os olhos -, é saudável e faz bem até

para o bebê.

— Onde é que a senhorita anda aprendendo essas coisas? — Arqueia uma sobrancelha.

— Eu leio, né? E também tenho minha obstetra para tirar dúvidas. Aliás, ela vai querer me matar, já faltei a consulta deste mês.

— Amanhã não se esqueça de ligar marcando, faço questão de ir em todas as consultas a partir de agora.

— Será que estou sonhando? Ou isso tudo é real? — Morde minha orelha. — Ai! Doeu.

— Pareço um sonho por acaso? Pois vou te mostrar o quanto este sonho é real. — Pega-me nos braços e carrega-me até o quarto. Abre a porta e a empurra com o pé. — Bem-vinda ao nosso ninho de amor.

Deposita-me na cama delicadamente, como se eu fosse o mais raro dos cristais.

— Não vou me quebrar, Nando.

— Eu sei — sussurra -, mas quero que nosso recomeço seja marcado por algo bom.

— Eu te amo! — Com a voz embargada, declaro todo o meu amor.

— Eu te amo mais, minha futura esposa. Não sei de onde consegui forças para ficar perto de você sem me entregar. Por isso achei melhor te tratar daquela forma, vou viver para te recompensar.

— Esquece isso, já te perdoei e nem me lembro mais do que passou.

— Vou encher a banheira e já volto. — Não espero e o sigo

— Acho que a banheira fica para outra oportunidade, não posso mais

esperar. — Beijo-o e começo desabotoando sua calça. — A saudade do seu corpo é tanta que não consigo me controlar.

— Santa libido, acho que vou querer um filho por ano. — Brinca.

— É algo a se pensar.

Ele toma as rédeas e tira meu vestido com uma rapidez que me deixa tonta, tiro sua camisa e puxo sua calça até os pés. Terminamos de tirar o restante de nossas roupas e voltamos a nos beijar. Nando leva-me para o chuveiro, encosta-me na parede, venera-me com a boca e com as mãos.

— Minha Luizinha, como senti sua falta! Não me peça para que eu vá com calma, não consigo.

— Eu também não quero ir com calma, então estamos quites, meu amor. Ame-me como merecemos.

Nando deixa os pudores de lado, abaixa-se, levanta uma de minhas pernas e a apoia em seu ombro.

— Segure-se a mim, se estiver fraca, me avisa que paro, quero me lambuzar em seu mel.

Dizendo isso, traça um caminho com as mãos por minha perna que está firme no chão, sobe lentamente, para e faz uma massagem atrás do joelho, nunca imaginei sentir tamanho prazer nessa parte do meu corpo. Sobe por entre as coxas, quando chega em meu sexo, quase tenho uma síncope em antecipação ao prazer.

— Nando, continue, está uma delícia, faça-me sentir o que nunca senti na vida. — imploro por mais.

— Seu desejo é uma ordem, não se nega nada para uma gestante.

— Hum, vou aproveitar de minhas regalias.

— Aproveita mesmo, porque depois vou cobrar bem caro. — Afasta meus grandes lábios e começa a me torturar com a língua. Passa-a por minha fenda e quando encosta em meu clitóris, é como se uma corrente elétrica me atingisse, se eu já estava com calor, agora é como se eu estivesse imersa naquela banheira com águas escaldantes. Meu sangue está como lavas nas veias, minha respiração está entrecortada, já não sei mais onde começo ou onde ele termina. Nando me faz ver não só as estrelas, mas todo o universo com suas constelações.

Sua língua trabalha com maestria, sinto-me convulsionar quando um orgasmo avassalador me atinge.

— Socorro! Preciso de ar, Nando, estou caindo.

— Calma, meu amor. Este foi apenas um orgasmo de muitos que virão. Uma pequena amostra do que tenho guardado para você.

— Pequena? Imagina quando for grande e completa? Vou desmaiar.

— Desde que seja em meus braços, não me importo que desmaie.

— Minha vez de retribuir — Abaixo-me e começo a acariciar seu glorioso mastro. — poderia até dançar uma música sensual neste monumento. — Faço minha melhor cara sexy para provocá-lo.

— Se continuar falando assim, vou perder o controle e te atacar antes que consiga retribuir o que lhe causei.

— Então, controle-se. Na nossa primeira vez não pudemos desfrutar muito um do outro, não podíamos fazer barulho.

— Não se esqueça que sua amiga está a dois quartos do nosso.

— Se pensa que vou desistir de degustar meu saboroso pirulito, saiba que não vai conseguir. Se Carol escutar, ela que lute para tampar os ouvidos e

fingir que não viu nada.

— Caramba, Luizinha, você realmente está mudada.

— Culpa dos hormônios, meu amor. — Chega de ladainha, faço uma trilha de beijos por suas coxas até chegar onde quero. Minha boca saliva em antecipação e quando o coloco em minha boca, gemo de prazer. Que maravilha poder sentir sua textura aveludada. Lambo o líquido que está na ponta e o deixo louco. Continuo a tortura com a boca e com as mãos. Passo-as por suas pesadas bolas.

— Essas mãos são de fadas, e essa boca? Que maravilha. Não aguento mais! — Afasta-se com rapidez e me levanta de uma vez, encosta-me no azulejo gelado, arrepios sobem pelo meu corpo, não sei se pelo meu corpo quente ou pela parede gelada. Encaixa minhas pernas em seu quadril e lentamente vai me preenchendo com seu glorioso. Estamos em uma dança gostosa, em um vai e vem enlouquecedor.

— Você é muito gostosa, acho que essa noite não vamos dormir.

— Assim que é bom, mas amanhã enquanto você estiver trabalhando, vou estar dormindo.

— E trabalharei cansado, mas feliz, não me arrependerei. — Me penetrou por várias vezes, estocando-me profundamente, dando e recebendo prazer, perdi as contas de quantas vezes cheguei ao ápice do prazer— Não posso aguentar mais, vem comigo meu amor. — Nando pede, enquanto jorra seu líquido quente dentro de mim.

— Estou com você, meu amor. — falo enquanto o acompanho.

Depois de juntos chegarmos ao prazer supremo, tomamos nosso banho e felizes nos deitamos em nossa cama, ficamos conversando sobre o quão difícil foi ficarmos todo esse tempo longe um do outro e como

sofremos.

Lembro-me de que quando fomos dormir, já passava das quatro da manhã. Mas o cansaço nos venceu e caí em um sono profundo.

Uma semana depois

Carol ainda continua conosco, não sabemos ao certo, mas me parece que um dos integrantes mais perigosos da quadrilha conseguiu fugir. Todos nós estamos em perigo, para nosso próprio bem, todos nós aceitamos ser inseridos no programa de proteção. Por um lado, será ótimo, vamos todos ficar juntos, Carol está até mais animada.

O Nando conseguiu transferência, já o Alê não quis.

— Alejandro ligou e marcou uma reuniãozinha hoje aqui. Provavelmente é a nossa despedida.

— Vou encomendar alguns salgadinhos e um bolo, já que não é seguro sairmos para comprar.

— Isso vai acabar, meu amor. Vamos viver em outra cidade, em paz cuidando dos nossos filhos.

— Filhos? Mas este nem nasceu e já planejam outros? Queria ter essa coragem. — Sorrimos.

— Se depender desse aí, terei um filho por ano.

— Se for para te ver com todo esse fogo, te engravidado no resguardo mesmo.

— Credo gente, me poupe dos detalhes.— Carol faz cara de nojo.

— Acostume-se comigo Carol, o mal da amizade é a liberdade.

— E olha que eu não sou fresca e nem cheia de pudores, mas não é saudável até para mim imaginar minha amiga fazendo sexo com o noivo.

— Kera, não liga para ele. — Olho meu noivo com a cara fechada —

Você por acaso não está atrasado?

— Nem tanto, estou sob vigilância, não posso fazer muita coisa. Hoje também será minha despedida na delegacia. Ah, Alejandro pediu para vocês ficarem bem arrumadas, pois ele quer fazer um quadro com as fotos para guardar de lembrança.

— Até parece que nunca mais vamos vê-lo.

— Só não será com tanta frequência. Beijos e fiquem seguras, não abra a porta para ninguém e qualquer coisa estranha não deixe de me ligar.

— Falou papai. Pode deixar que vamos nos comportar.

— Ah, acho melhor deixar a encomenda dos salgadinhos e bolo com a Regi, ligo para ela e combino tudo.

— Certo, bom trabalho meu amor e se cuida. — Despeço-me dele.



— O que é tudo isso Regi? — Quando o porteiro interfonou avisando que Regi subiria com a equipe de festas, me assustei. — Não é apenas uma reunião de despedida?

— E por isso não pode ser algo marcante e luxuoso?

— Eu hein? Nem sei quantas pessoas virão.

— Alejandro e os pais, eu, vovó e meus pais e vocês. Nem é muita gente. — Regi fala já entrando e dando ordens de onde quer o painel com os balões.

— Uau, que decoração linda. Como conseguiu de última hora?

— Eu tenho meus contatinhos e muito bom gosto cunhadinha. — Já vem direto para minha barriga — E como está o neném mais lindo da titia? Será que posso ser madrinha?

— Vai tirando o olho, já sou a madrinha.

— Uai, mas não podem ser duas madrinhas? O meu bebê lindo merece.

— Você já é tia, para quê ser madrinha também?

— Meninas, não briguem. Não quero ficar em maus lençóis.

— Em respeito a você Malu, não vamos brigar, prometo. — Regi acaba com a discussão colocando língua para Carol, que apenas sorri. — Ah, tenho um presente para você, passeando no shopping ontem, vi na vitrine e achei que é a sua cara.

Abro o pacote e me deparo com um vestido rosê maravilhoso.

— Uau, é lindo mesmo, será que serve? Minha barriga deu uma esticada esses dias.

— Lindo mesmo, Kera. — Carol aproxima-se — Ah, mas é claro que serve, ele se adéqua em qualquer corpo. Você vai ficar ainda mais maravilhosa quando vesti-lo. Tenho até vergonha do macacão que escolhi para usar hoje.

— Até parece, né? Tudo fica bem em você.

— Tudo organizado por aqui, vou para casa me arrumar. Trago o bolo e os salgados quando voltar. Consegui um bolo de última hora, e ele é maravilhoso, vai até combinar com a decoração.

— Ainda preciso escovar esses cabelos e fazer uma maquiagem que

faça justiça a esse vestido divino.

— Até mais tarde meninas.



Às dezenove horas, Regi já está de volta e estamos todos arrumados.

— Nando, você está lindo nessa roupa social. Não estamos muito chiques para uma reunião de despedida?

— É assim que deve ser Malu, já pensou seus filhos vendo as fotos no futuro e falando o quanto vocês estavam bonitos?

— Vamos sentir falta de tudo aqui e o que vai nos restar são as belas fotos de recordação.

Todos já chegaram e Alejandro está com dois envelopes nas mãos.

— Eu ainda não abri — Entrega-me um envelope.

— É o resultado dos exames?

— Sim, ficaram prontos ontem, mas me segurei para manter segredo e não vir correndo para abrirmos — Alê chama seus pais com o menear de cabeça — Todos vocês são muito importantes para mim, e nada mais justo abrirmos todos juntos.

— Vamos nos sentar, minhas pernas já estão amolecendo. — O coro de risos me acalma um pouco. — Alejandro abre seu envelope e lê o resultado.

— Somos irmãos, 99,99 por cento. — Emociona-se e abraça os pais

em uma roda, depois puxa-me e ficamos os quatro abraçados.

— Obrigado Deus, por me presentear com uma filha tão linda e ainda com um neto a caminho. — Meu pai me abraça apertado — Oh minha filha, me perdoa por toda a ausência, mas se eu soubesse antes de sua existência, jamais teríamos ficado afastados.

— Eu tenho um pai. — A palavra sai naturalmente de meus lábios — Meu pai. — Choro emocionada.

— E se não se importar, adoraria ser sua mãe também. — A mãe do Alê aproxima-se de mim. — Eu sei que jamais conseguirei substituir o amor de sua mãe, mas saiba que em mim você terá uma amiga e se preferir, pode me chamar de mãe também. Não me importarei de te dar colo quando for preciso.

— A vida me tirou muita coisa, mas devolveu tudo em dobro. Agora tenho um irmão, um pai e duas mães. Minha mãezinha deve estar muito feliz vendo o quanto estou bem. Também ganhei um noivo e toda a sua família para chamar de minha.

— E tem mais surpresas meu amor?

— Mais? Meu Deus! Vocês tiraram a noite para borrar minha maquiagem. Deu trabalho para fazer, quando nossos filhos virem as fotos, vão pensar que sou um panda.

— Você fica linda de qualquer jeito, minha Luizinha. — A campainha toca — Olha só, a surpresa chegou na hora certa.

Fico na sala com os convidados da noite, enquanto o Nando libera a entrada de quem quer que seja com minha nova surpresa, confesso que estou morrendo de curiosidade, mas permaneço na sala.

De repente Regina e Alejandro começam a arrumar a sala de forma

que os convidados permaneçam sentados em fileiras uma ao lado do outro, deixando apenas um corredor no meio, onde abrem um tapete vermelho que segue até a mesa.

— Meu Deus! Será que estou imaginando coisas?

— Não está imaginando nada Kera, você merece! — Carol limpa minhas lágrimas com um lenço demaquilante e ali mesmo retoca minha maquiagem — Engole o choro, quero você bem linda nas fotos.

— Você sabia? Como não me contou nada? E como foi que conseguiram planejar?

— Graças a tecnologia meu bem. — Regi me abraça — Agora seremos irmãs também. Hoje você se tornará a senhora Sampaio.

Fernando aparece com o delegado Mourão, Pierre, Wesley e mais um homem que deduzo que seja o juiz da paz que realizará nosso casamento.

Os padrinhos são Regi e Wesley, Carol e Alejandro, Pierre e Vó Maria. Não poderia ter escolhido padrinhos melhores.

Fico no final do tapete e recebo das mãos do meu pai um lindo buquê de rosas brancas. Ele beija minha testa emocionado.

— Será uma honra conduzir minha filha até seu futuro marido no dia em que a descobri como filha.

— As coisas aconteceram no momento certo, pai. Obrigada por fazer parte deste momento especial.

Controlo-me para não borrar a maquiagem de novo e desfilo feliz pelo tapete, ao lado de meu pai, olhando cada rosto presente aqui, agradecendo a cada um por fazer parte deste momento tão feliz. A cerimônia foi bem rápida — o juiz abriu uma exceção de última hora para realizar nosso casamento —

mas não menos importante, me tornei a esposa do Fernando no mesmo dia em que a felicidade de conhecer meu pai bateu em minha porta.

Às vezes, temos que passar por momentos turbulentos, para então encontrarmos nossa verdadeira felicidade, sem depositar culpas por nossas escolhas em outra pessoa.



Epílogo

Malu

— Que líquido é este descendo por sua perna? — Fernando aponta quando desço da cama.

— Hã? Não tem líquido nem... Meu Deus! Será que a bolsa se rompeu? — Olho atentamente em busca de algo estranho. — Ou será que estou fazendo xixi sem perceber?

— Não é xixi. Vamos logo para a maternidade. Vou pegar as bolsas. — Nando sai desesperado para o quarto do bebê. — Meu filho vai nascer!

— Calma Nando! Vou tomar um banho antes. — falo, mas acho que ele nem me ouviu.

— Mas o bebê está nascendo. — Ele volta com as bolsas nas mãos.

— Não é assim também, o trabalho de parto pode durar algumas horas. — Começo a rir — E você vai assim para a maternidade, só de cueca?

— Vou me vestir, né? — Despista — A bolsa rompeu, então está nascendo, vista-se logo, já pensou se o Cauã resolve nascer aqui em casa? — Reviro os olhos.

— Quanto drama, Nando! Vou tomar um banho calmamente e em seguida tome o seu, não se esqueça de comer alguma coisa antes de sairmos. — Vou em direção ao banheiro — Ah, liga para Carol e avisa que vamos para a maternidade daqui a pouco.

— Queria ter essa sua calma. — Ainda visualizo seu espanto no olhar.

— Desesperar para quê? Estou sentindo um leve incomodo desde ontem, mas dores fortes não tenho, minha obstetra já havia me alertado para essas possíveis dores. Então, vou me manter plena e calma, se eu me desesperar, posso fazer mal para o nosso filho.

Tomo meu banho sossegada, Nando continua uma pilha de nervos, andando de um lado para o outro.

Chegamos à maternidade por volta das dez e meia da manhã, não demora e a obstetra me avalia,diz que estou mesmo com a bolsa rota, que é quando a bolsa se rompe.

— Vocês precisam ir até balcão no final do corredor para dar entrada na internação, seu parto deverá ser induzido porque você está apenas com três centímetros de dilatação.

— Mas vão induzir com soro ou comprimido?

— Com soro e ocitocina.

— Desculpe minha curiosidade doutora, mas o que é ocitocina?

— É normal os pais perguntarem, meu rapaz. A ocitocina é um hormônio naturalmente produzido pelo nosso organismo para gerar as contrações do útero durante o trabalho de parto e a liberação do leite durante a amamentação.

— Obrigado. É só levar os papéis e pronto?

— Sim — Ela sorri — Beba um pouco de água e se acalme, sua esposa vai precisar de você em todo o trabalho de parto, e se prepara que será longo.

— Já falei com ele para se acalmar doutora, se ele desmaiar, vou filmar e colocar no grupo da família.

— Estou tentando, mas ser pai não é fácil. — Reviro os olhos. Deixamos a médica sorrindo e saímos do consultório.

— Após dar entrada na documentação, fui levada para a sala de pré-parto. Uma enfermeira me ensina a fazer exercícios na bola de pilates.

— Caminhar também é muito bom, você pode andar aqui no quarto mesmo ou se preferir, pode caminhar pelo corredor.

— Está bem.— Estou achando que o que falam sobre partos não é tudo aquilo, não. Não sinto nada de anormal.

— Ah, vou pedir algo para você comer, mas saiba que será uma dieta bem leve. — fala e sai do quarto deixando-nos à sós.

— Começarei pela bola, depois faço a caminhada, o que acha?

— Pela bola mesmo, eu te ajudo, mas antes preciso enviar uma mensagem para a família— Nando começa a digitar no celular.

— Mas você ainda não fez isso?

— Está louca? Se eu contasse antes da internação, eles iam fazer fila para entrar. Agora não podem subir.

— É, pensando bem, você foi mesmo esperto. Imagina a briga dos avôs? Ou até mesmo Regi e Carol? Claro que Carol tem mais vantagem por estar mais perto. Mas os outros vão pegar um jatinho e não demoram a chegar. Não quero nem imaginar o alvoroço na entrada do hospital.

— Ainda não está sentindo dor?

— Por incrível que pareça, estou muito tranquila.

— Que bom.

Depois de algumas horas, as contrações aumentam e dor resolve dar o

ar da graça, mas está bem suportável. O médico me monitorou várias vezes e em todas, era a mesma resposta.

— Você não está dilatando, continua com os mesmos três centímetros.

— Mas isso é normal, doutor?— Eu e Nando trocamos de posição, agora eu estou amedrontada e uma pilha de nervos, enquanto ele está tão calmo que chego a me assustar. Ou então está fingindo, e muito bem.

— Sim, muitas mulheres não dilatam e não tem passagem, aí fazemos uma cesariana. Mas vamos aguardar um pouco mais. Vou aumentar a dose da medicação, e como está na troca de plantão, o obstetra da noite reavalia e decide se continua com a indução ou parte para a cesariana.

— Seja o que Deus quiser, ele sabe o que é melhor para nós.

Faço mais caminhadas e exercícios na bola. A dor torna-se insuportável, com contrações a cada minuto.

— Será que dilatei? — pergunto chorando e quase sem fôlego. Nando faz uma leve massagem em minhas costas.

— Vou chamar uma enfermeira e pedir uma toalha para você tomar um banho, pode ajudar.

A essa altura estou chorando em desespero. A dor está muito forte, agora sei que as histórias que sempre ouvi são verdadeiras.

Nando conversa com uma enfermeira na porta do quarto e ela diz que é normal a dor que estou sentindo, mas que vai comunicar ao médico plantonista para vir me reavaliar.

Tomo um banho bem quente e deixo a água caindo em minhas costas, isso dá certo alívio, mas logo a dor lacerante volta a se fazer presente.

— Eu não aguento mais, vou pedir logo a cesariana e acabar com esse sofrimento. — Choro de dor enquanto visto a camisola.

— Calma, Luizinha, vai dar tudo certo. O médico deve estar por vir.
— Aquele Fernando que estava nervoso mais cedo sumiu, dando lugar a um totalmente calmo, sereno.

Parece até que foi combinado, saio do banheiro e a médica entra no quarto.

— Ai graças a Deus! — Fico tão feliz em vê-la que quase a abraço.

— Boa noite Maria Luíza, me chamo Viviane e estarei com você a partir de agora. — Me pede licença para fazer o toque, mas sua cara não é das melhores — Infelizmente não houve evolução da dilatação. Continua com três centímetros.

— Mas estou sentindo contrações a cada minuto. — continuo chorando desesperada — Já posso tomar a analgesia?

— Sim. Vou comunicar ao anestesista. Quando se alimentou pela última vez?

— Tomei apenas um copinho de gelatina, quatro horas da tarde.

— Ótimo. Vou solicitar sua analgesia e aumentar um pouco mais a medicação, depois de duas horas volto para mais uma avaliação. Mas se não houver evolução, vamos direto para a cesariana, tudo bem?

— Certo, doutora. Faça o que for melhor, não aguento mais sentir dores — Ela sai, não demora muito e o cirurgião chega com sua auxiliar e faz o procedimento em mim. A anestesia age tão rápido, que imediatamente deixo de sentir dor. Fico tão aliviada que consigo relaxar e dormir. Acordo com a médica me chamando.

— Vamos ver se evoluímos? — balanço a cabeça concordando — Sentiu a barriga endurecendo?

— Não reparei, acabei dormindo.

— Tudo bem, foi bom você dormir, vai precisar de energia para quando o bebê nascer, qual o nome dele, mãe?

— Cauã.

— É um nome lindo. — Faz novamente o toque e balança a cabeça em negativa — Não tem jeito, vamos direto para a cesárea. Uma enfermeira vem buscar vocês em instantes. Vou só pedir para prepararem a sala de parto e comunicar ao anestesista. Quando tudo estiver pronto, alguém busca vocês.

Um tempo depois uma moça aparece para nos dar algumas orientações.

— Vocês podem deixar as coisas no armário e levar a chave. Será necessário apenas uma roupinha para colocar no bebê assim que nascer. Pai — fala com Nando, que tenta disfarçar, mas está tão nervoso ou até mais que eu, bem que eu sabia que aquela calma toda era só fachada. —,essa roupa aqui é para você, só vista quando estiver na porta do bloco cirúrgico, para que não haja riscos de contaminação.

— Está bem.

— Fiquem tranquilos, vai dar tudo certo no parto. Que você tenha uma boa hora.— Sorri e sai.

— Você está com medo, Nando?

— É claro que não! — Afasta-se guardando as bolsas e trancando o armário.

— Eu estou apavorada, sempre pensei que teria parto normal e seria

mais fácil, mas descobri que só quando a gente sente a dor é que sabe o tamanho. Ainda bem que estamos juntos, se ainda estivéssemos longe um do outro, acho que seria dez vezes pior.

— Ainda bem que tudo se resolveu. — Nando acaricia minha barriga e me dá um beijo — Fica tranquila, andei lendo muito e sei que a cesariana não é tão ruim assim quanto parece. Basta guardar bem o repouso e tomar muito cuidado para os pontos não inflamarem.

— Você guardou as malas, mas se esqueceu de algo.

— Putz! A roupa para o Cauã vestir. — Bate na testa e abre o armário para tirar a roupa que escolhi. — A melhor coisa que você fez foi separar as roupas em saquinhos enumeradas. Eu não saberia qual pegar.

— Já pensou se você pega a saída da maternidade? Eu ia surtar. — Sorrimos.

— Prontos? A sala já está a espera de vocês. — A mesma enfermeira das orientações vem nos buscar.

Entro na sala de parto e Nando fica do lado de fora esperando a autorização para entrar. Quando aplicam a anestesia em mim sinto um mal estar.

— Não estou me sentindo bem — comento já com a voz fraca — Não consigo respirar.

— Relaxe um pouco, estou te monitorando, seus dados vitais estão ótimos. — O anestesista não sai de perto de mim — É apenas uma crise nervosa, já vai passar.

Nando é autorizado a entrar e senta-se ao lado da maca. Fica assustado ao ver-me sem fôlego. Segura minha mão e pergunta ao médico anestesista se estou normal. Ele explica que meus dados vitais estão em

perfeitas condições.

Estou presente, mas é como se não estivesse. Escuto as conversas ao longe, tento participar, mas não tenho forças. Nando meio desesperado conversa comigo, mas não entendo nada do que ele fala.

— Estou morrendo? Se eu estiver, cuida bem do nosso filho. — Não sei se realmente falei ou se foi apenas minha imaginação.

Consigo escutar o médico o chamando para ver nosso filho nascer. Depois tudo escurece, não vejo e sinto mais nada.

Acordo com a sala já vazia, têm apenas eu e duas enfermeiras.

— Onde está meu filho? E meu marido?

— Já vou levar você para conhecer seus bebês.

— Deve está havendo algum engano, eu tive apenas um bebê, um menino.

— Não, eu estava presente durante o parto e você teve dois bebês, mais exato, um casal.

— Está certo que faltei em algumas consultas, mas fiz três exames de ultrassom e em nenhum deles apareceram dois bebês. Eu devo estar desmaiada ainda.

— Você se acostuma. Pronto, vamos trocar de maca, vou te levar para a sala de pós-parto para você conhecer seus filhos.

Filhos? Tento acostumar-me com a ideia.

É um misto de estou muito feliz com estou muito desesperada. Como vou dar conta de cuidar de duas crianças? Eu não tenho nem uma roupa para menina. Que Deus me ajude.

Chego ao pós-parto e Nando ainda não chegou com nossos filhos. Quando ele aparece, seus olhos estão brilhando de felicidade.

— Ficou achando que eu ia desmaiar, mas quem acabou desmaiando foi você, não pensa que me esqueci que você falou que ia postar no grupo da família, saiba que fiz o mesmo. — Aproxima-se sorrindo.

— Ainda estou sem acreditar que tivemos gêmeos e que nem um ultrassom mostrou isso.

— Foi uma surpresa maravilhosa. Quase caí para trás quando o médico falou que eram dois bebês. Esperávamos o Cauã e Deus nos presenteou também com essa linda menininha.

— Vamos ter que dar um jeito e fazer uma reforma no quartinho, também comprar todo o enxoval para ela.

— Já resolvi tudo, mas se não gostar, podemos mudar algo. Pedi a Carol para organizar tudo com minha irmã, neste momento elas já estão com os planos a todo o vapor. Como o tema do Cauã é azul e vermelho, pedi que o da nossa pequena fosse de joaninha, o que acha?

— Amei, eu nem gosto de joaninha, né?

— Sabia que você ia aprovar. — Amanhã Carol ou Regi passa aqui para pegar o cartão para efetuar as compras.

— Vai ficar maravilhoso, sei que elas têm bom gosto e sabem exatamente do que me agrada. — Suspiro, apaixonada por minha família — Ainda estou em choque, porém muito feliz. Com medo de não dar conta também. — Olho nossos filhos dormindo serenamente nos bercinhos. Agora meu coração transborda de amor por estes dois serzinhos que dependem totalmente de mim.

— Parabéns aos papais — uma técnica de enfermagem aproxima-se —,

mamãe, você ainda não pode se levantar por causa da anestesia, comer ou tomar banho, somente depois de seis horas. Vamos te levar para o quarto quando começar a sentir as pernas. Se quiser, já pode tentar amamentar, posso te ajudar se precisar.

— Eu quero tentar sim. — Cauã é o primeiro a ser posicionado no peito, como ainda estou deitada, se torna um pouco mais difícil, mas ele consegue se alimentar, ele é muito esperto.

— Que nome daremos a ela? — Nando pergunta enquanto coloca o Cauã para arrotar e a enfermeira posiciona nossa pequena surpresa em meu outro seio.

— O que acha de Karen?— Sugiro, olhando seu pequeno rostinho angelical.

— Achei lindo e combina com ela, então, ela se chamará Karen.

Karen foi tão esperta quanto seu irmão, pegou o peito direitinho.

E pensar que por quase ter sido atacada no metrô encontrei a minha maior felicidade.

— Agora sim sou uma pessoa plenamente feliz e realizada. Ao seu lado conquistei tudo o que sempre sonhei.

— Meu tudo é você Luizinha, você fez de mim um homem melhor e me deu uma família, um presente do destino. Amo vocês meus amores.

Fim

Agradecimentos

Terminar este livro foi uma questão de honra, comecei a escrevê-lo em março de 2019, em junho engravidei e não consegui escrever mais nem uma palavra. Cheguei a pensar que estava perdido, mas Karen nasceu um ano após o início do livro e encontrei nela forças para continuar e concluir. Aliás, o parto da Malu foi baseado em fatos reais, o que vivi no nascimento da minha filha.

Primeiramente, agradeço a Deus, por me dar forças para continuar a escrever.

Ao meu marido e minha filha, por cada momento que preciso me ausentar par escrever, muito obrigada.

A minha leitora beta Luzia, obrigada por me incentivar a concluir o livro e me desafiar a escrever sobre os outros personagens.

Aos meus leitores, que nunca me abandonam, sem vocês eu nada seria. Obrigada por cada mensagem de incentivo, meu coração transborda de amor.

A Mari Sales, muito obrigada por sempre me apoiar, me socorrer e acreditar em mim.

As minhas amigas e parceiras, não poderia deixar de mencioná-las: Dresá, Tati, Mari Helena, Karina, Bernadete e Nath, obrigada por me aturarem, hahahaha.

Aos meus pais e irmãos, mesmo os que não gostam de ler, sempre me dão apoio, amo vocês.

Aos IGs que sempre me apoiam e divulgam (Não mencionarei os nomes pra não correr o risco de esquecer algum), muito obrigada pelo apoio incondicional.

Ah, Kera é uma abreviação carinhosa usada por minhas primas, obrigada por deixarem eu eternizar em meu livro.

Sobre autor

Léia Fernandes nasceu em Vitória-ES, mas mora atualmente em Betim MG. Viciada em leituras (Tem mais livros do que roupas e sapatos). Na adolescência escrevia frases e poemas aleatórios, mas foi somente no final de 2015 que resolveu colocar os sentimentos para fora e escrever seu primeiro livro “Meu lugar é ao seu lado”, que fez sucesso entre os amigos e familiares. Através dele, novas amizades foram feitas e novas histórias escritas.



Outras obras



Meu Melhor Engano: <https://amzn.to/3f8geSh>

Sinopse: Uma carta endereçada a outra pessoa mudou totalmente a vida de Catarina. Recomeçando longe da família e amigos, ela se viu ligada as cartas que recebia por engano até que resolveu escrever de volta ao remetente e lhe informar que ele estava enviando para o endereço errado.

Foi quando tudo mudou completamente.

Ele apenas assinava como “romântico anônimo” e Catarina cada dia estava apegada ao estranho, pois o que ele escrevia nas cartas era tudo o que ela queria e precisava ouvir. Certo dia, alguém bate à porta e para sua surpresa, era ele quem chegara ali.

Mesmo receosa em tê-lo em sua casa, escolheu perder o medo e o mandou entrar. Quando assim o fez, Catarina não imaginava que aquele estranho se tornaria o amor de sua vida e que o romântico anônimo a faria a mulher mais feliz do mundo.

Foi através de uma carta enviada para o destinatário errado que o melhor engano aconteceu na vida dela.



Feito Para Você: <https://amzn.to/3jFvqdb>

Sinopse: Juliano era considerado o mais pegador dos amigos, nunca se apegou a ninguém, sempre almejou viver o mesmo amor de seus avôs. Quando seu olhar se depara com aquela morena de olhos verdes seu mundo paralisa bem ali e tudo o que para ele eram dúvidas se transformam em certezas.

Manu acabara de sair de um relacionamento longo e não tinha a intenção de se envolver com ninguém, até que seu olhar vagueia e se prende nos olhos chocolate daquele homem fascinante na mesa ao lado.

O cupido resolveu lançar suas flechas e Manu e Juliano não ficaram imunes

as flechadas.



Deite Em Meus Braços: <https://amzn.to/302FV2n>

Sinopse: Eloíse nunca trabalhou na vida, seus estudos foram até o ensino médio. Filha de pais rígidos casou-se muito nova com um homem vinte anos mais velho e apesar de não amar o marido, abraçou o casamento sonhando com a felicidade.

Achando que encontraria ao lado do marido sua tão sonhada liberdade, Eloíse se vê constantemente agredida pelo homem que deveria ser seu porto seguro. Culpando-se pelas agressões sofridas, a jovem chega ao pronto socorro com uma forte hemorragia e descobre que estava grávida.

Daniel é um médico cirurgião geral que ao encontrar Eloíse no corredor do hospital a atende de imediato transferindo-a em seguida para o especialista do qual ela necessita, no entanto, acompanha de perto seu atendimento e tenta a todo custo descobrir algo mais sobre ela.

Revoltado com a situação da paciente, o médico a diagnostica um problema cardíaco inexistente na esperança de assim entender melhor o que se passa com ela.

Uma mulher destruída psicologicamente...

Um homem gentil...

Uma história de encontros e desencontros à procura do felizes para sempre!



Meu Lugar é ao seu Lado: <https://amzn.to/2Eq7Fpk>

Sinopse: Aos 26 anos de idade, Evelyn Dias, acreditava que o amor não era para ela.

Seus namoros sempre terminavam de alguma forma trágica.

Com o último, foi parar até mesmo na delegacia, no dia do seu aniversário.

E agora ela tomou uma atitude de ignorar todos os homens à sua volta.

Acreditava que a felicidade não era para ela.

Mas o destino reservou para ela algo surpreendente, que nem em seus sonhos mais profundos, ela sequer imaginou que algo assim lhe aconteceria.

Ele, um empresário bem sucedido, descendente de italiano, e podre de rico.

Prestes a se casar aos 34 anos descobre que sua santa e imaculada noiva, o traía com seu até então melhor amigo. E que o pai dela, que era seu sócio, há tantos anos, apoiava essa vida dupla da filha.

Mal sabem eles, o que o destino lhes reserva.